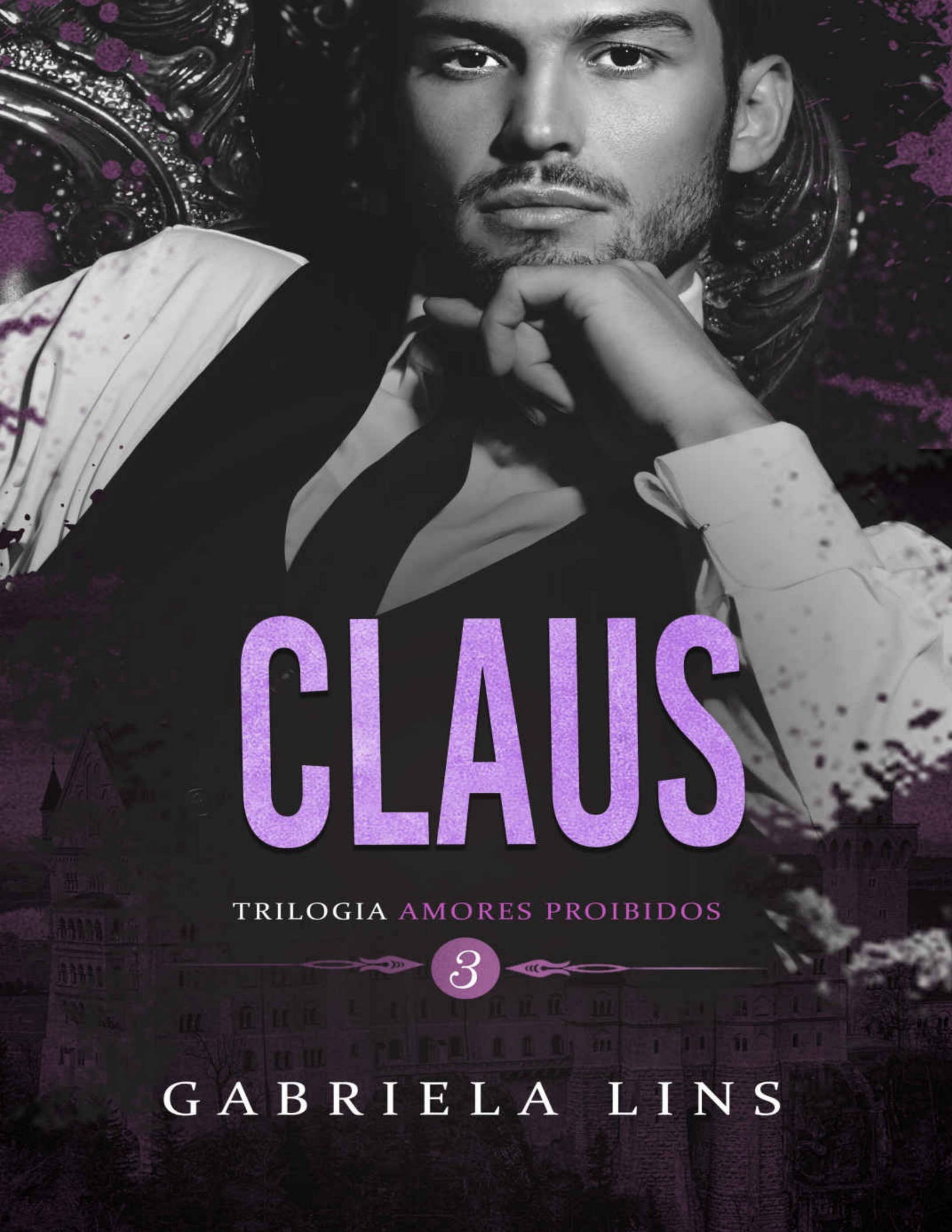




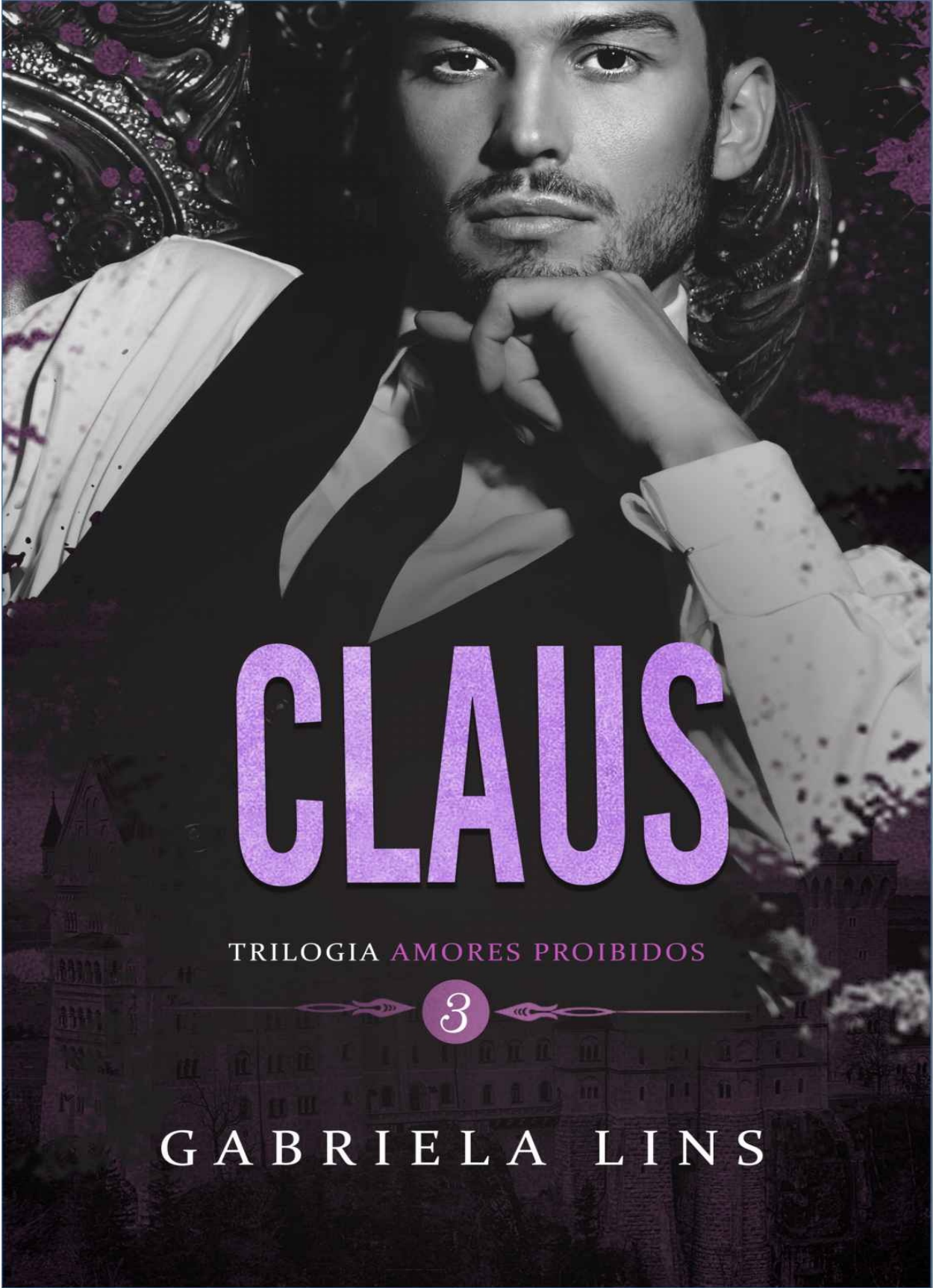
CLAUS

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS

3

GABRIELA LINS





CLAUS

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS

3

GABRIELA LINS

CLAUS

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS



GABRIELA LINS

Copyright © 2021 Gabriela Lins

Capa: Mari Capista

Revisão: Angélica Podda

Diagramação: Gabriela Lins

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil



DEDICATÓRIA

Quero dedicar esse livro a você, que tirou um pouco do seu tempo para ler essa trilogia maravilhosa. Muito obrigada pelo carinho e pela atenção.

Tenha uma boa leitura.

Gabriela Lins

O livro contém gatilhos e nenhum deles é romantizado.



PRÓLOGO

O país está em festa, hoje assumo como rei da Dinamarca. Meu pai faleceu há menos de um mês e, por mais que todos estejam festejando, eu não estou; perdi meu herói e isso me dói até a alma, mas tenho que abrir um sorriso falso e saudar todos da varanda do Palácio Amalienborg, na cidade de Copenhagen. O anúncio foi dado no Palácio de Christiansborg, entretanto, para continuar com o teatro de homem feliz estou aqui, na varanda da minha casa, vestido no uniforme militar com o brasão do país e diversas medalhas, uma coroa de marfim, ouro e pedras preciosas na cabeça, um cetro na minha mão esquerda e uma esfera na minha mão direita, ambos no mesmo material da coroa, na minha cintura está a espada real, que foi usada nas coroações e enterros de reis e rainhas da Dinamarca.

— Todos saúdem a Sua Majestade, o Rei Claus Asger Ragnhild Bennedsen de Greisen III. — Toda a multidão vai à loucura quando o arcebispo termina sua fala.

Primeiro foi minha mãe, depois meu pai, e neste momento estou sendo obrigado a assumir um título que tanto odeio. Quero que isso acabe logo.

TRÊS ANOS DEPOIS

Bebo meu copo de uísque como se fosse água enquanto observo todos ali presentes, reis, rainhas e príncipes de países da Europa no salão do Palácio; tudo isso é um tédio sufocante, ficar no mesmo ambiente de pessoas que odiavam a minha mãe, mas, como único herdeiro, tive de assumir a coroa. Até gosto do lado onde eu ajudo as pessoas, participo de programas sociais com o povo dinamarquês, mas nessas festas, com essas pessoas, não me sinto bem.

— Parece entediado — murmura meu primo Axel, duque de Augustenborg e meu amigo.

— Sabe que assumir a coroa não estava nos meus planos, ao menos não agora, meu pai morreu muito cedo — murmuro com melancolia.

— Pobre rei Asger, nem chegou aos sessenta anos e o câncer o levou, mas amigo, infelizmente essa é a vida de nós, os nobres. Chega um dia em que temos de assumir responsabilidades. — Essa conversa sempre me deixa deprimido.

— Vou tomar um ar, depois nos falamos. — Caminho para fora do salão, indo o mais longe possível dos convidados. Quando chego ao corredor que leva à saída dos fundos do Palácio, me surpreendo ao ver uma moça sentada no chão e chorando bastante; preocupado, me aproximo.

— Senhorita, tudo bem?

— Me deixa sozinha, por favor, quero me afogar na minha vida inútil. — Ela vestia um uniforme como as funcionárias que estavam servindo no salão.

— Olha, acho que aqui não é o melhor lugar para isso, algum dos seus superiores pode ver e demiti-la. — Ela ri, ainda sem me olhar.

— Eu já fui demitida, só porque disse que precisava ir embora mais cedo para ficar com o meu irmão.

— Mas isso é errado, não há nenhum mal em querer sair mais cedo para ficar com algum familiar. Vou falar com a sua supervisora. — Ela vira seu rosto para mim, determinada a dar alguma resposta, mas para ao ver quem eu sou. — Sua Majestade, me perdoe.... Eu...

— Tudo bem, não tem porque se desculpar. — Observo seu rosto e fico surpreso com tanta beleza, pele branca como a neve, olhos azuis como o céu, cabelo escuro e longo, lábios carnudos; parece uma boneca.

Ao se levantar do chão, foi inevitável não olhar mais, ela é baixinha, corpo curvilíneo, diferente dos padrões que a sociedade pinta.

— Eu tenho que ir embora; me desculpe, Sua Majestade. — Quando ela se vira para sair percebo algo que me deixa ainda mais surpreso.

Ela tem uma deficiência na perna esquerda.

— Ei, espere. — Ela para e me olha. — Acha que está tudo bem? Quer dizer... Você está...

— Sou assim desde pequena, Sua Majestade, já estou acostumada. — Abre um sorriso fraco.

Desde pequena? Mas isso parece ser horrível!

— Eu vou com você até a sua superiora. — Ela arregala os olhos.

— Não! Por favor, ela é única pessoa que conheço que me arruma uns bicos, preciso disso para me sustentar.

Como a vida dessa moça é miserável.

— Poderia trabalhar no Palácio. — Ela arregala os olhos.

— O quê?!

— Sempre precisamos de empregados, poderia colocá-la para trabalhar aqui. — Por que eu estou fazendo isso? — Qual o seu nome?

— Charlotte.

— Prazer, me chamo Claus, Rei da Dinamarca



CAPÍTULO 01

CHARLOTTE BECKER

Abro a porta da minha casa ainda em êxtase pelo encontro de mais cedo com o rei. Deus, quem diria! Eu, uma moça que mora na parte mais afastada e classe baixa da cidade, conversando com Sua Majestade. Com certeza, se eu contar isso, ninguém vai acreditar, afinal, sou só uma plebeia.

— Filha, que bom que chegou, estava preocupada com você. — Dona Alma me ajuda a tirar meu casaco.

— Como o Armin está? — Minha mãe faz uma careta.

— Deitado e dormindo, todos os dias eu peço a Deus que nos ajude nessa caminhada. — Me jogo no sofá velhinho de nossa casa.

— O doutor Akgel ligou, disse que precisamos levá-lo para mais uma consulta amanhã, para ver como está a paralisia.

Meu irmão sofreu um acidente há um ano; ao ser atropelado por um carro que nunca soubemos quem era o motorista, a paralisia da cintura para baixo foi a consequência. O doutor Akgel era amigo do nosso pai, que morreu vítima de um câncer no fígado. Akgel faz as consultas para nossa família de forma gratuita, ele nos deu esperanças para que Armin volte a andar novamente, porém, meu irmão deve fazer uma cirurgia que não podemos custear e várias sessões de fisioterapia. O valor é alto demais e mesmo trabalhando dia e noite sem parar, fazendo horas extras, ficando sem comer, minha mãe e eu alternando entre quem fica com ele e quem vai trabalhar, não chega nem perto da metade. E, para piorar, o médico nos alertou que a demora da cirurgia pode dificultar a recuperação dele e talvez fazê-lo nunca mais voltar a andar.

É duro imaginar isso; Armin tem quinze anos, um jovem que tem muito o que fazer na vida e acabar assim, por culpa de um irresponsável que ultrapassou o sinal vermelho em uma faixa de pedestres, é uma droga.

— Tudo bem, mas eu vou precisar que você leve ele ao hospital amanhã.
— Ela me olha confusa.

— Claro, mas por quê?

— Eu sei que vai parecer uma loucura, mas a Ashley, a moça que

geralmente me arruma bicos, além do meu emprego de recepcionista na EBRAS Farmacêutica, me dispensou. Quebrei algumas taças ao tropeçar e ela me mandou embora; eu estava sentada, chorando em um canto e do nada, quem eu avisto? O rei! Ele veio falar comigo! — Ela arregala seus olhos, azuis como os meus.

— O quê? Está falando sério?

— Muito sério. Ele me ofereceu um emprego no Palácio e pediu que eu fosse lá amanhã e que irá me receber.

— Uau! Eu estou surpresa. Quer dizer, o próprio rei, além de lhe oferecer emprego, vai recebê-la em seu Palácio... — Minha mãe se senta. — Querida, só tome cuidado.

— Por que diz isso?

— É estranho demais alguém como Sua Majestade fazer algo desse tipo por pura gentileza. Infelizmente devemos suspeitar quando o que nos propõem é bom demais, ainda mais vindo de alguém tão poderoso. — Solto uma risada fraca.

— Acha mesmo que alguém como ele iria querer algo comigo? Por favor mamãe, olhe para mim; sou pobre, não sou magra e ainda por cima sou manca. Acho que o rei deve ter opções melhores. — Ela me olha de cara feia.

— Lotte, eu já disse para parar de se menosprezar. Você é linda, aquele seu ex-namorado que era um imbecil.

— Não diga isso somente para me agradar, e não toque mais no nome desse cara aqui, Henry é passado. — Henry causou muito mais que feridas físicas.

— Charlotte.

— Olha mãe, precisamos descansar, ambas temos que acordar cedo. Boa noite. — Beijo sua testa e sem deixar que ela diga mais alguma coisa, vou para o meu quarto.

Contos de fadas não existem, muito menos para mim, que estou longe de ter o perfil para ser uma princesa ou algo do tipo. Sonhos só nos fazem perder tempo. Nossas realidades são muito diferentes do que imaginamos e, no momento, não tenho tempo para isso. Henry tinha razão, mulheres como eu nunca terão um final feliz.

Observo o Palácio de longe, sempre quando olho para ele fico chocada com o tamanho, é enorme! Deve cobrir um quarteirão inteiro! Copenhagen é conhecida como a cidade real da Dinamarca, grandes eventos da realeza ocorrem aqui. Nossa cidade também é conhecida por ser uma das mais seguras e caras do mundo, vista como uma das cinquenta cidades europeias do futuro. Claro que a parte de ser cara é mais para turistas e para quem gosta de viver no luxo, pois tem a parte onde vivem pessoas como eu. O bom de morar aqui é que é fácil conseguir emprego, tanto que além do que eu tinha como recepcionista, também fazia bicos. O dinheiro, se não fosse o problema do meu irmão, daria para garantir uma vida sem problemas de comida e moradia, mas não faria isso ao Armin, ele não merece viver em uma cadeira de rodas quando há esperanças para que ele volte a andar. Os sacrifícios que eu e minha mãe estamos fazendo agora vão valer a pena, porém, ainda não são suficientes; a cirurgia, a fisioterapia, as diárias no hospital após a cirurgia, tudo isso custa muito caro.

Mas acredito que agora nossas chances vão aumentar. Antes de vir aqui fui ao meu emprego atual e pedi demissão, me liberaram para ver o emprego hoje quando souberam que é no Palácio. Ainda não sei o que farei lá, mas pelo que soube, os empregados ganham muito mais do que eu recebia no meu antigo emprego, mais os bicos que fazia, tudo junto não soma o salário de uma simples empregada real.

Tínhamos dinheiro guardado, entretanto, usamos até o último centavo para custear o tratamento do meu pai quando ele ficou doente, o que infelizmente não deu certo; foram meses lutando para que ele vivesse, mas não adiantou.

— O que a senhorita deseja? Não pode passar. — Um dos guardas reais me barra.

— Ah, eu vim para uma vaga de emprego que o rei me prometeu no Palácio. Podem falar com ele? Me chamo Charlotte Becker. — Eles riem.

— Está bem. Vai embora, manquinha, antes que chamemos a polícia.

Manquinha?!

— Ei, eu tenho nome, e o rei disse para que eu...

— Olha só, se fosse ao menos gostosa, poderíamos deduzir o tipo de serviço que ele deve ter te oferecido, mas além de manca está acima do peso, totalmente fora dos padrões que ele gosta. Agora vai embora. — Os infelizes

riem.

— Por favor, eu realmente estou falando a verdade, ao menos podem perguntar diretamente a ele? O Claus disse que ia avisar a guarda que...

— Isso é um ultraje, o chamando pelo primeiro nome! Antônio, leve essa mulher para o mais longe possível. — Me assusto quando um deles se aproxima, me fazendo tropeçar em meus pés e cair.

— Não me toque. — Tento me levantar, mas acho que torci o pé onde eu já tinha um problema.

Era só o que me faltava.

— Levanta logo, manquinha! — Me puxam pelo braço e eu grito de dor quando meu pé entra em contato com o chão.

— Parem agora! — Todos olhamos para a mesma direção e vejo os guardas arregalarem os olhos ao ver de quem se trata.

— Sua Majestade! Nos perdoe, mas essa mulher o insultou o chamando pelo primeiro nome e disse que Sua Majestade a chamou para trabalhar aqui. — Claus se aproxima, me ajudando a levantar, e gemo com a dor no pé.

— Está bem? Te machucaram? — Olhos castanho-claros e preocupados me encaram.

— Acho que machuquei o pé. — Claus volta a olhar para eles.

— Eu a mandei vir aqui e estava chegando justamente para avisá-los da chegada dela, porém, mesmo se não fosse esse o caso, não lhes dá o direito de tratar ninguém assim. Eu vi o que fizeram e quero os dois fora da minha guarda real e o mais longe possível do meu Palácio. Não quero pessoas assim tomando conta da minha segurança e da minha família.

— Sua Majestade, não faça isso, eles não sabiam. — Ele me olha surpreso.

— Vai defendê-los depois do que fizeram?

— Eles não sabiam de nada e só estavam protegendo o Palácio de invasores, deixa isso para lá. Com certeza devem ter famílias para sustentar e eu não quero causar problemas a ninguém. — Ele parece relutar várias vezes antes de falar.

— Depois quero vocês no meu escritório e saibam que se não foram demitidos, foi graças a ela. — Sem dizer mais nada, ele me ajuda a caminhar

para dentro da propriedade.

— Acho melhor eu ir para casa.

— Está louca? Minha guarda a machucou sem motivo algum, devo lhe ajudar; fora que você veio para o emprego, então nada mais justo. — Me surpreendo quando ele me pega no colo com uma facilidade absurda.

— Não precisa...

— Só fique quieta e deixe-me ajudá-la.

Penso em dizer algo, mas opto por me calar por agora, olho para ele enquanto caminha comigo em seus braços e imagino o quão malucas as mulheres devem ficar na presença dele. Além de um rei exemplar, ele é lindo; olhos castanho-claros, pele branca com leves bronzeados, cabelo castanho-escuro penteado para trás, uma barba rala, queixo quadrado, braços fortes e definidos, peitoral largo e com certeza malhado. A roupa que veste deixa bem destacado tudo isso, camisa branca enrolada até os cotovelos, os três primeiros botões abertos e uma calça social que molda suas pernas.

Mas, sinceramente, eu não deveria pensar nisso e sim no que vai acontecer comigo, que estou com o pé mais fodido do que já estava e com um rei me carregando nos braços.

Porra, só faço merda!



CAPÍTULO 02

CHARLOTTE BECKER

Observo com atenção toda a decoração do quarto em que me encontro, enquanto um médico que Claus chamou examina meu pé. A todo tempo ele fica atento ao que o homem faz, parece realmente preocupado.

— Claus, ouvi os funcionários comentarem sobre uma moça que trazia em seus braços. — Uma moça de mais idade entra, vestida de forma elegante, cabelo com leves fios grisalhos intercalados com os fios loiros, baixinha e com os olhos azuis.

— Está tudo bem, tia, essa é a Charlotte, a moça que chamei para trabalhar aqui. — A moça me olha com um olhar simpático.

— Deus! Mas o que houve com ela? — questiona aparentemente preocupada.

— Dois guardas reais a impediram de entrar e a jogaram no chão com violência, ameaçaram arrastá-la e a insultaram. Aparentemente, a brutalidade deles a machucou. — Ela me olha horrorizada.

— Que horror! Mas isso é inadmissível, devem ser demitidos.

— Eu disse a Sua Majestade que não havia necessidade, eles só estavam fazendo o trabalho deles.

— Machucar pessoas não é um desses trabalhos, poderiam ter causado estrago pior.

— Mas eu sou uma desconhecida. Quando me aproximei, eles só queriam afastar uma possível invasora da propriedade real. Claro que a violência se deve usar em último caso, o que não deveria ter sido naquele momento, porém eles

devem estar arrependidos e têm famílias para sustentar; me sentiria mal caso perdessem seus empregos por culpa de uma plebeia. — O olhar que ela me lança é estranho, mas ao mesmo tempo, com... Admiração?

— Sabe, você falando desta forma me faz lembrar muito a minha cunhada.
— Pisco meus olhos várias vezes.

— A... Rainha Aya?! — pergunto espantada.

— Sim, a mãe de Claus sempre colocou o bem-estar de todos acima de tudo e acreditava que pessoas podem cometer erros e mudar. Já meu irmão não era assim, mas por amar tanto Aya, ele a escutava muito; ela foi uma verdadeira rainha, que todos amavam e aclamavam.

— Sua Majestade, essa mocinha precisa ficar de repouso, mas antes deve ir ao hospital fazer um raio X, senhorita...?

— Charlotte Becker.

— Senhorita Becker. Pelo que vi, você já tem uma deficiência no pé, é de nascença?

— Sim.

— E não faz uso da bota ortopédica ou algum aparelho para proteção e para ajudar a não prejudicar com o tempo? — Olho sem graça para Claus e sua tia.

— Doutor, prefiro não dizer. — Contar que tive que vender a minha bota ortopédica para levantar um dinheiro não seria algo bom a falar na frente de pessoas endinheiradas; podem achar que vou querer algo além de um emprego.

— Tudo bem, mas precisa dela. Você deu uma leve torcida no pé, que vai melhorar em poucos dias, mas recomendo ir ao hospital e fazer o que pedi. Além disso, o uso da bota. Mais acidentes assim podem causar danos irreversíveis ou até a amputação do seu pé. — Solto um sorriso fraco.

— Obrigada doutor, farei o que pediu. — Vejo Claus acompanhar o tal médico enquanto sua tia me encara, curiosa.

— Eu sei que deve ser algo pessoal, mas por que não quis responder a pergunta sobre a bota? Nunca teve uma?

— Sua Alteza, não é? A viúva do Duque de Augustenborg? — pergunto.

— Sim, mas pode me chamar de Ellinor, meu filho assumiu praticamente

junto com Claus seus títulos reais, com a morte de seus pais.

— Aconteceu algo em minha família que me fez não ter mais a minha bota, mas por favor, é tudo que posso dizer no momento. — Ela parece ponderar antes de balançar a cabeça em concordância.

— Charlotte, vou levá-la ao hospital — diz o rei ao entrar no quarto, eu arregalo olhos.

— O quê?! Sua Majestade, não há necessidade de...

— Claro que sim, meus guardas fizeram isso a você, é minha responsabilidade. Sobre o emprego, pode esperar mais uns dias para iniciar suas funções, que envolvem cuidar de tudo da casa dirigido a mim: meu escritório, meu quarto e assim por diante. Até que possa desempenhar suas funções, eu vou assegurar que não lhe falte nada. — O olho surpresa.

— Não, por favor, não tem que fazer isso, eu preciso do emprego.

— E terá ele, assim que se recuperar. — Ameaço levantar da cama, mas antes que eu faça isso, o rei me impede.

— Charlotte, você... — Ele para de falar quando vê lágrimas em meus olhos.

— Eu não quero caridade e sim um emprego para que eu possa pagar a cirurgia do meu irmão. Eu já nasci com esse pé defeituoso, não vou deixar que ele fique sem andar por culpa de um irresponsável que nunca foi penalizado por dirigir de forma incorreta! — Ambos me olham, surpresos por minhas palavras. — Sua Majestade, eu... Me desculpe... Eu só...

— Tia, pode nos deixar sozinhos? — Sem questionar, a Duquesa sai do quarto e Claus se senta bem do meu lado.

— Sua Majestade... Eu...

— Eu entendo você, ter pessoas te olhando com pena o tempo todo, achando que devem te tratar da melhor forma possível senão você pode se quebrar a qualquer momento. — Seus olhos castanho-claros com salpicos esverdeados me encaram com uma intensidade que nunca pensei que algum homem me olharia. — Eu me senti assim quando meu pai morreu, todos me olhavam como se eu fosse frágil, com pena e medo de enlouquecer por ter perdido o meu herói, mas na verdade, tudo que eu queria era só que me tratassem normalmente, assim me sentiria melhor e teria sido mais fácil superar

a morte do meu pai, que até hoje, depois de três anos, não superei.

— Se me entende, então sabe como me sinto.

— Sim, eu sei, mas o que estou fazendo é algo que a tal pessoa que atropelou seu irmão deveria ter feito. E como meus funcionários lhe fizeram isso, é minha responsabilidade arcar com tudo, ainda mais que irá trabalhar para mim. — A transparência dele é algo que me fascina.

— Posso aceitar qualquer coisa que seja para cuidado médico, mas não dinheiro. Sua Majestade, por favor, vou me sentir insultada. Eu só quero receber algo seu quando já estiver trabalhando. — Ele parece ponderar muito.

— Charlotte...

— Claus...

Nossos nomes saem de nossas bocas em uma súplica tão intensa! Nossos olhares se cruzam de uma tal maneira que fica difícil desviar o olhar. Claus levanta a sua mão e leva ao meu rosto, coloca uma mecha do meu cabelo para trás e esse ato o deixou ainda mais próximo de mim, o toque da sua pele com a minha causou uma sensação estranha, parecendo uma corrente elétrica muito forte passando por meu corpo, e pela expressão dele, acho que sentiu o mesmo.

— Eu... Vou levá-la ao hospital — murmura.

— Não precisa...

— Por favor, não me prive disso. — Em seus olhos posso ver claramente o quão importante é para ele que eu aceite.

— Tudo bem, só preciso ir para casa depois.

— Sabe que aqui seria muito bem tratada, assim não forçaria o pé.

— Sua Majestade, agradeço o convite, mas prefiro ficar com a minha família em minha casa. Minha mãe e meu irmão precisam de mim, mesmo sendo inútil neste momento com o pé machucado. — Me assusto quando ele se levanta e me pega novamente em seus braços. — Isso tem necessidade?

— Claro que sim, visto que não pode pôr os pés no chão, ainda mais que pode piorar a sua situação e acredito que não queira isso.

— Não, mas o que as pessoas vão dizer de Sua Majestade carregando uma plebeia em seus braços? — O sorriso que ele abre é a coisa mais linda que meus olhos já tiveram o prazer de admirar.

— Sinceramente, não ligo para a opinião de ninguém sobre o que faço da minha vida. Pessoas famosas ou nobres se reprimem e se limitam a muitas coisas com medo do julgamento alheio, porém, o ser humano é falho; ninguém é perfeito, nem mesmo um rei. — Ele começa a caminhar.

— Se diz isso, quem sou eu para questionar. — Ele ri.

— E não me sinto carregando uma simples plebeia, e sim uma linda mulher com a aparência do anjo mais belo que já vi. — É impossível não ruborizar diante dessas palavras, ainda mais vindas de Sua Majestade.

Por que sinto que haverá mais momentos como estes entre nós dois?



CAPÍTULO 03

CLAUS ASGER

Observo o doutor examinar minuciosamente Charlotte, ele avalia o raio X tirado do pé dela e depois olha cuidadosamente o seu prontuário médico. Ela não tira os olhos dele, está apreensiva e provavelmente assustada.

— Sua Majestade, quero ressaltar que é uma honra tê-lo aqui. — Reviro os olhos, cansado dessa bajulação toda.

— Tudo bem, mas pode nos dar o prognóstico? — Ele fica sem graça ao perceber que não liguei muito para a sua bajulação.

— Então, a senhorita Becker vai precisar ficar alguns dias em repouso, e vai precisar da bota ortopédica para não piorar a questão da deficiência. Pelo que vi no raio X só foi uma torcida mesmo, mas para ela isso pode ser prejudicial, diante de suas condições.

— Posso ir para casa? — pergunta nervosa.

Por que ela está assim?

— Claro, só tente não forçar o pé no chão por alguns dias, depois tente caminhar aos poucos.

— Doutor, pode nos deixar sozinhos, por favor?

— Claro, Sua Majestade. — Assim que ele sai do quarto encaro Charlotte.

— Parece que quer se livrar de mim. — Tento descontraír.

— Eu só não quero causar mais incômodos. — Me aproximo e me sento na cama.

— Eu já disse que isso não é incômodo algum e me sinto na obrigação de preservar sua saúde, já que foram os meus funcionários que lhe causaram isso.

— Mas eles já se desculparam. — A olho abismado.

— Você é sempre passiva desse jeito?

— Como assim?

— Acho linda a inocência que você tem, mas ao mesmo tempo isso me

preocupa. Pode ser ruim quando encontrar pessoas que possam lhe fazer um mal maior. — Ela me lembra a minha mãe.

— Acho que viver com ódio, raiva ou mágoas não é bom, isso só corrói nossa alma e nos faz sucumbir à dor e à tristeza. Meu pai sempre ensinou isso a nossa família e acho que eu fui a única que levou a sério. — O sorriso dela, mesmo sendo de tristeza, é lindo.

— Pela carinha que você fez, aconteceu algo com seu pai? — Seus grandes olhos azuis se enchem de emoção.

— Ele morreu há alguns anos, com um câncer no fígado; ele era o melhor pai do mundo.

— Eu entendo você, quando meu pai morreu foi duro demais para mim, e mal pude chorar a morte dele, pois tive que assumir a coroa bem rápido.

— Mas Sua Majestade parece fazer isso com maestria, ouço maravilhas na rua sobre seu reinado. — Ouvir isso me enche de alegria e orgulho.

— Fico feliz em ouvir isso, mas devo confessar que se não fosse minha família, eu não seria capaz de tais feitos. — O silêncio que predomina no ambiente é reconfortante, meus olhos em nenhum momento se desviam dela, mas acho que eu a intimido, já que são raras as vezes que ela me olha nos olhos. Para quebrar esse clima, volto a falar. — Tem algo que me chamou a atenção. Mais cedo você falou sobre o cara que atropelou o seu irmão com uma certa raiva, porém, ainda há pouco disse que não sabe guardar esses sentimentos.

— Em relação ao meu irmão ainda estou tentando mudar isso, mas fica difícil toda vez que olho para ele, deitado naquela cama ou na cadeira de rodas. Armin só tem quinze anos e tem muito o que viver, ele está perdendo o melhor da vida naquele estado e o fato de não conseguir a maldita cirurgia e os tratamentos para que volte a andar me deixa pior ainda.

— O caso dele é reversível?

— Sim, mas tudo custa uma fortuna e o emprego no Palácio era a minha esperança de juntar o dinheiro para, ao menos, começar tudo.

— Sabe que posso ajudar em relação a isso. — Ela ri.

— Olha, Sua Majestade, eu não sei que tipo de mulher pensa que sou, mas eu não...

— Ei, me insulta você pensar que sou esse tipo de pessoa, mas se estou

oferecendo ajuda é porque eu posso mesmo ajudar. Afinal, sou o rei deste país e é meu dever cuidar do bem-estar do meu povo.

— Olhando por este lado sim, mas não vou me sentir bem em aceitar isso.

— Tudo bem, não vou insistir; entretanto, deveria pensar no seu irmão e saber o que ele acha disso, já que é benéfico para ele.

— Sabe, isso é jogar baixo. — Abro um sorriso.

— Sim, mas é a verdade.

— Vou falar com ele sobre isso ao chegar em casa. — Ela ameaça se levantar, mas para ao provavelmente sentir dor no pé.

— Ei, sabe que não pode forçar o pé, não sabe? Eu vou te levar em casa.

— Eu só vou aceitar porque quero ficar boa logo para poder trabalhar, mas não acho que é uma boa ideia toda aquela guarda real chegar em frente à minha casa. Vizinhos são curiosos e isso pode gerar rebuliços.

— Bom, eu sinceramente não ligo para nada disso, mas se for para te deixar mais tranquila, vou pedir para ir dois guardas no carro conosco e o restante ficar a uma certa distância. — Ela balança a cabeça em concordância.

Me levanto da cama e a pego em meus braços.

— Olha, acho que você tem algum problema em me deixar no chão. — Charlotte ri com o próprio comentário, o que me faz rir também.

— Só deixe seu rei cuidar de você — murmuro.

— Claro, Sua Majestade, porém me surpreendo com o fato de conseguir me carregar no colo com facilidade. — A olho confusa.

— Por que diz isso?

— Dizem que eu não sigo os padrões da sociedade, extremamente magra, com peitos médios e bunda pequena.

— Nunca mais repita isso, você é uma mulher linda e com um corpo maravilhoso; não sei porque as mulheres tem essa questão de gorda ou magra, todas são lindas da mesma forma, independente do peso.

— Diga isso à maioria dos homens, porque isso os influencia muito, não só eles, mas as mulheres também. As pessoas nos olham com um certo preconceito por não vestir trinta e seis ou trinta e oito, no meu caso isso só piora pela minha

deficiência. — Começo a caminhar com ela para fora do quarto, a guarda real nos escolta, mas para evitar paparazzis e repórteres, resolvi ir pela saída dos fundos.

— Todos são uns tolos, não sabem a oportunidade que estão perdendo ao deixar uma mulher bela como você escapar, porque além de linda, é gentil e inteligente. — Posso ver claramente ela corar, o que de uma forma estranha me faz ficar feliz.

Por que essa mulher me fascina tanto? Eu a vi no máximo duas vezes e é como se o mundo a minha volta parasse e ela se tornasse o centro de tudo. Talvez possa ser pena pela situação ou porque me simpatizo bastante com a moça e a sua história, porém, ainda sinto que há muito mais do que imagino e isso me assusta bastante.

Ao chegarmos em frente à sua casa a ajudo a sair do carro, e antes que ela ponha seus pés no chão, a pego no colo novamente. Faço um sinal para que os guardas no carro esperem ali dentro mesmo para não chamar a atenção; caminho com ela em meus braços e mal chegamos na porta a mesma é aberta, revelando uma senhora, que aparenta ter a idade de minha tia, nos encarando em estado de choque.

— Mamãe, desculpe não ter avisado nada, mas é que... O Claus, quer dizer, Sua Majestade, me levou ao hospital e...

— Antes de começar as perguntas e respostas acho melhor entrarmos, está esfriando e esse carro na entrada pode chamar mais atenção do que já chama — murmuro a interrompendo, a senhora na porta nos dá passagem e rapidamente entramos.

Ao que vejo é uma casa simples, mas bem bonita e arrumada, observo logo um sofá na sala e aproveito para por Charlotte sentada ali, com todo cuidado do mundo.

— Sua Majestade... Quer dizer... Sua Majestade Real, deseja alguma coisa?

— Não, senhora, estou bem, aliviado por ter trazido Charlotte em segurança — digo.

— Se me permite perguntar, o que aconteceu com minha filha? — Ela vai até Charlotte e parece procurar mais curativos ou machucados.

— Charlotte foi até o Palácio, como eu havia solicitado, mas os meus guardas foram rudes com ela e a machucaram. Rapidamente eu intervi e a levei ao hospital quando percebi que seu pé havia sido lesionado.

— Meu Deus! Por que existem pessoas assim? Poderiam tê-la machucado mais — diz a mãe dela preocupada.

— Eu iria puni-los, mas sua filha insistiu para que eu não os demitisse. — A mãe dela ri.

— Lotte tem um senso de bondade grande demais, já disse que existem pessoas ruins no mundo e podem usar isso contra ela. — Balanço a cabeça em concordância.

— Como foram meus funcionários que causaram isso, eu mesmo vou cuidar dos gastos médicos que podem vir a seguir para que ela se recupere e vá trabalhar no Palácio; me ofereci em pagar o salário que ela iria receber, mas Charlotte não aceitou.

— Se não trabalhei, não é justo receber — murmura.

Quanta teimosia.

— Ela me contou sobre o acidente de seu filho, onde ele está? — Charlotte me olha com curiosidade.

— Está dormindo, chegamos quase agora da consulta.

— Bom, não sei se sabem, mas eu sou fundador de uma ONG e todo ano arrecadamos fundos para ajudar pessoas de baixa renda. Temos uma ala em especial para cuidar dos fisicamente incapacitados.

O que eu estou fazendo? Essa ala nem existe, eu acabei de inventar!

— Sua Majestade já fez muito por mim, não vou aceitar que...

— Charlotte, é um programa social, se ele for contemplado pode ter a cirurgia e todo o suporte para a recuperação. — Vejo os olhos da mãe de Charlotte encherem de lágrimas, ela leva as mãos à boca, descrente do que eu acabei de dizer.

— Eu nem sei o que dizer... Isso seria um sonho para todos nós. — Charlotte me olha desconfiada.

— Por que sinto que você acabou de inventar isso? — Ela é esperta.

— Não teria porque inventar uma coisa dessas, amanhã mesmo vou marcar uma visita de uma agente da ONG para vir aqui e pegar todos os dados da família. Ficarei feliz em recomendá-los pessoalmente. — Me surpreendo quando a mãe de Charlotte abraça-me em prantos. — Senhora, está tudo bem? — Ela levanta seu rosto para me olhar.

— Depois que meu marido morreu tudo em nossas vidas ficou difícil, e com o acidente do meu menino as coisas pioraram. O único que se prontificou em nos ajudar foi um médico amigo de meu marido, ele faz todas as consultas de Armin de forma gratuita. Eu... Eu... Nem sei como agradecer isso, Sua Majestade.

Abro o mais amplo dos sorrisos e retribuo com gosto o abraço.

— Poderia me dizer seu nome?

— Ah... Desculpe, é que eu fiquei tão surpresa em ver alguém como Sua Majestade em minha casa... Me chamo Alma. — Ela se afasta um pouco.

— Alma, fique tranquila, acredito que tudo vai dar certo para os cuidados do seu filho e prometo que, de Charlotte, cuido eu. — Olho para ela, que engole em seco.

Por que me sinto no dever de ajudar essa família? Talvez seja só o fato deles serem civis do país onde eu sou rei, entretanto, lá no fundo, eu sei que tem mais, só não sei o que é.



CAPÍTULO 04

CHARLOTTE BECKER

ALGUNS DIAS DEPOIS

Hoje é meu primeiro dia no Palácio; finalmente, depois de dias em repouso, vou poder trabalhar. Claus a todo momento mandava alguém da guarda real ver como eu estava, até que veio pessoalmente, durante a noite; sei que é coisa demais para digerir, afinal ele é o rei e estava se preocupando demais comigo e minha família. Sobre meu irmão, ele está na lista de espera de uma cirurgia e, caso os exames finais dele saírem e provarem que ele precisa urgentemente da cirurgia, ele passa para o primeiro lugar da lista. A esperança de voltar a andar nos deixou animados, porém, lá no fundo, me sinto em dívida com Claus; não sei como, mas um dia vou pagá-lo, nem que seja a última coisa que eu faça.

Um exagero da parte de Sua Majestade foi o carro que ele mandou para me trazer ao Palácio, resolvi dizer-lhe pessoalmente, quando o ver, que não tem necessidade disso.

Ao chegar na entrada real não vejo mais os dois guardas que aqui estavam e sim outros, o que me faz questionar o que Claus fez a eles. Eu pedi para que não fossem demitidos, mas ele é o rei, quem decide isso é ele, porém ficaria triste pelos dois. Por mais rudes que tenham sido, devem ter famílias para sustentar e isso seria ruim para ambos.

Adentramos a propriedade e novamente fico boquiaberta com toda a beleza e riqueza que tudo aqui exala, o jardim é enorme, a grama é aparada e verdinha, altas árvores ao redor da propriedade, um enorme chafariz na entrada com a

estátua do primeiro rei da Dinamarca. Arbustos com flores coloridas cobrem as margens do caminho ladeado de pequenas pedras até o mais próximo possível da entrada do Palácio.

Quando o carro para, o motorista sai e abre a porta para mim, o agradeço e caminho para a entrada; ao me aproximar, a porta se abre e quem me recebe é a Duquesa.

— Sua Alteza, é um prazer revê-la. — Faço uma simples reverência.

— Por favor, já disse para me chamar de Ellinor. — Ela está mais elegante do que a última vez que a vi, cabelo solto e bem penteado, um vestido vermelho escuro, um pouco apertado, que vai até os joelhos, bem maquiada.

— Desculpe, mas sinto que a estaria desrespeitando caso não a tratasse como deve ser. — Ela sorri amigavelmente, dando passagem para que eu entre.

— Se assim insiste, tudo bem, mas saiba que tem liberdade em me chamar pelo primeiro nome. — Balanço a cabeça concordando. — Bom, meu sobrinho está em uma reunião com alguns líderes de países, pediu para que eu a recebesse e lhe dissesse o que fará na sua estadia no Palácio. — A olho surpresa.

— O quê? Sua Majestade não me disse nada de estadia.

— Bom, os funcionários tem uma ala separada, já que moram distante do Palácio e geralmente moram aqui. Você ficará encarregada de cuidar de toda a organização das coisas de Claus, desde o quarto, a academia, o escritório e assim por diante, e também atendê-lo quando precisar. Se caso sentir que é muito, pode pedir ajuda a outros funcionários.

— Todos da família real tem alguém assim?

— Por que a pergunta, querida? — Por que sinto que ela está me escondendo algo?

— Acho que seu sobrinho inventa programas sociais e empregos para me ajudar. Não acho isso certo, na verdade me sentiria ofendida. — Ela solta uma respiração pesada.

— Claus é um homem muito bom e gentil, e mesmo se fosse algum cargo inventado, como diz ser, vai ser bom para ele ter alguém à disposição. Mesmo com a quantidade de funcionários que temos, não conseguem dar conta de tudo que o rei precisa, e assim ele mesmo se prontifica a fazer. — Arregalo os olhos.

— Sério?

— Sim, ele arruma o próprio quarto e o escritório quando ninguém tem tempo para isso. De começo isso choca alguns funcionários, que se desdobram para fazer tudo para ele, mais o rei os surpreende mostrando que não há porque se desesperarem. Claus diz “eu tenho braços e pernas saudáveis, posso fazer isso, independente da minha posição como rei.”

— Confesso que estou surpresa com isso. — Ele realmente é um rei diferente.

— Bom, você não é a única.

O resto da manhã Ellinor fez questão de me mostrar cada canto do Palácio, porém, são tantos cômodos que não deu para ver tudo. Depois disso, ela teve que sair para resolver algumas coisas e me deixou explorar um pouco o lugar. Resolvi ir para uma sala que me chamou bastante a atenção quando ela só me mostrou por alto, fica em uma ala em um dos andares de cima.

Ao entrar, fico fascinada com o belo piano, com certeza deve custar uma fortuna. Pelo que Ellinor disse, aqui era a sala da rainha, e mesmo depois de ela morrer, o rei manteve essa parte do Palácio para conservar as belas lembranças de sua esposa e Claus quis continuar com a tradição de seu pai.

Sei que é errado, mas me sinto tentada a tocá-lo. Tive aulas de piano quando era nova e sempre quis ter um, faz anos que não toco, talvez tenha até perdido a prática. Me sento no banco fofo de veludo escuro. O piano é belíssimo, da cor branca, bem conservado e enorme, tem detalhes em dourado e prata, dando um ar de luxo a ele.

Começo a dedilhar algumas notas, até que uma música me vem à cabeça, sinto uma nostalgia tão grande quando a melodia ecoa por toda a sala, fecho meus olhos e me deixo levar por ela. Lembranças boas me atingem em cheio e, em meio à felicidade, me pego chorando ao lembrar-me de meu pai.

Como o senhor faz falta!

— Charlotte. — Dou um pulo, completamente assustada, olho para a porta e vejo Claus me encarar em completo enigma.

— Sua... Sua Majestade, me desculpe... É... É que eu vi o... — Porra, eu vou acabar engasgando se não conseguir falar.

— O que está fazendo aqui? — Ele se aproxima bem devagar, me levanto do banco e começo a caminhar para longe dele.

— É que... Eu vi o piano e quis lembrar os momentos em que tocava... — Ele não diz nada, continua a se aproximar. — Por favor, não me demita... Eu nunca mais venho aqui nessa sala, me perdoe, eu imploro, preciso desse trabalho! — Sinto as lágrimas molharem meu rosto, mais do que já estava.

Seus passos continuam, até que ele está tão perto que posso sentir seu perfume, um cheiro almiscarado e másculo, seus olhos castanhos me encaram de uma forma tão intensa que deixa todo o meu corpo arrepiado. Claus respira fundo e, com esse ato, vejo sua mandíbula travar, ele parece estar se segurando para não fazer algo.

— Sua Majestade? — O chamo, ele parece sair de um transe e pisca seus olhos várias vezes antes de manter seu olhar na direção do meu.

— Charlotte... Essa sala é da minha mãe. — Agora parece mais calmo.

— Eu sei e peço perdão, mas é como se esse piano estivesse me chamando, e eu fiquei encantada com a beleza e delicadeza dele. — Ele desvia o olhar para o piano.

— Meu pai que mandou fazer para dar de presente de casamento a minha mãe; ele é único, não existe outro igual.

— Uau, sua mãe deve ter ficado feliz com isso, e seu pai acertou em cheio no presente, é maravilhoso. — Seu olhar castanho cai sobre mim novamente e me surpreendo ao vê-lo abrir um sorriso.

— Sim, é maravilhoso. — Sua forma de falar me fez questionar se estávamos falando da mesma coisa.

— A Duquesa me avisou que eu teria que me mudar para cá. — Tento mudar de assunto.

— Exatamente, as tarefas são muitas, não creio que daria conta de vir todos os dias, fora que posso precisar de você à noite.

— Cheguei a questionar sua tia se Sua Majestade havia inventado um cargo, somente para me ajudar. — Seu sorriso travesso o entrega.

— O importante é que agora tem um bom trabalho.

— Sua Majestade não precisava fazer isso, eu realmente sinto que estou somente te incomodando. — Fico surpresa quando ele pega minhas mãos e olha fixamente em meus olhos.

A mesma sensação do encontro de nossas peles uma na outra, ou até mais intensa.

— É meu dever, como rei, zelar pelo bem do meu povo e ajudar como eu puder. Por favor, não questione isso. — Penso em questionar, mas desisto ao ver o olhar que ele me lança.

— Tudo bem, eu agradeço por isso e pelo meu irmão. — Demora alguns segundos para que eu tome a iniciativa e me afaste dele. — Preciso ir até minha casa buscar minhas coisas.

— Vou mandar um dos motoristas te levar e te ajudar com a mudança.

— Está bem, obrigada.

Antes que eu vire as costas e saia da sala, dou uma última olhada para ele, que ainda me olha com bastante intensidade. Ao me virar, solto uma respiração pesada e sacudo a cabeça em negação.

Não fantasie, isso não é um conto de fadas.



CAPÍTULO 05

CHARLOTTE BECKER

Começo a arrumar as coisas no novo quarto, que para a minha surpresa, é bem maior que a sala da minha casa. As cores são neutras para poder decorar da forma que quiser. Já tinha colocado minhas roupas no closet e só faltava organizar meus livros. Sou apaixonada por romances, um que amo é *Amores Verdadeiros*, da autora *Taylor Jenkins Reid*.

Saio dos meus devaneios com batidas na porta, digo que pode entrar e uma moça com o uniforme dos demais empregados entra. Ela é jovem, negra, olhos pretos, cabelo enrolado e comprido, um ar de simpatia incrível.

— Desculpe se estou incomodando, é que a Duquesa me pediu para vir te ajudar com a mudança e com o que mais precisar, ela terá que voltar para Augustenborg.

— Não precisa se preocupar, eu já arrumei tudo, só faltam meus livros.

— Nossa, você gosta mesmo de ler, deve ter dezenas aqui. — Balanço a cabeça com um sorriso no rosto.

— Os livros me ajudam a fugir um pouco da realidade; alguns usam drogas, eu uso a literatura. — Ela ri.

— Cada um com a sua fuga. A propósito, me chamo Hela Larsen, sou encarregada de supervisionar os jardins, as flores e assim por diante.

— Me chamo Charlotte Becker. Você trabalha aqui há muito tempo?

— Minha família trabalha para a família real há gerações, minha mãe é a governanta e meu pai é o chefe da guarda real, meu irmão me ajuda com as tarefas, nós somos gêmeos.

— Uau, isso é ótimo, e vocês gostam de trabalhar aqui?

— Somos felizes aqui, o pai de Sua Majestade pagou meus estudos e os de meu irmão. — Fico bem surpresa por essa revelação.

— Sério?!

— Sim, eu e meu irmão nos formamos em Botânica.

— Se me permite perguntar, por que o antigo rei fez isso?

— Ele fez o mesmo para com todos os filhos dos funcionários, alguns que se formaram optaram por continuar aqui e outros quiseram explorar o mundo aí fora e exercer suas formações em outro lugar. — Ela conseguiu me deixar ainda mais surpresa.

— Nossa! Isso é maravilhoso; se todos os países tivessem reis assim, o mundo poderia ser menos pior. — Ela balança a cabeça em concordância.

— Ainda bem que o rei Claus herdou essa bondade do pai, em tão pouco tempo no trono ele já fez muito pela população. — Um sorriso bobo surge em meus lábios.

— Sim, ele é incrível mesmo, graças a ele meu irmão conseguiu entrar em uma lista de espera para uma cirurgia importante que pode fazê-lo voltar a andar. Armin foi atropelado há um tempo e perdeu os movimentos da perna, mas os custos da cirurgia e fisioterapia eram demais. Todo o dinheiro que tínhamos usamos para pagar o tratamento do câncer do meu pai, porém não funcionou.

— Eu sinto muito, deve ser uma situação bem complicada. — Ela se acomoda em uma poltrona no canto do quarto.

— Eu devo muito a Sua Majestade, ele me estendeu a mão quando mais precisei.

— Posso perguntar uma coisa? Mas se não quiser responder, vou entender.

— Claro.

— O seu problema no pé... Eu vi que manca um pouco, isso é de nascença?

— Sim, os médicos disseram que as chances de fazer uma cirurgia e meu pé ficar normal eram mínimas, talvez a cirurgia poderia até agravar meu caso, então meus pais decidiram não fazer — falar sobre a minha deficiência não me incomoda, o que me chateia são os olhares de pena e os insultos que ouço muitas vezes.

— Esse problema não parece te incomodar e isso é bom, aprendeu a conviver com ele.

— O lado bom disso é que nunca vou precisar usar um salto. — Ela tampa a boca para não rir.

— Isso foi pesado — começo a rir e a ela não consegue se segurar.

— Tento ver sempre o lado bom de tudo, então vá se acostumando.

— Pode deixar.

Termino de esfregar a última parte do chão do escritório de Sua Majestade, Hela me disse que eu poderia começar quando quisesse e, como ainda era de dia, não via mal algum em começar logo hoje. Só que eu acabei me empolgando, comecei a tirar pó de tudo, depois aspirando e por fim esfreguei o chão de laminado. Antes de começar a fazer isso tive que perguntar a melhor forma de limpar esse tipo de piso, e é praticamente igual à forma como faço com o que há lá em casa, detergente neutro e água, a única diferença é o pano de chão, que tem que ser de microfibra.

A limpeza sempre foi algo que gostei de fazer, ouvindo música é melhor ainda, entretanto, esqueci meus fones de ouvido na casa da minha mãe. Poderia só ter posto no celular, mas fiquei com medo de alguém ouvir e achar ruim.

Ouvir seria bem complicado, já que todos os cômodos são enormes e bem longe um do outro, em especial o escritório de Sua Majestade.

Bom, então acho que não haveria problema. Caminho até o meu celular e escolho *Angels Like You*, da Miley Cyrus, e começo a cantarolar.

Eu sei que você é errado para mim

Vou desejar que a gente nunca tivesse se conhecido no dia que eu partir

Eu te coloquei de joelhos

Porque dizem que o sofrimento adora companhia

Não é sua culpa eu estragar tudo

Não é sua culpa que eu não sou o que você precisa

Amor, anjos como você não podem voar para o inferno comigo

Eu sou tudo o que eles disseram que eu seria

La, la, la

Eu sou tudo o que eles disseram que eu seria

Gosto das músicas dela, além da voz da Miley ser um espetáculo à parte. Continuo com meu trabalho cantando cada palavra com vontade, sem medo de alguém ouvir. Até a letra da música finalizar, eu limpo o chão com ânimo e alegria, pensando nas possibilidades que vou ter. Vou poder dar tudo a minha mãe e Armin que o papai nos dava; na falta dele, e por ser a mais velha, devo cuidar deles. E agora, com esse emprego que vai me pagar muito bem, posso até voltar para as minhas aulas de música.

— Nunca vi uma pessoa tão feliz em limpar um chão. — Me assusto com uma voz rouca, olho para a direção de onde ela reverberou e vejo Claus encostado na porta, me observando e, puta que pariu, o homem está sem camisa.

Isso é demais, é demais mesmo.

— Vo... Sua... Ma... — Porra! É difícil demais falar olhando para esse peitoral gostoso.

Por que ele tinha que ser tão lindo?!

— Já passa das oito horas da noite e Hela me falou que não saiu daqui. — Pisco meus olhos várias vezes em surpresa.

Oito horas da noite?! Uau, nem vi a hora passar, e antes de vir para cá eu só comi alguma coisinha.

— Eu gosto de finalizar o que começo. — Finalmente digo algo sem gaguejar.

— Devo reconhecer que está tudo bem limpo, fez um bom trabalho, mas acho que está na hora de ir comer algo e descansar. — Ele começa a se aproximar.

Coloco o pano dentro do balde e deixo no canto, junto com o detergente, me levanto do chão e vou até meu celular, desligo a música e, ainda com vergonha por ter sido pega em um momento tão distraído, olho para ele.

Olhando de mais perto, posso ter a nítida visão de como seu peitoral é largo, definido e com alguns cabelos, mas nada exagerado, são bem ralos e dão um charme; também pude perceber uma tatuagem no ombro e no braço, algo que me deixa um pouco surpresa, afinal a sociedade é um pouco chata, ainda mais a realza. Mas tudo isso só colaborou para deixá-lo mais lindo.

Porra!

— A Hela é uma moça muito boa, gostei bastante dela. — Tento mudar de

assunto para distrair a minha mente, mas é difícil com ele chegando mais perto.

— A família dela é fiel à família real há anos, meu pai tinha admiração por ela e seu irmão por serem tão focados em seus objetivos e amar o que fazem. — Balanço a cabeça em concordância, sem saber o que exatamente devo dizer. — Minha tia voltou para Augustenborg e fiquei sem companhia para o jantar. — Ele estende sua mão para mim e eu me sinto a moça mais sortuda do mundo de ter toda essa atenção de um rei. — Me daria a honra de jantar comigo, senhorita Becker? — Arregalo meus olhos.

Jantar com o rei?! Definitivamente é algo que se alguém tivesse me dito que ia acontecer, eu diria para me internarem.



CAPÍTULO 06

CLAUS ASGER

Talvez esse possa ter sido o maior erro da minha vida, entretanto, lá no fundo, não me arrependo de nada. A presença de Charlotte, de alguma forma inexplicável, remete a uma calma enorme e faz tempo que não me sinto assim, desde a morte do meu pai; eu sorrio com mais frequência, as crises de choro e ansiedade parecem sumir.

Observo ela tomando todo o cuidado do mundo para comer com o garfo e faca certos, involuntariamente, isso me faz sorrir feito um bobo. A inocência dela é tão única. Estou sentado onde meu pai costumava sentar, no centro, e Charlotte onde minha mãe se sentava, bem perto do meu pai.

A mesa é enorme, tem comida suficiente para um batalhão, sempre peço para não fazerem tudo isso para não haver desperdício, mas os empregados estão acostumados a fazer banquetes.

— Charlotte, não precisa se preocupar, pegue o talher que melhor se familiarizar, estamos sozinhos. — O sorriso dela, como é belo.

— Me sinto sem jeito, eu só sei o básico da etiqueta, não sabia que em uma mesa poderia ter tantos talheres assim. Como Sua Majestade consegue lembrar de tudo?

— Minha mãe fazia questão de me ensinar desde pequeno e ela possuía um jeito único que me fez aprender e nunca esquecer.

— A rainha deve ter sido uma mãe incrível, posso ver seus olhos brilharem com admiração. — Abaixo o olhar por alguns segundos, quando boas lembranças me cercam.

— Quando ela morreu eu ainda era criança, tinha apenas dez anos, foi duro demais aceitar que não a veria mais. Para o meu pai, então, foi como perder uma parte de sua alma. Eu sei que ele se manteve forte e firme por mim e porque seu povo precisava dele, mas só eu via o quanto Aya fazia falta para ele e para todos nesse Palácio. — É a primeira vez que consigo falar tanto sobre meus pais, sem sentir dor ou vontade de chorar.

Quem é você, Charlotte Becker?

— Quando o meu pai morreu foi difícil demais para minha família. Ele era o pilar que nos sustentava; na sua ausência, eu me sentia no dever de manter isso vivo, como um novo pilar. — Abro um sorriso fraco.

— De uma certa forma, você e eu temos algo em comum, tivemos que esconder as lágrimas e assumir os deveres que nossos pais tinham para não deixar outras pessoas desamparadas.

— Isso é bem estranho, mas concordo com Sua Majestade.

Por que parece que você me tem nas mãos, Charlotte?

CHARLOTTE BECKER

O jantar correu bem, com algumas trapalhadas da minha parte e as gargalhadas gostosas de Sua Majestade; no fundo, me senti bem em fazê-lo sorrir, aparentemente ele sorri, mas nunca de forma sincera e aposto que ainda há muita dor dentro dele devido a morte de seu pai. Outro ponto bem interessante, pelo que entendi, ele adora andar sem camisa pelo Palácio, em especial à noite; aposto que as moças daqui devem ficar loucas, o homem é lindo em cada centímetro do corpo.

Até eu me acostumar, vai ser impossível não o admirar.

— Eu agradeço pelo jantar, Sua Majestade, estava maravilhoso — murmuro, ele parece me avaliar com atenção.

— Eu que devo agradecer sua companhia, espero repetirmos mais vezes. — Eu achava que ele estava falando por educação, mas posso ver a sinceridade em seus olhos castanhos.

— Claro, como Sua Majestade desejar. — Isso soou bem submisso, mas ele é a maior autoridade do país, trabalho como sua empregada particular.

— Não fale dessa forma, me faz parecer um carrasco — murmura em tom zombeteiro.

— Tudo bem. — Quebro a troca de olhares ao me levantar. — Preciso descansar, até amanhã, Sua Majestade. — Ele não diz nada, somente dá um breve cumprimento com a cabeça, aproveito a deixa para me retirar.

Solto uma respiração que nem sabia que estava prendendo e logo a tensão que se formou desde que me sentei aquela mesa, some.

Claus me intimida bastante, ele tem uma grande presença e um olhar tão intenso que fica difícil ficar tranquila perto dele; sem dúvida ele nasceu para ser rei.

Na manhã seguinte, levanto às seis horas em ponto, faço minha higiene matinal e me visto com o uniforme, que se resume a um vestido de saia rodada da cor vermelho-escuro, prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, coloco um tênis branco sem cadarço e estou pronta; caminho para fora do quarto, em direção à cozinha, chegando lá vejo Hela com os demais funcionários tomando café.

— Bom dia pessoal — murmuro, todos me olham com curiosidade e confesso que fico um pouco envergonhada por ter tanta gente me olhando assim, mas logo Hela abre a boca, deixando tudo mais tranquilo.

— Pessoal, essa é a Charlotte, ela é encarregada de cuidar do nosso rei.

— Nossa, que inveja roxa eu tenho de você! Imagine ficar à disposição desse homão. — Uma moça loira de olhos verdes, vestida exatamente como eu, diz e faz uma cena se abanando com a própria mão, fazendo todos rirem.

— Essa é Madson; não liga para ela, Madson é uma tarada. — A tal loira mostra o dedo do meio à Hela.

— Olá moça bonita, me chamo Angel, sou irmão da Hela. — O tal homem aperta a minha mão com firmeza. Ele é lindo, é uma versão masculina da irmã, afinal, são gêmeos.

— Me chamo Loretta, sou a governanta do Palácio e mãe do Angel e da Hela. — A mulher aparenta estar na casa dos cinquenta anos, pele negra, olhos esverdeados, cabelos encaracolados e curtos com fios brancos. A roupa dela é parecida com a nossa, mas a diferença é que a saia é lisa.

— Ainda vai demorar a conhecer todos os demais funcionários, alguns já estão em suas funções. O rei acorda às seis horas em ponto quando não tem nenhum compromisso agendado, faz sua caminhada matinal e depois come algo em seu quarto — murmura Loretta. — As cozinheiras vão preparar o café dele e você pode levar até os aposentos reais. — Balanço a cabeça concordando.

Não me admire que ele prefira tomar café no quarto, ele é o único de sua família que sobrou neste Palácio. Deve se sentir sozinho quando se senta àquela mesa, no lugar dele faria a mesma coisa.

Meia hora depois, o café de Sua Majestade está pronto. Com cuidado ando com a bandeja de prata, nela contém uma xícara de café bem quente, biscoitos, leite, croissants, torradas com geleia e pedaços de frutas. Até que, para um homem daquele tamanho todo, ele come menos do que eu esperava.

Ando com o maior cuidado possível e, ao subir as escadas, o cuidado é maior ainda para não derrubar nada. Mesmo mancando, eu aprendi a andar sem tropeçar ou algo do tipo, mas subir essas escadas enormes é dureza, me deu cansaço só de subi-las. O pior é que tem outras que vão para outras alas, essa escada dá para a ala do rei e da rainha, um andar reservado somente para eles.

Exageros, porém, eles vivem como a antiga realeza vivia, e pelo que sei, o Palácio sempre foi assim, só tem manutenção e mudanças necessárias.

Toda a ala são de cores claras com decoração em dourado, quadros enormes nas paredes, alguns de grandes nomes da Arte e outros com imagens de gerações de reis e rainhas.

Olho para as portas daquele corredor e fico me perguntando qual é a do quarto do rei. Eu tinha que ter perguntado isso. Uma delas eu sei que é a da sala de piano da rainha, mas e as outras?

— Charlotte? — Ouço uma voz atrás de mim e ao me virar, tenho que segurar a bandeja com força para não deixar cair.

Por que ele tinha que estar molhado? Isso é algum tipo de provação?

Claus está sem camisa, com um calça de moletom, tênis e com o peitoral todo molhado do suor, sua pele brilhava de tanto suor que tinha no corpo e, em especial, os gominhos da sua barriga, que parece ser bem rígida.

Isso não é um homem, é o pecado em pessoa.

Engulo seco antes de abrir a boca para falar.

— Eu... Trouxe seu café. — Quase derreto quando ele abre um sorriso e se aproxima a passos largos, mas com elegância.

— Ah, muito obrigado. O uniforme ficou bom em você — murmura me avaliando da cabeça aos pés.

— Onde fica seu quarto? Preciso deixar a bandeja lá e...

— Não precisa se incomodar com isso, eu mesmo levo; se quiser pode

entrar para me fazer companhia. — Arregalo os olhos.

— O quê? Entrar? No seu quarto? — Ele ri.

— Sim e pode ficar tranquila, eu não mordo. — Por que certas coisas que ele diz tem tanto duplo sentido?

— Eu... Eu tenho muita coisa para fazer, Sua Majestade, talvez outra hora.
— Em seus olhos posso ver um resquício de decepção.

— Tudo bem, então até mais tarde, Charlotte.

— Até mais tarde, Sua Majestade.

Caminho para longe dele, indo em direção às escadas, mas posso sentir seu olhar em mim e com certeza é com a mesma intensidade de sempre ou até mais.



CAPÍTULO 07

CLAUS ASGER

ALGUNS DIAS DEPOIS

Observo de uma das enormes janelas do meu escritório Charlotte conversar com os demais empregados do Palácio no jardim da propriedade. Mesmo de longe posso ver seu belo sorriso, beberico meu copo de uísque sentindo o líquido quente descer pela garganta como brasa. Amaldiçoo mentalmente a pessoa que bate na porta me tirando da minha paz, logo meu primo entra todo animado, o duque de Augustenborg. Me afasto da janela e coloco mais um pouco de uísque em meu copo.

— Querido primo, vim assim que pude, estava atarefado com o baile de Augustenborg, que será amanhã. — Ele ajeita sua gravata escura e seu cabelo loiro comprido no coque bem feito.

— Axel, se veio a mando da minha tia, diga a ela que aprecio sua gentileza, mas não quero. — Ele revira os olhos claros.

— Claus, eu sei que odeia esse tipo de festividade, mas somos uma família, a única que te restou. Pare de querer se isolar do mundo. — Caminho em direção à minha cadeira de couro escuro atrás da minha mesa de madeira maciça e me sento.

— É um baile sem nenhum motivo, não é uma obrigação real.

— E daí? Não podemos fazer uma festa para a família e amigos? Sei que

hoje não é um dia bom para você, é aniversário da morte da rainha, mas sair, curtir a vida com amigos e familiares é bom — começo a rir.

— Que amigos? Da Europa? Nenhum deles é meu amigo, minha mãe morreu por culpa deles. — O olhar que Axel me lança é o mesmo que minha tia faz quando toco nesse assunto e me dá raiva.

— Sei que a realeza tende a ver casamentos com pessoas inferiores de uma forma ruim, mas sua mãe morreu com um aneurisma que estourou, ninguém e nem mesmo ela sabia dele.

— A pressão de tentar ser sempre melhor, meu pai tentando amenizar tudo, Aya tentando mostrar que era digna de ser rainha e, no meio daquela maldita festa, hostilizaram tanto a minha mãe que ela desmaiou na hora. Talvez se esse pessoal ficasse só na dele, minha mãe teria descoberto o aneurisma antes e...

— Primo, ele estava a ponto de explodir, sua mãe o carregou por anos e nunca soube. Claro que o estresse é algo que pode ter antecipado, mas botar a culpa nos outros?

— Minha mãe nunca gostou de ir às festas e ficar longe do meu pai porque sempre quando ele se afastava, as outras pessoas desfaziam os sorrisos falsos e a atacavam. — Esse preconceito, essa falta de empatia, tudo isso, levou a minha mãe.

— Claus, por favor, seu pai reconheceu que sua mãe faleceu por uma doença, não por...

— Não quero mais falar sobre isso. — Antes que ele diga mais alguma coisa, ouvimos batidas na porta, permito a entrada e logo Charlotte surge. De uma forma desconhecida, toda a tensão, raiva ou qualquer coisa ruim que eu estava sentindo agora somem.

— Des... Desculpe, Sua Majestade, eu vim perguntar se precisa de mais alguma coisa?

— Não, Charlotte, pode tirar o restante do dia de folga.

— Nossa, obrigada, vou aproveitar para ver meu irmão e minha mãe, ele conseguiu a cirurgia. — A felicidade dela me fez sorrir.

— Isso é maravilhoso, fico muito feliz em saber disso.

— Sua Majestade me permite lhe dar um abraço? Quero lhe agradecer. Se não fosse sua interferência, meu irmão ainda estaria naquela cadeira de rodas

sem esperanças de andar. — Fico surpreso pelo seu pedido.

Vai ser a primeira vez, depois de dias, que vou poder senti-la entre meus braços e, só em pensar nisso, uma alegria muito grande me invade.

— Claro. — É tudo que consigo dizer; ao me levantar da cadeira ela se aproxima e parece que a cada passo que Charlotte dá meu coração vai sair pela boca.

Por que me sinto um idiota perto dela?

Quando Charlotte finalmente está perto, o abraço começa sem jeito e até esqueço que meu primo está aqui, meus braços envolvem seu corpo curvilíneo e baixo, seus braços estão um pouco acima da minha cintura, sua cabeça deitada em meu peito e minha cabeça acima da sua; a respiração dela em meu peitoral me deixa extasiado.

Ao se afastar, seus olhos encontram os meus, ela morde seus lábios de forma involuntária, seu sorriso belo, tudo isso é como um convite para provar dessa bela boca.

Com um pigarreio, Axel corta completamente o clima que estava.

Filho da mãe!

— Desculpem interromper isso, mas quem é você? — Ele olha para Charlotte com curiosidade.

— Vo... Sua Alteza, me desculpe, eu estava tão feliz com a notícia que não o vi. — Ela se apressa em se afastar e tenta cumprimentar Axel de uma forma desajeitada. — Me chamo Charlotte Becker, sou encarregada de cuidar das coisas do rei, desde a limpeza dos seus cômodos e até mesmo da sua comida. — Axel me olha com um sorriso besta.

Espero que ele não fale gracinhas.

— Uau, uma empregada somente para você. Isso é novo. Nunca tinha visto isso, ainda mais aqui na família real.

— Às vezes acho que Sua Majestade só inventou esse cargo para me ajudar. — O sorriso de Axel cresce mais ainda.

— Bem, não ficaria surpreso, porém, fico feliz em meu primo ter te ajudado, Claus tem um coração de ouro. — Ele olha para o pé esquerdo de Charlotte e depois volta a olhar seu rosto. — Então, vi que você estava

mancando quando andou, está com algum problema no pé?

— Axel, isso não é pergunta que se faça. — Tento repreendê-lo.

— Tudo bem, Sua Majestade. Eu nasci com um problema no pé que me impede de andar normalmente, já fui a alguns médicos e eles me desencorajaram a fazer a cirurgia dada a questão de que, ao invés de curar, poderia piorar. — Ela explica calmamente.

— Então você é a menina de quem a minha mãe comentou que os guardas foram rudes. Espero que o que fizeram não tenha piorado mais a sua situação.

— Não, estou melhor da torção; obrigada pela preocupação, Sua Alteza.

— Acho que deixar seu pé tão exposto sem proteção não é bom, me formei em medicina e acredito que o tipo de trabalho que exerce aqui pode ser ruim para o pé com o passar do tempo.

— Eu providenciei a bota ortopédica nova para ela. — O olhar de Charlotte automaticamente vai para mim.

— Como assim?

— Eu tomei a liberdade de pegar sua numeração com sua mãe e mandei fazer uma bota para você. — Posso ver a irritação em seus olhos.

— Por que fez isso? Eu disse que não queria sua ajuda para isso.

— Charlotte, eu disse que tudo em relação a custos médicos seriam de minha responsabilidade, já que...

— Sim, eu sei disso, mas a torção já acabou. O que acontecer com o meu pé daqui para frente é responsabilidade minha.

— Senhorita Becker, meu primo só está preocupado com a possível ideia de, ao fazer seus serviços, a senhorita se machucar. — Olho rapidamente para meu primo, que solta uma piscadela para mim.

— Sua Alteza e Sua Majestade, aprecio muito as preocupações, mas não vou aceitar isso. Não vim trabalhar aqui para ganhar caridade, e só aceitei o meu irmão ir para aquela ONG porque a escolha não é minha e eu não aguentava vê-lo mais daquele jeito. Entretanto, o que tem a ver comigo só diz respeito a mim. Se vou ter uma bota vai ser porque eu paguei por ela e não porque Sua Majestade mandou fazer para mim.

— Charlotte...

— Com licença, preciso ver meu irmão. — Sem que eu consiga dizer mais nada ela caminha o mais rápido possível para fora do escritório. Quando ela sai, Axel me encara com o maior sorriso do mundo.

— Você gosta dela. — Ele não pergunta.

— O quê? Está louco? Ela é minha funcionária. — Nego.

— Dá para ver na sua cara quando olha para ela. E ver como ela te tem nas mãos é a coisa mais engraçada que pude presenciar; parece seu pai com a sua mãe, a única capaz de adoçar o coração dele. — Agora é a minha vez de rir.

— Em primeiro lugar, eu ajudei Charlotte porque a moça já estava em uma situação difícil demais, o cargo foi inventado para poder ajudá-la.

— E a ONG? Desde quando ela cede cirurgia para deficientes físicos?

— Olha, o menino precisava e ela não ia aceitar que eu pagasse a cirurgia; como pode perceber, Charlotte é orgulhosa demais.

— E mentir para ela é a solução?

— Porra, Axel! Essa mulher é teimosa demais, ela não ia aceitar, caralho!
— Sim, eu estava nervoso.

— Fica calmo, eu sei que quer ajudar, mas com mentiras não se consegue nada e, para começar a parar com elas, precisa ser sincero com você mesmo. — O olho confuso.

— Sobre o quê?

— Que gosta da moça, que a ajudou para poder se aproximar e que o fato dela não deixar que a ajude te frustra bastante.

— Eu tenho um carinho enorme por ela, admito, mas não acho que seja mais que isso. — Ele coça sua barba e me olha desconfiado.

— Sei, e se ela começasse a sair com algum funcionário seu?

— Isso seria normal, ela é solteira e tem o direito de sair com quem quiser.
— Por mais que odeie admitir, no fundo sei que isso seria um pesadelo para mim.

— Então está bem. Eu tenho um amigo médico que vai adorar conhecê-la, Charlotte é bonita e parece ser bem inteligente, então...

— Axel, vai se foder! — Ele abre um sorriso triunfante.

- Então admite que gosta de Charlotte Becker.
- Axel...
- Anda, Claus Asger Ragnhild Bennedsen de Greisen III, admita!
- Sim porra! Eu não só gosto, eu estou apaixonado por Charlotte Becker!



CAPÍTULO 08

CHARLOTTE BECKER

Observo os médicos da ONG fazendo os exames para ver a real situação da paralisia de Armin, para ver se será necessário mais de uma cirurgia, se pode causar danos e etc.

— Mãe, Sua Majestade me contou que você passou as informações sobre o número da minha bota para ele. — A vejo soltar uma respiração pesada.

— Sim, ele queria te ajudar. — A puxo para longe para ninguém ouvir nossa conversa.

— Dona Alma, não deveria ter feito isso, Sua Majestade também não.

— Lotte, Sua Majestade só queria garantir que não se machucasse durante o trabalho. Deveria parar de ser tão orgulhosa. — A olho abismada.

— Vai defendê-lo?

— Se for para o seu bem sim, eu vou. Charlotte, você gosta de ganhar sua vida por méritos seus, imagine se você se machucasse, não ia poder trabalhar e com certeza não ia aceitar a ajuda do rei. Provavelmente eu iria ter que trabalhar o dobro para te ajudar porque nunca deixaria que você trabalhasse machucada, e muito menos ele.

— Às vezes sinto que o rei ajuda por alguma razão além de só por sermos seus súditos. — Vejo minha mãe abrir um sorriso estranho.

— Vocês, jovens, não admitem e nem percebem. — A olho confusa.

— Perceber o quê? Do que está falando, mamãe?

— Nada querida, são só devaneios bobos de uma velha.

Chego à noite no Palácio, satisfeita pelos resultados dos exames terem sido positivos e que já na semana que vem meu irmão vai fazer a cirurgia. Olho ao meu redor e vejo que está tudo em completo silêncio, devem ter ido dormir, já passa das dez horas. Minha mãe insistiu para que eu dormisse em casa, mas Sua Majestade só me deu o dia de hoje de folga, fiquei com medo de fazer isso e ele não gostar. Subo as escadas para poder verificar se o rei precisa de algo antes que eu vá para o meu quarto descansar; caminho pela extensa ala do rei, e como já havia vindo aqui trazer o café da manhã para ele mais vezes depois da manhã que o encontrei na ala todo suado e gostoso, sei onde fica seu quarto.

O que posso fazer? O homem é gostoso mesmo, todas as manhãs me recebe sem camisa e com uma calça de moletom que molda suas pernas torneadas. Começar o dia com essa bela imagem deixa qualquer uma até mais feliz para trabalhar. Pelo que as funcionárias dizem, Claus é um homem reservado, quase não é visto com mulheres, em eventos está sempre sozinho. Isso a mídia também diz, mas nada melhor do que ouvir da boca de pessoas que convivem com ele.

Sei que jamais em minha vida terei o privilégio de ter um homem como ele tendo olhos para mim, porém, tenho a sorte de poder apreciá-lo de perto, assim como as demais funcionárias, que ficam loucas com ele.

Não sou uma mulher feia, mas acredito que o tipo de mulher que ele deve ser acostumado a ter a seus pés é como aquelas supermodelos; eu sou baixinha, tenho uma pele pálida, cabelo longo e ondulado, um corpo maior do que o da mulher padrão que a sociedade pinta. Para muita gente eu sou fora dos padrões só por ter uns quilos a mais, seios fartos, bunda maior que o comum, uma coxa extremamente grossa, barriga com algumas estrias. Em alguns países acham isso lindo, mas na Europa eu sou vista como “gordinha”.

Ainda por cima, tenho cicatrizes da primeira e última vez que Henry me agrediu. Meus pais estavam viajando com meu irmão e eu fiquei alguns dias na casa de Henry, brigamos feio porque um amigo dele zombou por ele ter uma namorada defeituosa. Ao chegar na casa dele começamos a discutir e ele me disse coisas absurdas que nunca vou esquecer. Eu revidei os insultos, depois Henry, com raiva, me empurrou no chão e começou a me chutar. Acordei no hospital, Henry chegou lá dizendo que eu havia caído, mas os médicos desconfiaram e chamaram a polícia; ele ficou foragido um tempo, mas logo foi preso. Nunca contei isso para minha família, eles voltaram uma semana depois e

eu dei um jeito de esconder as cicatrizes.

Saio dos meus devaneios quando já estou em frente a porta do rei, dou algumas batidas nela e, para a minha surpresa, a porta está aberta; lentamente eu entro chamando por ele.

Toda vez que entro aqui para deixar o café dele me surpreendo com o quão lindo esse quarto é. Cores claras e bem harmonizadas, uma cama dossel que deve caber uma dez pessoas, móveis rústicos e lindos de madeira envernizada, chão de porcelanato, no teto um lustre enorme de diamantes e ouro, teto de gesso rebaixado.

— Sua Majestade, sou eu, Charlotte, vim saber se precisa de alguma coisa. — Sinto uma sensação estranha no peito; vejo que a porta do banheiro está aberta, caminho devagar até lá e arregalo meus olhos quando vejo o rei caído no chão, com remédios a sua volta.

— CLAUS! — grito seu nome em desespero. Saio correndo do quarto dele e começo a gritar pedindo ajuda.

— Charlotte! O que houve? — Loretta vem ao meu socorro. Do alto da escada eu grito.

— Chama ajuda, o Claus... Ele está caído no chão, inconsciente. — Sem deixar que ela diga mais alguma coisa, volto a correr o máximo que posso até o quarto. Entro no banheiro e me abaixo, pego sua cabeça e coloco em meu colo, vejo que sua respiração está regular, mas fraca, quase não dá para sentir e um medo enorme me toma.

— Claus, por favor, fica comigo, não faz isso. — Sinto as lágrimas molharem meu rosto, uma dor no peito que nunca pensei em sentir antes. — Por que você fez isso? — indago olhando para os remédios caídos no chão.

É óbvio que ele tentou suicídio, mas por quê?

Vê-lo desacordado, quase não sentir sua respiração, faz meu peito se apertar. Tento não chorar, não gritar, porém o medo de algo acontecer com ele é enorme e sinto como se eu não fosse suportar perder mais alguém que amo.

Amor? Eu pensei isso mesmo? Não, eu acho que pensei isso no calor do momento.

— Por favor, fique comigo.

Bebo um copo de água e permaneço sentada no mesmo lugar desde que cheguei ao hospital. Os funcionários o trouxeram às pressas, de imediato reservaram uma ala para ele e para os demais que vieram. A família dele foi avisada e há pouco chegaram, expliquei tudo que vi e ficaram em choque. O Duque foi conversar com a imprensa, que abarrotou a entrada do hospital, a Duquesa foi à recepção saber se o sobrinho já está melhor; Loretta, Hela, Angel e Niels, marido de Loretta, vieram e estão exatamente como eu, preocupados.

— O médico já veio aqui? — pergunta a Duquesa ao voltar à sala.

— Não, já faz uma hora que estamos no escuro — murmura Angel.

— Eu não entendo, por que meu sobrinho fez isso? Ele nunca deu sinais de algo assim. — Quando ela comenta isso, me lembro das nossas conversas, as vezes em que falava dos pais, de como ele teve que reprimir a dor da perda de cada um para ser forte por todos e fingir alegria, quando na verdade queria estar chorando, isso com certeza pode ter desenvolvido uma depressão nele.

— Ele precisa da ajuda de vocês — murmuro e todos me encaram.

— Por que diz isso, Charlotte? — questiona Hela.

— Ele claramente sofre de depressão. Sua Majestade perdeu pessoas importantes na vida dele, aquele Palácio ficou vazio para ele viver sem quem amava e precisou assumir uma responsabilidade enorme tão cedo que nem teve tempo para chorar a morte do seu pai. A depressão é silenciosa, nem mesmo nós percebemos que a temos presente em nossas vidas. — A Duquesa me olha com lágrimas nos olhos.

— Eu deveria ter prestado mais atenção em meu sobrinho — murmura com dor. — Charlotte, como sabe de tudo isso? — Seco as lágrimas dos meus olhos.

— Tivemos oportunidade de conversar, e de uma forma estranha, eu entendo exatamente como ele se sente. Eu perdi meu pai e assumi o lugar que ele tinha na nossa família como pilar; não pude chorar a perda dele porque tinha que dar suporte a minha mãe e meu irmão, ainda mais depois que meu irmão ficou paralítico. Ainda sofro preconceito por não vestir trinta e seis e a minha deficiência, que me impedem de me encaixar na sociedade, porém o fato de ter pessoas que dependem de mim, que sofreriam se eu algum dia morresse, me fizeram tirar da cabeça ideias suicidas, mas isso não significa que crises como essa que o seu sobrinho teve não podem acontecer. — Todos me olham com o olhar que tanto odeio, pena.

— Me desculpem interromper, mas a moça está certa. — Olhamos para a entrada da sala e o médico nos encara com o prontuário nas mãos e o Duque ao seu lado. — O que Sua Majestade tentou foi suicídio, Sua Alteza.

— Meu Deus, Claus. — A Duquesa leva as mãos à boca e tenta segurar o choro, seu filho se aproxima e a puxa para um abraço.

— Como ele está, doutor? — questiona Niels.

— Os remédios que ele tomou só são vendidos com receita, como ele conseguiu eu não sei, mas precisam saber para que ele não tente de novo. Fizemos uma desintoxicação do organismo, agora ele está no soro para se hidratar; resolvemos colocá-lo no oxigênio por precaução, já que ele chegou aqui com a respiração muito debilitada. Terá que ficar em repouso aqui no hospital até que esteja bem o suficiente para a alta. — Respiro aliviada em saber que ele já está melhor.

— Ele está acordado?

— Não, provavelmente deve acordar pela madrugada ou amanhã.

— Podemos vê-lo? — pergunta o Duque.

— Podem, mas um de cada vez e somente uma pessoa pode ficar como acompanhante dele.

— Eu fico — murmuro. — Não vou conseguir dormir sem ter certeza de que o rei está bem, ainda mais depois da cena que eu vi. — Sinto a mão da Duquesa tocar meu braço.

— Como médico, não acho que deveria ficar, senhorita Becker; acho que o ver na cama de um hospital e desacordado, não é bom para a sua saúde mental — murmura o Duque.

— Por favor, Sua Alteza, eu imploro. Ficarei pior se eu não me certificar de que ele sairá daqui cem por cento. — O olhar que ele me lança é estranho, parece me avaliar.

— Tudo bem, mas se alimente. Vou me certificar que ficarão guardas reais suficientes para te ajudarem com alimentação e demais coisas, pela manhã viremos vê-lo. — Balanço a cabeça concordando.

— Eu ficarei, Sua Alteza, deixe que sobre a guarda real cuido eu — murmura Niels.

Depois que todos foram vê-lo, me despedi deles e caminhei para o quarto onde o médico disse que ele estaria, abro a porta devagar e seguro minhas lágrimas por ver ele tão vulnerável e debilitado. Puxo uma cadeira para perto dele, me sento e seguro em sua mão.

— Você me assustou, pensei que te perderia. Eu sei como você se sente, os pensamentos que passaram por sua cabeça, mas eu não vou deixar que faça isso de novo. Não posso perdê-lo. De uma forma inexplicável e estranha, sinto que você faz parte da minha vida e te perder seria como perder alguém importante para mim. — Me levanto da cadeira e aproximo meu rosto do seu. — Acho que estou apaixonada por você, Claus. Sei que isso parece loucura por eu ser uma plebeia, mas quando o vi deitado naquele chão, com a respiração quase nula, senti como se parte de mim estivesse sendo arrancada. — Aproximo meus lábios dos seus e o beijo. Minha mão ainda está na sua e, como num conto de fadas, sinto sua mão mexer, olho para sua mão que está apertando a minha e, quando volto a olhar para seu rosto, olhos castanho-claros estão me encarando.

Sinto as lágrimas descenderem pelo meu rosto e um sorriso bobo surge em meus lábios.

— Claus. — É tudo que consigo dizer com a voz embargada.

— Seus lábios são macios, gostei deles — sussurra ainda fraco.

— Não fale nada, tem que descansar. — Ele afasta a sua mão da minha e toca meu rosto com carinho, secando algumas lágrimas que desciam.

— Eu não gosto de te ver chorar, por mim te faria sorrir todos os dias da minha vida. — Meu coração parece que vai sair pela boca, as batidas estão mais rápidas e intensas depois dessas palavras.

— E eu não gosto de te ver assim, tive tanto medo de te perder...

— Não tenho motivos para viver, eu perdi tudo, sinto o vazio me consumir mais e mais. As razões da minha vida se foram. — É duro ouvir isso.

— Eu jamais deixaria que fizesse algo contra si mesmo, estou aqui e vou estar até quando você permitir.

— Tenho medo de deixar que as pessoas se aproximem de mim.

— Por quê?

— Eu acabo me apegando e não quero mais perder ninguém. — Acaricio sua outra mão.

— Você nunca vai me perder. Nem eu, nem sua tia e nem seu primo.

— Onde eles estão?

— Foram para casa, amanhã vão estar aqui; todos os funcionários ficaram preocupados com você, em especial Niels, Loretta, Angel e Hela. — Ele solta um respiração pesada.

— Eu não queria que me visse daquele jeito — murmura.

— Como sabe que fui eu que o encontrei?

— Ouvi algumas coisas do que disse agora há pouco. — Arregalo meus olhos.

Putz! Será que ele ouviu minha confissão?

— O que mais ouviu? — Tento sondar.

— Que acha que está apaixonada por mim, e isso é uma pena. — O olho confusa.

— Uma pena?

— Enquanto você ainda acha, eu tenho certeza que você habita em meu coração, Charlotte. — Pisco meus olhos várias vezes, tentando absorver o que ele disse.

— Claus...

— Deixa eu te mostrar o quanto estou apaixonado por você. — Sem que eu esperasse, ele puxa meu rosto para mais perto e nossos lábios se encontram, sua língua pede passagem e eu permito.

O beijo é gostoso demais, sinto meu corpo todo arrepiar, minhas mãos se apoiam em seu peitoral coberto pela roupa do hospital, suas mãos em minha nuca.

Nunca achei que poderia beijar alguém como Claus. Nunca na minha vida achei que alguém se apaixonaria por mim e justamente o rei da Dinamarca confessa seus sentimentos por mim! Sentir o toque de sua boca na minha, a doçura da sua língua na minha, me faz pensar como eu ainda não o tinha beijado.

Esse homem vai ser o meu maior pecado!



CAPÍTULO 09

CHARLOTTE BECKER

DOIS DIAS DEPOIS

Ajudo Sua Majestade a ajeitar suas coisas na pequena mala que foi trazida ao hospital. Desde que ele acordou eu não saí do seu lado; vou ao Palácio, tomo banho e volto para cá. A Duquesa cancelou o baile que ia acontecer ontem e não sabe quando vai ser realizado, ela e seu filho estão sempre por aqui para acompanhar o estado de saúde de Claus. Hoje ele vai receber alta e está louco para ir embora.

— Nunca pensei que estaria tão ansioso para voltar para casa, hospitais são um porre — murmura sentado na cama.

— Não faça nenhuma loucura que não voltará para cá — comento, ele abre o mais belo dos sorrisos para mim e estende a mão, seguro nela e Claus me puxa para mais perto, entre suas pernas. — Claus, combinamos ir devagar.

Depois daquela noite em que nos beijamos, conversamos muito sobre o que seria de nós e chegamos à conclusão de que ninguém ia saber de nada e que seria tudo devagar. Não sabemos como reagiriam se soubessem que uma plebeia está dando amassos no rei.

— Eu sei, mas não há ninguém aqui. — Ele enrola seus braços em minha cintura, juntando ainda mais nossos corpos.

— Sua tia e seu primo ficaram de vir junto com a guarda real te buscar; podem chegar a qualquer momento, não quero que eles nos vejam assim. — Claus solta uma respiração pesada.

— Eu não queria ser rei, não queria estar na posição que estou. — Acaricio

seu rosto.

— Por que diz isso?

— Minha mãe morreu por culpa do preconceito, ela possuía um aneurisma na cabeça e não sabia, ninguém sabia. Meus pais sempre evitavam festas da realeza e justamente na única em que eles foram juntos, um bando de pessoas preconceituosas esperaram uma oportunidade e cercaram a minha mãe sozinha. As coisas horríveis que disseram a ela, minha mãe fingindo que não estava abalada... Isso tudo aconteceu quando ela foi ao banheiro, no caminho, algumas mulheres, duquesas e princesas a cercaram, eu lembro de cada palavra que elas proferiram para minha mãe. — Posso ver a dor nos olhos dele.

— Estava com ela?

— Meu pai queria que estivéssemos juntos, mas meu pai se afastou para ir conversar com um amigo que não via há anos e minha mãe foi ao banheiro, eu ia esperá-la na porta. Eu vi o momento em que minha mãe começou a chorar e elas riram, foi quando ela caiu no chão já desacordada. Eu não sabia, mas o aneurisma estourou naquele momento e ela já havia morrido quando caiu no chão. — Seus olhos castanhos me encaram com dor. — Eu não quero que façam o mesmo com você; para essas pessoas, o que estamos fazendo é proibido.

— Não ligo para o que um bando de idiotas dizem — murmuro.

— Você não entende, minha mãe dizia a mesma coisa e mesmo assim tudo aquilo a abalava muito. Ela havia crescido em um orfanato, saiu de lá com dezoito anos e teve que se virar para sobreviver, conheceu meu pai em um evento da ONG que ele fundou, pois era uma das voluntárias. O casamento deles, pelo que minha tia me disse, foi quase uma cerimônia fechada com pouquíssimas pessoas, mas o que me admira neles é que, mesmo com todo o preconceito, nunca deixaram de sentir o amor um pelo outro, parecia que ficava mais forte. — A admiração em seus olhos é nítida.

— E desse amor nasceu o melhor homem do mundo. — O sorriso dele me contagia, encosto meus lábios nos seus sentindo a maciez de sua boca na minha.

Nunca, em toda a minha vida, me veria nessa situação. Eu, Charlotte Becker, dando uns amassos no rei da Dinamarca. Se me dissessem isso algum tempo atrás, eu diria que a pessoa precisaria ser internada.

— Bom, vamos terminar de arrumar tudo, o Duque e a Duquesa vão chegar em breve. — Me afasto e ele me olha fazendo beicinho.

Vê-lo fazer isso é uma das coisas mais engraçadas do mundo, um homem do tamanho dele fazendo birra.

— Claus, isso é estranho, está mais engraçado que fofo. — Ele ri.

— Eu não sou bom com isso, mas vou me lembrar disso.

No Palácio, Claus foi para o quarto junto com sua tia e seu primo, eu já vim para a cozinha ver se encontro Loretta e os outros. Sua Majestade ficou emocionado ao ver que todos os funcionários o receberam com tanto carinho e dispostos a apoiá-lo.

— Olá pessoal. — Os cumprimento.

— Lotte, que bom que você voltou, Sua Majestade realmente está melhor? — pergunta Hela.

— Vai ficar, ele vai precisar da ajuda de todos. — É tudo que digo.

Niels, Loretta, Hela e Angel sabem da real condição dele, mas para os demais funcionários a única coisa que foi dita é que ele anda sobrecarregado com o trabalho e acabou exagerando na dose de calmantes, para a mídia foi dito a mesma coisa.

— Que bom que Sua Majestade está melhor, todos ficamos preocupados. Pobre homem, assumiu uma responsabilidade tão grande, tão de repente — murmura Madson.

— O importante é que ele está bem e estaremos aqui para ajudá-lo. Ele é um rei maravilhoso com todos e é o mínimo que podemos fazer para retribuir o que faz por nós — comenta Angel e eu balanço a cabeça, concordando.

— Senhorita Becker. — Olho para trás e vejo o Duque me encarando.

Um homem bem bonito, cabelo loiro longo, preso em um coque samurai, barba grande e bem aparada, olhos claros e da altura de Claus, ele tem uma boa presença, deve intimidar muita gente.

— Sua Alteza, deseja alguma coisa? — Ele olha para os demais funcionários.

— Podem nos dar alguns minutos? — Sem mais nenhuma palavra dita, todos saem da cozinha nos deixando sozinhos, ele se aproxima de uma mesa e puxa uma cadeira para se sentar, faz um sinal com a mão para que eu faça o

mesmo.

— Aconteceu alguma coisa com Sua Majestade? — questiono.

— Não, ele está em seu quarto conversando com a minha mãe, que acho que não vai sair do lado dele nem tão cedo. — Ele abre um sorriso fraco. — Nós nunca poderíamos imaginar que meu primo estava sofrendo tanto, que chegaria ao ponto do suicídio e você percebeu tudo somente com poucos dias de convivência com ele.

— Existem pessoas que não sabem como lidar com perdas e para Sua Majestade afastar as pessoas era a opção, já que ele sentia que não aguentaria a perda de mais alguém. — Ele balança a cabeça concordando.

— No dia em que ele tentou suicídio, minha tia Aya completava quinze anos de morta, algo que ninguém fala nesse Palácio; meu primo se isola no quarto e ninguém o vê.

— Mas ele estava bem quando o vi no começo da tarde.

— Sim, eu estranhei quando os funcionários disseram que ele estava no escritório, mas, quando entrei lá, Claus estava te olhando pela janela. — O encaro, surpresa. — Ele parecia mais descontraído, sem aquele olhar triste que vejo quando chega essa data, aí você entrou no escritório e vi os olhos dele brilharem, seu semblante mudou. — Um sorriso bobo se forma em minha boca.

— Mas se ele estava tão diferente, por que fez aquilo? — questiono.

— Sinceramente, eu não sei. Acho que depois que você saiu e eu também, ele se isolou no quarto e pensamentos ruins devem tê-lo levado a tentar o suicídio. — Pobre Claus, um homem que para muitos tem tudo, mas as pessoas da sua vida não estão mais com ele. — Porém, não é sobre isso que vim falar com você. — Olho confusa para o Duque.

— Bom, então quer falar sobre o quê?

— Você está apaixonada por meu primo? — Quase engasgo com minha própria saliva.

— Por que está perguntando isso para mim?

— Porque ele me confessou seus sentimentos da última vez em que estive aqui. — Arregalo meus olhos.

— Ele... Te disse...

— Você faz meu primo se sentir bem, acho que tê-la por perto vai fazê-lo ficar ainda melhor.

— Por que está me dizendo isso? — questiono.

— Claus cresceu com o melhor dos relacionamentos. Não sei se sabe, mas ele não faz a linha cafajeste, que gosta de sair com uma ou outra, raramente via meu primo com mulheres, chegamos a achar que ele era *gay*. — Ele parece rir de uma piada interna. — Mas meu tio era um exemplo de cavalheiro, então Claus cresceu sendo ensinado que mulher deve ser tratada como uma joia e não como objeto.

— Nossa, isso é bom.

— O problema é que Claus já está com trinta e cinco anos, e na realeza, um homem da idade dele já deveria ter até filhos. Não sei se ele te contou, mas estavam procurando uma esposa para ele. — Pisco meus olhos várias vezes.

Ele vai se casar?

— Não... Ele não me contou. — Não consigo esconder a minha tristeza.

— Ei, não fique assim, estavam querendo fazer um casamento arranjado, mas Claus jamais aceitaria isso. Cheguei a apresentar amigas e pessoas conhecidas para ver se ele se apaixonava e paravam com a ideia de casamento arranjado, mas parecia que nenhuma mulher chamava a atenção dele. Aí chega você, de repente, e faz ele ficar de quatro.

— Meus pais sempre me ensinaram que se apaixonar ocorre no tempo certo e da forma mais inesperada possível.

— Sim, fico feliz por você ser uma pessoa boa, porém, me preocupa algo.

— O quê?

— Minha tia sofreu muito com o preconceito; está de fato preparada para o que está por vir? Talvez o preconceito seja pior com você, devido a sua deficiência.

— Claus e eu conversamos muito sobre isso no hospital, combinamos de não dizer nada a ninguém e ir devagar, ainda não temos certeza sobre iniciar um relacionamento.

— Isso é bom, deixar acontecer de forma natural, mas vai ser difícil vocês esconderem, está nítido nos olhos de vocês para qualquer um. — Rio com suas

palavras.

— O que estão fazendo aqui? — Me assusto com a voz grossa de Claus, que está junto com sua tia nos olhando da porta da cozinha.

— Primo, estava conhecendo melhor a Charlotte, uma mulher extraordinária. — Claus fuzila o primo com os olhos.

— Acho que vocês podem ir embora, já estou melhor. — Sua Majestade diz de forma fria.

— Querido, mas pedimos aos criados para por lugares à mesa; inclusive, Charlotte, espero que jante conosco. — Arregalo meus olhos.

— Sua Alteza... Eu...

— Por favor, querida, já disse para me chamar de Ellinor.

— Certo, Ellinor, não precisa disso, eu posso comer na cozinha junto com os funcionários. — Agora tenho a atenção de Claus.

— Charlotte, eu insisto, por favor. — O olhar que ele lança...

Porra, como se nega algo assim?

— Tudo bem — concordo.

— Ótimo. Venha, Charlotte, quero te mostrar o jardim do Palácio, não sei se ainda te...

— Axel, não tem necessidade, eu mesmo farei isso amanhã, já é noite e quase não dá para ver nada. — Claus me puxa devagar para o seu lado.

Ele está com ciúmes?

— Mas está uma noite linda, o jantar vai demorar muito, vamos Lotte. — O Duque lança uma piscadela e agora eu entendo o que ele está fazendo, quer provocar o primo para ver até onde ele vai.

Eu deveria intervir a acabar com isso? Olho para Claus e, se fosse um desenho animado, estaria saindo fumaça de suas orelhas; com esse pensamento começo a rir.

— Do que está rindo? — questiona Claus.

— De uma piada muito boa que Sua Alteza me contou. — Aponto para o Duque, que abre um sorriso debochado.

— Sabe como sempre fui bom com as mulheres, consigo fazê-las rir, mesmo depois de um tempo. — Ao perceber que Claus ia avançar em cima do primo, eu discretamente seguro a manga da sua camisa branca social.

— Sua Alteza, agradeço pela gentileza, mas Sua Majestade já havia se comprometido de me mostrar o jardim, e estamos falando do rei, Sua Alteza; fora que ele é meu chefe, não quero perder meu emprego. — O Duque segura a risada e eu também.

— Vamos Charlotte, voltamos em breve para o jantar. — Sem deixar que eu diga mais alguma coisa, Claus pega na minha mão e me puxa para o mais longe possível da cozinha.

Quando já estamos longe de lá, paro no caminho para encará-lo.

— Sério isso? Uma cena de ciúmes na frente da sua tia?

— Axel é um imbecil, ele sabe o que sinto por você e usou para me provocar.

— Bom, e conseguiu; ele realmente estava querendo fazer isso e, antes que pergunte, o Duque estava falando sobre você e sua possível esposa. — Saio andando na frente.

— Isso é sério? Isso que ele te contou foi só uma besteira da realeza, mas eu já mandei todos enfiarem essa ideia bem na bunda. — Ele continua a caminhar atrás de mim. — Charlotte...

— Por que não me contou? — Paro próximo à porta do hall.

— É algo irrelevante, ainda mais porque eu jamais, mesmo se não tivesse conhecido você, aceitaria essa loucura. — Solto uma respiração pesada e começo a andar para fora do Palácio.

— Claus, tem que ser sincero comigo, não pode esconder as coisas. Sei que não temos um relacionamento, mas se agora já está desse jeito, imagine se estivéssemos namorando? — Ele pega na minha mão, leva até aos lábios e beija docemente.

— Eu prometo que isso não vai mais acontecer, tudo bem?

— Tudo bem. Agora vamos, se não peço a seu primo para me levar no jardim.

— Arranco as bolas dele antes que faça isso. — Sorrio com suas palavras.

— Te garanto que a única pessoa com quem quero apreciar essa bela noite é com Sua Majestade. — Me assusto quando Claus me pega em seus braços e me leva para o meio das árvores.

— Claus! Me coloca no chão, alguém pode ver. — Quando ele me põe no chão, Claus se encosta na árvore e cola seu corpo ao meu.

— Vai ser difícil fingir que não temos nada na frente dos outros, mas confesso que essa *vibe* de adolescente, com romance proibido, torna tudo ainda mais gostoso. — Beija meus lábios lentamente.

Sua boca macia encosta na minha, sua língua gostosa pede passagem para entrar e eu permito, sua mão percorre meu corpo e, novamente, Claus me tira do chão; minhas pernas ficam enroscadas em seu quadril, uma de suas mãos em minha bunda e a outra em minha nuca, intensificando o beijo. Ele percorre sua boca com beijos lentos por meu pescoço e sinto todo o meu corpo se arrepiar, pressiono minhas pernas em seu quadril sentindo algo entre elas molhar.

Que sensação tão gostosa, bem melhor do que usar somente a minha mão.

Abro lentamente os botões da sua camisa e, quando termino, sinto a rigidez de seus músculos em minhas mãos, porra! Que homem gostoso. Claus abaixa a minha blusa de alças finas, deixando parte do meu sutiã exposto.

— Você tem seios enormes, quero sugá-los um a um. — Meu corpo treme com essa possibilidade.

Para ajudá-lo, eu mesma tiro a minha blusa, meus seios parecem melões de tão grandes, e mesmo com a escuridão e pouca luz das estrelas e da lua, posso ver os olhos de Claus brilharem com a visão; me senti uma mulher tão poderosa.

Outra coisa que preciso destacar é que sinto perfeitamente seu pau cutucar a minha bunda e pelo que parece, é grande.

Será que vou conseguir dar conta? Ainda para uma mulher que nunca estive tão intimamente com algum homem? Que nunca passou de toques e carícias?

— Queria estar vendo com mais clareza seu corpo, a beleza que você é. — Parece que foi algo automático, empurro Claus para longe e saio de seu colo.

Ele não vai gostar do que vai ver, eu tenho marcas, não sou perfeita.

— Acho melhor voltarmos para o Palácio. — Ele me olha confuso enquanto coloco a minha blusa, virada de costas para ele.

— Charlotte, o que aconteceu? Eu te machuquei? — Ele tenta se aproximar, mas eu me afasto.

— Não, você foi perfeito... Eu só... Eu não sei se isso vai dar certo. — Sinto meus olhos arderem com as lágrimas.

Ele vai me rejeitar assim que ver como meu corpo é, como eu sou marcada.

— Por que está dizendo isso? — Novamente ele tenta se aproximar e eu me afasto.

— Eu não sou perfeita, meu corpo... Ele é...

— Você é maravilhosa, pare com esses pensamentos, você é linda.

— Não, você não entende! Eu tenho marcas, eu.... Claus, eu não tenho o corpo das mulheres com quem já saiu alguma vez, eu não sei... Eu... Me desculpe. — Tento correr, mas ele me segura.

— Ei, por favor, nunca mais repita isso. Eu me apaixonei por cada parte sua, tire essas ideias idiotas da sua cabeça. — Ele acaricia meu rosto.

— O meu ex-namorado... Ele me agrediu uma vez de forma terrível, tenho cicatrizes profundas de tudo. Antes disso ele me disse coisas... Que nunca vou esquecer, palavras que me travaram a me entregar para algum homem.

— Ele é um imbecil e te garanto que não sou assim. — Ele para por alguns segundos e parece que percebeu algo. — Charlotte, você ainda é virgem? — Me afasto dele.

— Desculpe Claus, eu tenho que ir. — Antes que ele diga algo ou tente me segurar, saio às pressas em direção ao Palácio.

Meu ex foi quem fez com que eu me fechasse a conhecer qualquer homem; além de deixar meu psicológico abalado, deixou marcas horríveis em meu corpo, marcas essas que me machucam até hoje.

Que boba, Charlotte; Claus jamais olharia para você depois de te ver nua e você ficaria com o coração partido novamente.



CAPÍTULO 10

CHARLOTTE BECKER

DOIS DIAS DEPOIS

Faz dois dias que tenho evitado falar com o rei, sempre peço ajuda de outra funcionária para levar o café da manhã dele. Simplesmente não consigo olhar na cara dele depois daquela noite. Claus foi perfeito, foi maravilhoso, mas essa trava que eu tenho, a vergonha de mostrar minhas marcas, esse medo me impede de ser uma mulher completa para ele.

— Charlotte. — Olho para trás e vejo Angel se aproximando, eu estava caminhando pelo jardim procurando algo para fazer que fosse o mais longe possível do rei.

— Oi Angel, tudo bem? — indago.

— Estou sim, mas você que não parece bem, aconteceu algo? — Nossa, está tão na cara assim?

— Eu só estou nervosa com a cirurgia do meu irmão, vai ser na segunda-feira e estou ansiosa para esse final de semana passar logo. — Tecnicamente não é mentira, eu realmente estou ansiosa com isso.

— Compreendo, mas isso vai passar, deve ser emocionante ver quem amamos conquistar coisas tão maravilhosas para si. — Ele comenta com o olhar em outra coisa, olho para onde sua atenção está e abro um sorriso bobo.

— Você gosta da Madson? — Seus olhos pretos se arregalam na hora.

— De onde tirou isso? — Ele tenta disfarçar, mas seus olhos caem sobre ela novamente, que estava ajudando alguns funcionários a carregar algumas compras.

— Sua cara de bobo apaixonado ao olhar para ela te entrega. — Ele sorri sem graça.

— Madson nunca terá olhos para mim. — Paro no meio do jardim para encará-lo.

— Por que diz isso?

— Ela é apaixonada pelo Stan, ele é da guarda pessoal do rei.

— E esse Stan gosta dela?

— Madson para ele é como estepe. Sempre quando Stan está de folga sai para alguma boate e só solta no dia seguinte; os outros guardas falam que não há mulher que se encante com ele. — Posso ver a tristeza em seu rosto, pego na sua mão e ele me olha surpreso.

— Angel, não fica assim, eu imagino que é difícil gostar de alguém que não gosta da gente. A Madson um dia vai perceber que esse Stan é um idiota, mas caso isso nunca aconteça, garanto que deve ter muitas mulheres que gostariam de estar com você; porém, isso não te impede de tentar conquistá-la.

— Eu já tentei de tudo, quer dizer, sempre quando a chamo para sair ela inventa alguma desculpa, entretanto, lá no fundo eu sei que a Madson quase não sai do Palácio esperando o Stan voltar e lhe dar um pingão de atenção — começo a pensar em algo.

— Ela sabe como esse Stan é fora do Palácio?

— Sim, mas ele finge ser o maior dos cavalheiros com ela, ou melhor dizendo, a ilude. Sempre contaram para ela que ele não prestava, mas Madson não acredita.

— Então temos que fazê-la enxergar isso ou ver o que está perdendo não te dando uma oportunidade. — Ele me olha confuso. — Eu tive uma ideia e vamos precisar da ajuda de algumas mulheres do Palácio.

Não significa que, por minha vida amorosa não estar lá essas coisas, eu não possa bancar o cupido para outras pessoas.

Me olho no espelho e me sinto satisfeita; Hela me emprestou um vestido azul-escuro, ele é justo e fica quatro dedos acima do joelho, nos pés coloquei uma sapatilha sem salto da cor preta; sei que um salto ia ficar melhor, mas pode ser perigoso para mim, ainda mais estando em um lugar cheio de gente.

— Lotte, você está linda — murmura Madson.

— Sim, sua bunda ficou maior e coube perfeitamente no vestido, não sei porque tem vergonha do seu corpo, ele é lindo — comenta Virgínia, outra funcionária do Palácio.

As meninas param de falar quando ouvem batidas na porta do meu quarto, todas vieram para cá me ajudar a me arrumar, nunca fui de me maquiar ou algo do tipo; na verdade, essa é a primeira vez que vou sair com amigos, nunca tive isso.

— Pode entrar — murmuro já sabendo de quem se trata.

Quando Angel entra é difícil não olhar, ele é um homem muito bonito, cabelo afro bem curto, olhos pretos brilhantes, alto, corpo atlético, peitoral largo e braços e coxas definidos, queixo quadrado e um sorriso belo, até a Madson o olha.

Bingo!

— Uau, mano, você está lindo! A Charlotte disse que você vai nos levar até a boate, vai ficar conosco? — Hela olha para mim e dá uma piscadela.

Tanto ela quanto Virgínia estão a par do plano de juntar Madson e Angel.

— Concordo com sua irmã, é a primeira vez que o vejo tão produzido assim — murmura Madson.

— Meninas, vamos. Hoje é a primeira vez da Charlotte com a gente e queremos mostrar o melhor das boates da Dinamarca a ela — comenta Virgínia.

Olho para elas, animadas, e a alegria delas me contagia. Pela primeira vez estou me sentindo uma mulher de verdade, saindo com amigas para curtir a noite em uma boate.

As luzes piscam freneticamente com as músicas do DJ, a galera na multidão dança como se não tivesse amanhã; caminhamos para perto do bar, onde tem uma mesa vaga, para podermos nos chegar.

— Hoje está mais lotado, deve ser porque tem um DJ novo, algumas pessoas com dinheiro vem aqui — grita Virgínia por cima da música alta.

— Querem beber algo, meninas? — pergunta Angel.

— Acho que para animar a todos uma rodada de tequila é o suficiente — diz Hela e todos concordamos.

— Madson, viu que o Angel não tira os olhos de você? — indago.

— O quê? Acham isso?

— Claro, você que não percebeu, sua boba. — Ela olha brevemente para ele, que está no bar.

— Angel não parece ser do tipo que curtiria uma noite e nada mais. — Realmente não é, mas não custa nada ele tentar conquistá-la a partir daí.

— Bom, você nunca vai saber se não tentar, geralmente homens tão reservados assim são quentes na cama. — Esse comentário de Virgínia me fez lembrar de Claus.

Por que eu tinha que ser tão insegura? Eu prometi que não sairia do lado dele e olha onde estou, em uma boate me divertindo e bancando a cupido. Pego meu celular e mando uma mensagem para ele. Provavelmente ele não vai me responder, já que eu o evitei esses dois dias, em especial por mensagens e telefonemas.

Eu não deveria achar que Claus agiria como meu ex, mas temo ele não gostar mais de mim quando ver que não sou isso tudo, que por baixo da roupa não sou essas modelos ou princesas lindas que é acostumado a ver ou até mesmo sair, que as minhas cicatrizes deixam o meu corpo ainda menos atraente.

— Achem que eu deveria tentar? Sabem que eu sou apaixonada pelo Stan — questiona Madson olhando para Angel.

— Pelo que eu sei, esse Stan tem uma vida de solteiro agitada. E se ele realmente gostasse de você, estaria aqui, com você. — As palavras de Hela me atingem em cheio.

Puta que pariu!

— Por que falam tão mal dele?

— Porque sabemos como ele é, Madson. O Stan dá em cima de todas as mulheres do Palácio, acho que nunca deu em cima das mulheres da realeza porque não teve oportunidade.

— Você já se declarou para Stan, ele sempre vem com desculpas do porquê não pode ficar com você, mas quem te ama de verdade nunca vai colocar obstáculos para ficarem juntos. — Olho meu celular para ver se Claus me respondeu e nada, nem visualizou.

Essas palavras, cada uma delas, de forma indireta, são para mim.

— Meninas, preciso ir ao banheiro, já volto.

— Tudo bem, vamos esperar você voltar — diz Hela.

Caminho multidão a dentro em busca do banheiro, tento achar algum funcionário para me indicar onde fica, mas é quase impossível, com a quantidade de gente aqui.

Paro abruptamente quando sinto uma mão prender meu braço.

— Vi que você veio com as meninas do Palácio, é a empregada do rei, certo? — Olho para trás e um homem alto, de olhos extremamente verdes, me encara; ele tem o cabelo penteado para trás, barba grande e um jeito intimidador.

— Desculpe, eu te conheço? — Tiro meu braço do seu aperto.

— Sou o Stan, sou da guarda pessoal do rei. — Então esse é o Stan? Hoje deve ser a folga dele também, pois está sem o uniforme real.

— Sim, eu sou a Charlotte. — O sorriso dele e o jeito que me olha não me agrada muito.

— Sempre observei você de longe, mas nunca tive a oportunidade de me aproximar. — Ele tenta chegar perto e eu me afasto.

— Sua fama não é a das melhores no Palácio. — Ele ri.

— Acredite, baby, eu sou muito mais do que dizem, é só me dar a oportunidade de mostrar isso. — Suas mãos envolvem a minha cintura, me puxando para mais perto.

— Eu dispenso. — Espalmo as minhas mãos em seu peitoral, tentando me afastar.

— Que é isso? Quer dizer que nenhum homem chega aos pés de Sua Majestade? — Arregalo meus olhos e Stan sorri, triunfante.

— Do... Do que está falando?

— Eu sou da guarda pessoal do rei, acha que não estou sempre alerta em seus movimentos, em especial no jardim? — Filho da puta.

— O que viu ali não é da sua conta.

— Fico surpreso por uma mulher assim, como você, fora das medidas e que ainda manca, conseguiu algo com ele. Por isso quero saber o que você tem de tão especial para chamar a atenção do rei. — Stan tenta me beijar e eu começo a me debater para sair do seu aperto.

— Me solta, seu nojento, eu não quero nada com você! — grito, mas com certeza é inútil, a música está alta demais.

— Não banque a difícil, garanto que posso te dar muito mais prazer do que ele. — Que nojo! Em um impulso de desespero, mordo a sua bochecha; eu esperava que ele só fosse me soltar, não que fosse me dar um tapa tão forte que caí feito um saco de batatas no chão.

Sinto o gosto do sangue na minha boca.

— Vagabunda, agora vou foder com a sua vida! — Antes que ele me pegue do chão, alguém o soca tão forte que ele cambaleia para trás. Olho na direção do homem que bateu nele e arregalo os olhos.

Claus!

Stan ia avançar, mas para na mesma hora quando vê que quem o acertou foi Sua Majestade.

— Vo... Sua...

— Eu o quero longe dela e longe do meu Palácio, seu porco imundo! — A ira de Claus é tão nítida que faz Stan se encolher.

— Mas Sua Majestade, ela... — Claus ameaça avançar em cima dele, mas Niels intervém, apontando para as pessoas que estão olhando e gravando com celulares, incluindo Angel, Madson, Hela e Virgínia.

Claus respira fundo tentando conter a ira, logo depois se abaixa.

— Você está sangrando, preciso te levar para casa. — Sem que eu pudesse ao menos impedir, Claus já me tinha em seus braços.

Isso vai ser um prato cheio para a mídia.

— Sua... Sua Majestade, podemos levar Charlotte para casa, ela veio...

— Se eu não tivesse interferido, aquele verme teria feito coisa pior, deveriam ser mais atentos! — Olho para ele, descrente por estar dando uma bronca não só em Angel, mas nas meninas também.

— Claus, eles não sabiam de nada! — intervenho.

— Charlotte, não vou discutir com você, vamos para casa.

— Charlotte, nós vamos embora e no Palácio conversamos, não se preocupe. — Angel murmura para tentar apaziguar tudo e balanço a cabeça,

concordando.

— Vamos embora e se certifiquem que aquele nojo de pessoa não entre mais no meu Palácio.

Nunca vi o rei Claus tão indignado, e eu não sei como agir para acalmá-lo, ele parece que vai atingir qualquer um que entre em seu caminho.



CAPÍTULO 11

CHARLOTTE BECKER

Parece que foi algo combinado, todos chegaram juntos no Palácio. No carro tentei conversar com Claus, mas ele não disse uma palavra, nem sequer me olhou. Isso com certeza vai dar um problema e dos grandes.

Quando entramos no Palácio, vejo o Duque e a Duquesa no hall de entrada, Claus caminha na frente, eu sigo logo ao lado.

— Claus, meu filho, o que foi aquilo? Já está em todo os *sites* de fofocas!
— exclama a Duquesa.

— Agora não, eu sinceramente não estou com cabeça para isso. E se eu não fizesse nada, só Deus sabe o que o Stan poderia ter feito. — Ele está com raiva, mas por quê? Não é só o Stan.

— Sua Majestade, me desculpe, eu deveria...

— Deveria ter sido mais atento! — Olho abismada para ele, sem entender a raiva dele para com Angel e as meninas. — Eu quero vocês fora do meu Palácio!
— Todos arregalam os olhos, descrentes.

— Claus, o que está...

— Eu não quero ficar cercado de funcionários incompetentes!

— Não desconte as suas frustrações em cima deles! — Me ponho na frente, e seu olhar é um enigma.

— Deixa eu adivinhar, vai passar pano para o Stan e para eles também como fez com os porteiros? — Fico em choque com suas palavras.

— Eu não sei que porra está acontecendo com você, mas querer pôr a culpa do que o Stan fez neles, não vai melhorar nada! Eles não são minhas babás! — Ele ri.

— Me evitou durante esses dois dias, mandou outra pessoa levar meu café da manhã para não olhar na minha cara e acha que pode ter algum direito de falar assim comigo? — Então é por isso.

— Isso é sério? Está com raiva de mim e quer descontar neles? — O silêncio dele diz tudo. — Olha, Claus, eu agradeço por ter me salvado, de novo,

agradeço por tudo que tem feito por mim e pela minha família e peço desculpas por ter agido como uma adolescente e não ter conversado com você depois de tudo que dissemos um para o outro. Porém, fazer as outras pessoas pagarem por suas frustrações e raiva, não vai ajudar em nada.

— Olha, acho que aqui não é lugar para discutir sobre a vida de vocês — murmura o Duque se referindo à Angel, Madson, Virgínia e Hela, que estão surpresos pelo que ouviram.

— Charlotte, vamos conversar. — Ele tenta se aproximar, mas eu me afasto.

— Acho melhor termos essa conversa amanhã. E sobre o Stan, eu estou pouco me fodendo para o que vai acontecer com ele, esse homem tentou me agarrar à força, para isso eu não sou tão ingênua como pensa. Isso é intragável. Você acha que meu ex está preso por quê? — Olho para meus amigos. — Desculpe gente, não deveria ter feito vocês passarem por isso.

— Não precisa se preocupar, Lotte, e sentimos muito pelo que o Stan fez — murmura Virgínia.

— Claus. — Ele me olha com atenção. — Se os demitir eu também me demito. — Antes que ele diga mais alguma coisa, eu saio do hall indo em direção à ala dos criados.

Porra! Que noite de merda, que noite horrível!

CLAUS ASGER

Olho no meu celular, esperando alguma mensagem que seja de Charlotte, mas tudo que vejo é a última mensagem dela de ontem à noite. Soube pelos funcionários que ela havia saído do Palácio com outros criados; como era folga do Stan, eu não pude pedir que fosse comigo, mas ele me disse a boate que geralmente vão.

Pedi somente ao Niels que fosse no carro comigo e entrasse na boate enquanto os outros ficavam do lado de fora em outro carro, precisava a todo custo falar com Charlotte, dizer que ela era importante para mim; entretanto, estava magoado por ela ter me evitado todos esses dias. Quando cheguei lá e a vi na pista de dança, e o Stan tentando a agarrar à força, meu sangue ferveu. Eu não me importava se sou um rei e que todos fossem ficar falando depois, tudo que eu queria era salvá-la. Minha ira subiu quando o vi acertar um tapa forte que a fez cair no chão; não me contive, nem mesmo Niels interferiu. Ao olhar para o chão

e vê-la naquele estado, tão vulnerável, assustada e com medo, meu coração se apertou.

Mas eu estava cego, quis descontar toda a minha frustração e raiva em cima de pessoas que não tinham culpa e, agora, talvez ela não queira mais olhar na minha cara.

Eu estava sem saber o que fazer, como agir. Charlotte teve experiências terríveis com um ex-namorado, ainda bem que esse babaca está na cadeia. Só um pouco do que ela me falou me fez ter nojo, entretanto, eu não sou ele. Charlotte não deveria me julgar ou pensar que vou ser um escroto como ele, já mostrei inúmeras vezes que tudo isso que ela acha ser um problema, não me importa nem um pouco.

Mesmo não sendo um cafajeste de primeira linha como o meu primo, eu sempre tive jeito com as mulheres, de ser um cavalheiro, de ser o mais carinhoso e atencioso com elas, como meu pai me ensinou, mas com Charlotte eu fico sem reação, sem saber como agir. Ela me deixa completamente desconcertado, nunca fiquei assim por mulher alguma e isso me fascina. A paz que ela me transmite, a vontade de protegê-la a todo custo, a paixão que sinto toda vez que ouço seu nome, ao sentir seu cheiro, seu toque. Parece que tudo nela me deixa fraco ou o famoso gado que muitos homens dizem; Charlotte Becker é como se fosse a minha *criptonita* e o que me assusta é que nos conhecemos há tão pouco tempo.

Saio dos meus devaneios com batidas na minha porta, me levanto da cama na esperança de ser ela, peço que entre e fico decepcionado quando quem entra é a minha tia e meu primo.

— Se vieram me dar bronca, acho melhor irem embora. Acordei com um humor de merda. — Já aviso.

— Não viemos para dar bronca e sim te mostrar o estrago que seu ato heroico causou. — Axel estende o *tablet* para mim, nele tem uma reportagem sobre a noite passada e, ainda por cima, um vídeo do momento exato em que soco o rosto do Stan, outro vídeo em baixo é quando pego Charlotte em meu colo.

— Eu sei que você a ajudou e graças a Deus por isso, mas você é um rei, certas atitudes não são bem vistas pelas pessoas. — Abro um sorriso sarcástico.

— Quando diz “pessoas” você se refere à realeza? Eu estou pouco me fodendo para o que vão dizer ou falar; se eu não tivesse intervindo, aquele cara

teria a machucado mais ou pior. — Fecho meus olhos tentando não imaginar.

— Primo, eu sei que sua intenção foi a melhor, mas sem saber a história por trás disso, a mídia vai fazer muitas suposições e algumas delas são ruins, por isso eu e minha tia marcamos uma coletiva de imprensa hoje à tarde, aqui mesmo no Palácio.

— Sabe que odeio isso — murmuro.

— Sim, querido, mas para amenizar os impactos, é melhor contar tudo, inclusive sobre a sua ligação com Charlotte. — Sacudo a cabeça em negação.

— Eles vão cair em cima dela, ela não merece isso.

— Charlotte estava ciente de tudo quando se envolveram e é uma mulher forte. Ela me lembra muito sua mãe; infelizmente, o que houve com ela foram circunstâncias médicas.

— Se eu a perder, se algo acontecer com ela... Eu não sei se consigo lidar com isso. — Sinto a mão da minha tia em meu ombro.

— Axel e eu sempre vamos estar aqui para tudo que precisar. — Meu primo balança a cabeça, concordando. — Mas me faz questionar, como começou essa relação de vocês?

— Tia...

— Claus, eu estou curiosa, você sempre foi uma pessoa que teve a mulher que quisesse a seus pés, de supermodelos a princesas e duquesas, mas por que, em especial a Charlotte, te chamou a atenção?

— Ela é única, a única mulher que não se importou com qualquer título que eu tivesse, a única que se aproximou de mim com sinceridade, a única que em tão pouco tempo me leu melhor que a minha própria família e a única mulher que faz meu coração parecer que vai sair pela boca. — Fico assustado quando vejo lágrimas nos olhos da minha tia.

Me surpreendo quando ela se joga em cima de mim e me abraça, chorando feito uma criança.

— Mãe, está louca? — questiona Axel surpreso.

— Eu estou tão emocionada, parece que estou ouvindo meu irmão falar de Aya. A admiração que ele tinha por ela, os olhos brilhando como estrelas, é tão igual ao Asger, meu querido irmão; acho que ele teria muito orgulho se o visse

assim, meu sobrinho. — Devo concordar com minha tia, meu pai parecia o fã número um da minha mãe. Tudo que ela fazia era motivo para ele sorrir; a admiração que ele tinha por ela, o amor, tudo parecia tão perfeito e inabalável. Quando ela morreu ele não quis se casar de novo, sentia que ninguém chegava aos pés dela; Asger sempre dizia que, quando morresse, iria encontrá-la; que não chorássemos sua morte e sim que ficássemos felizes por ele ter ido ficar com sua amada. Só que ele me deixou aqui, fiquei sozinho, sem minha mãe e sem meu pai e sempre perguntava a Deus porque ele não me levava junto deles logo.

— Antes de afirmar ou falar qualquer coisa para a mídia, precisa conversar com ela. Acredito que Charlotte deve estar mais tranquila; posso ir chamá-la se quiser.

— Não, primo, eu mesmo vou.

— Se me permite perguntar, por que brigaram? — questiona minha tia.

— Ela tem muitas inseguranças com seu corpo, acha que os homens vão rejeitá-la por ela não ser como o padrão diz que tem que ser. Pelo que entendi, um ex-namorado babaca fez ela ter esse trauma terrível, a agrediu e deixou marcas em seu corpo, a fazendo ter ainda mais vergonha de se entregar a alguém. Ficou me evitando durante dois dias afirmando que ela não é para mim. Eu já imaginava que Charlotte tinha isso, não só pelo trauma, como também pela deficiência, mas nada disso me importa, nunca me importou. Eu só não sei como mostrar isso para ela.

— Que homem idiota. Pelo que ela disse lá em baixo ele está preso e espero que continue assim; Charlotte é uma mulher linda e forte. — Olho para meu primo, o fuzilando com o olhar. — Agora não posso mais elogiá-la?

— Vou me arrumar e ir vê-la.

Nunca me senti tão ansioso e nervoso na minha vida.

CHARLOTTE BECKER

Termino de ajeitar a estante de livros da biblioteca do rei, depois de tirar o pó da maioria deles. Acordei mais cedo que todos, coloquei meu uniforme, comi algo e vim trabalhar, não consegui fechar os olhos e estava com vergonha de olhar para todos no Palácio, iam me encher de perguntas e tudo que menos preciso nesse momento é de perguntas. Recebi uma ligação da minha mãe, ela me contou que alguns vizinhos foram perguntar sobre o vexame de ontem, saber o que eu fazia com o rei. Acredito que não vai demorar muito e os repórteres vão

começar a rodear a casa da minha mãe. Sinceramente eu não sei o que fazer em relação a isso; por minha culpa minha família pode perder a sua privacidade e eu também posso perder a minha. Só hoje recebi um monte de mensagens de antigos chefes e colegas de trabalho, entre outras pessoas, como se fossem meus amigos; bando de interesseiros.

— Charlotte. — Saio dos meus devaneios com a voz de Hela, olho para a porta e não só ela, mas Madson, Virgínia e Angel estão com ela. Com certeza vão me encher de perguntas.

— Te procuramos por toda parte, por que está aqui? — questiona Madson.

— Eu só não consegui dormir direito — confesso. Coloco o espanador em cima da mesa da biblioteca e puxo uma cadeira para me sentar. — Está tudo bem?

— Queremos te agradecer por ontem, por ter nos defendido diante do rei — murmura Virgínia, me surpreendendo.

— Eu só fiz o que era certo, Claus não tinha o direito de demitir vocês por culpa do Stan. — Posso ver a tristeza no olhar de Madson quando me escuta dizer isso. — Madson, como você está?

— Me sentindo uma boba, vocês sempre me avisaram sobre ele... Eu estava tão cega de paixão que não vi o que estava na minha frente há muito tempo. — Faço um sinal para que eles puxem uma cadeira e se sentem também, Angel olha rapidamente para ela, com tristeza.

— Stan poderia ser muitas coisas, mas nunca imaginei que seria tão baixo — murmura Angel, visivelmente indignado.

— Eu sei que pode ser inconveniente da nossa parte, mas o que você e o rei tem? — Angel dá uma cotovelada na irmã. — O que foi? Sou curiosa, nunca vi nem mesmo alguém da família falar com Sua Majestade daquele jeito.

— Lotte, não precisa responder, Hela é enxerida demais. — Ela mostra o dedo do meio para o irmão.

— Tudo bem, Angel, acho que todos, não só vocês, podem me perguntar isso depois da confusão na boate, mas vocês são meus amigos, posso lhes contar. — Solto uma respiração pesada. — O rei e eu nos apaixonamos; no hospital, quando fiquei com ele, nos aproximamos mais e estávamos tendo um caso, por hora resolvemos não contar a ninguém, entretanto, tivemos uma briga por esses dias e eu comecei a evitá-lo.

— Uau, mas isso parece um conto de fadas! Uma plebeia fazer o rei se apaixonar por ela é digno dos romances que você lê, Charlotte — diz Hela toda animada.

— Eu tenho medo — confesso.

— De quê?

— Claus é um homem rodeado de mulheres lindas da realeza e famosas das mais belas. Tenho medo de algum dia ele...

— Chega! — Me assusto com a voz de Angel. — Eu vou te falar como homem e como quem conhece o rei há muitos anos: ele não é esse tipo de pessoa. Nunca se importou com títulos, aparências nem nada, e você é uma mulher linda; não interessa se você é magra, alta, gorda ou baixa, você é linda do jeito que é e ponto. Talvez possa ter acontecido algo na sua vida que te faz se diminuir constantemente, mas isso é tudo coisa da sua cabeça, chega a ser ridículo achar que uma pessoa que se declarou para você iria te rejeitar depois. O que eu vi naquela boate foi um homem protegendo quem ele ama e duvido que um dia vire para você e diga que não te quer mais. E, caso isso acontecer, não será por aparência alguma. — Todas olham surpresas para Angel, ele sempre foi um homem de poucas palavras e ouvi-lo falar tanto e desse jeito, é estranho e novo.

— Sinceramente eu não sei o que você vê de errado na sua aparência, você tem seios enormes, bunda grande e coxas grossas, isso é ser gordo? E mesmo se fosse, o que as pessoas tem a ver com isso? — indaga Virgínia.

— Eu tive um ex-namorado, ele era perfeito comigo no começo, adorava meu corpo cheio de curvas. Uma noite em que saímos com seus amigos, um deles zombou por estar namorando uma manquinha e aquilo ficou na cabeça dele, meus pais estavam viajando. — Fecho meus olhos segurando as lágrimas, lembrando de cada palavra que ele me disse naquela noite.

“— Henry, você está bem? — Tínhamos acabado de chegar na casa dele, meus pais viajaram para visitar parentes e eu quis ficar e passar esses dias na casa do meu namorado.

— Você ouviu o que o Phillipe falou? — O olhar azul dele está enigmático.

— Sim, mas eu não ligo para isso, minha deficiência nunca foi um problema para mim. — Tento me aproximar dele, mas ele me afasta.

— Charlotte, sei que estamos juntos há cinco meses e hoje foi a primeira vez que te apresentei a amigos meus, mas eu vi a forma como eles te olharam e Phillipe só expôs o que eles pensavam. — O olho sem entender nada.

— Por que está dizendo isso?

— E se essa não for a única vez que vou ter que ouvir esses comentários? Não quero sair na rua e as pessoas apontarem dizendo que estou namorando uma manquinha fora dos padrões. — O olho surpresa.

— Isso não deveria te importar, não é você que estão ofendendo.

— Eu não quero ficar com uma mulher com quem serei obrigado a ouvir meus amigos falarem assim dela.

— Henry, eles que não seus amigos de verdade. Não aceitam como sua namorada é.

— Talvez eles estejam certos. Eu sou um homem bonito, com muitas mulheres querendo ter algo comigo e estou preso a alguém assim, com defeito. — Arregalo meus olhos.

— Por que está dizendo essas coisas? Você me ama. — Ele ri.

— Talvez eu só tenha me aproximado de você porque ainda não foi tocada por ninguém. Ter uma boceta virgem é sempre bom, uma que só eu tenha tido acesso. — Fico em choque com suas palavras. — Nós só ficamos em carícias, você nem deixa eu te tocar direito, estou cansado de ter só boquetes. Se vou ser obrigado a ouvir essas zoações, o sexo tem que valer a pena. — Henry me pega pelo braço.

— Não! Me solta, eu não quero assim — digo assustada.

— Você é minha namorada, está na hora de agir como tal, senão vou começar a procurar na rua. Aí de nada vai me servir continuar com você, sua manca! — Ele tenta me beijar à força e eu a todo custo tento desviar. — Venha aqui e aja como a porra da minha namora, sua inútil. — Henry me agarra com mais força, consigo soltar um de meus braços e acerto um tapa forte no rosto dele, que me solta e eu me afasto. O olhar de fúria dele me faz temer o que pode vir, me viro para correr em direção à porta, mas sou impedida quando ele me puxa pelo cabelo e me joga no chão com força.

— Não, por favor, me deixa ir — imploro, sentindo minha cabeça doer.

— Vagabunda! Acha que uma pessoa como você pode fazer isso comigo e

sair impune? Vai se arrepender!”

— Foram muito chutes, socos, acabei apagando e acordando no hospital; pelo que os médicos me disseram, o Henry que me levou. Chegou lá assustado, dizendo que eu havia caído, todos desconfiaram dele e chamaram a Polícia; ele fugiu quando percebeu que não tinha os enganado, mas foi preso logo depois. Eu inventei para os médicos que não tinha parentes para eles não pedirem os números ou algo do tipo para ligar para meus pais. Lembro que demorou uma semana para meus pais voltarem de viagem, eu tinha dezesseis anos quando tudo isso aconteceu. Tive hematomas pelo corpo todo, machucados profundos que tiveram que levar pontos, ficaram cicatrizes enormes no meu corpo. Dois anos depois meu pai faleceu com o câncer. — Todos me encaram de olhos arregalados, sinto as lágrimas descenderem por meu rosto.

— Eu sinto muito por isso, não imaginava a gravidade — murmura Virgínia com tristeza.

— Espero que ele continue na cadeia — diz Hela.

— Lotte, eu imagino como deve ter sido, mas você vai perder a oportunidade de ser feliz por causa de um babaca desses? O Angel tem razão, o rei não é esse tipo de homem, está longe de ser — complementa Madson.

— Nunca disse que o rei poderia ser igual ao Henry, mas que ele poderia deixar de me amar quando ver as marcas no meu corpo.

— Bom dia. — Todos se levantam assustados; ao olharmos para a porta da biblioteca Claus estava lá, vestia uma camisa social azul-escura com os primeiros botões abertos, as mangas enroladas até os cotovelos mostrando cada centímetro de seus músculos, calça social escura que moldava bem suas pernas torneadas. Seu cabelo estava penteado, sua barba rala aparada e seus olhos castanho-claros olhando diretamente para mim.

Porra, como esse homem é gostoso!

— Bom dia, Sua Majestade — dizem em uníssono.

— Antes de tudo, quero me desculpar por ontem, eu agi mal com vocês; estava com raiva e cheio de frustrações e descontei em cima de vocês. — Vejo eles se entreolharem, surpresos pela atitude do rei.

— Não tem porque se desculpar; Sua Majestade só estava com a cabeça

cheia e entendemos, ainda mais depois do episódio de ontem envolvendo um de seus funcionários da guarda pessoal — murmura Angel.

— Sobre o Stan, eu me certifiquei que ele fosse dispensado e que nem chegasse perto do Palácio e das funcionárias, também fiz uma denúncia por agressão; o que ele fez é imperdoável.

— Claus, eu mesma poderia ter feito isso. Por que tem essa necessidade de fazer tudo sem me consultar antes? — Ele ri.

— Acha que o que fiz foi errado?

— Claro que não, mas quem tinha que fazer isso era eu.

— Charlotte, não entende que eu só queria te proteger? Que eu me preocupo com tudo que tem a ver com você? — Vejo Virgínia soltar um suspiro ao ouvir isso, Angel e Hela olham para mim e piscam.

— Nós vamos deixar vocês sozinhos; com licença, Sua Majestade. — Todos saem, um a um, e quando só estamos nós dois no ambiente, fico confusa quando Claus tranca a porta.

— Por que trancou a porta? — Sem dizer uma palavra, ele começa a avançar, a passos lentos, como um leão em busca da sua presa. Sinto uma intensidade enorme, o cheiro do seu perfume invade as minhas narinas, o olhar arrebatador dele me deixa desconcertada e sem saber o que fazer. Começo a andar para trás a cada passo que ele dá, mas paro quando sinto a mesa bem atrás de mim, me impedindo de continuar.

— Eu não vou dizer nada, mas vou te mostrar com gestos de que estou pouco me fodendo para o que você pensa de si mesma, de que eu amo cada parte de você; de que eu amo você. — As palavras dele me fazem ficar em êxtase.

Me amar? Ele disse isso mesmo? Meu coração parece que vai sair pela boca.

— Claus... — Antes mesmo que eu diga mais alguma coisa, ele pega na minha bunda e me levanta, sentando-me em cima da mesa, fico molhada somente com a sua respiração em meu pescoço.

— Vou beijar cada parte do seu corpo, vou te venerar com a minha alma e o meu coração; vou te amar primeiro, serei o mais perfeito e carinhoso homem do mundo — sussurra em meu ouvido.

— E depois? — Minha voz sai baixa, ele olha bem nos meus olhos e abre

aquele sorriso acompanhado de suas covinhas e olhar de predador.

— Eu vou comer tanto você, que quando andar vai sentir o meu pau ainda dentro da sua boceta. — Puta que pariu!

QUE HOMEM!

— Onde está o cavalheirismo? — provoco.

— Na cama eu sou tudo, Charlotte, menos cavalheiro, e eu vou te mostrar isso, mas antes, quero mostrar como é ser amada, como é ter um homem que realmente te ama dentro de você pela primeira vez.

— Aqui na biblioteca?

— Não, quero ouvir seus gritos e gemidos no meu quarto. — Me assusto quando ele me joga por cima de seus ombros e começa a caminhar comigo.

— Claus! O que está fazendo?

— Levando a minha presa para o abatedouro — começo a rir de suas palavras.

— Os funcionários vão ver. — Ele abre a porta da biblioteca e começa a andar em direção ao hall, todos que estavam pelo caminho viram a cena mais constrangedora da minha vida.

— Acha que ligo para isso? Você deveria se preocupar é com as coisas que imaginei fazer com você. — Ele segura a minha saia com a outra mão para não subir.

— Vai me punir, meu senhor? — grito com o tapa estalado que ele dá na minha bunda.

— Claus! Mas o que significa isso? — Essa voz é da Duquesa.

Onde eu vou enfiar a minha cara agora?

— Estou indo resolver um problema, à tarde vou lidar com a mídia. — Quando ele se vira para subir as escadas a Duquesa balança a cabeça, descrente, e o Duque, que estava com ela, cai na gargalhada. Os demais funcionários, incluindo Virgínia e Madson que estavam no hall, olham em total surpresa tudo aquilo.

— Você me paga, Claus Asger — murmuro.

— E pode apostar que vai, com muitos orgasmos e gritos de prazer, baby.



CAPÍTULO 12

CHARLOTTE BECKER

Claus abre a porta do seu quarto e me coloca no chão, virada de costas para a cama; quando tento me virar, ele me impede.

— Ainda não, feche os olhos. — Confusa, faço o que peço. — Agora vira devagar. — Com a ajuda dele vou me virando, quando meu corpo está completamente de frente para onde deve estar a cama, sinto seu hálito quente e gostoso em meu ouvido, ele sussurra com sua voz grossa e rouca. — Abra os olhos, baby.

Sinto meus olhos marejarem com uma emoção enorme, meu coração parece que vai sair pela boca. Claus envolve seus braços em minha cintura e sussurra em meu ouvido novamente.

— Gostou? — Olho com mais calma o caminho de pétalas de rosas vermelhas e, em cima da cama está escrito com as pétalas “Seja minha”.

— É claro que gostei, isso tudo é muito lindo, eu não sei o que dizer. — Seus lábios entram em contato com a pele exposta do meu pescoço, sinto todo meu corpo se arrepiar. Me viro, jogando meus braços em seus ombros e os seus vão à minha cintura.

— Eu sei que temos que conversar, mas neste momento a única coisa que quero é sentir você por completo. — Beija lentamente meus lábios. Quando ele me pega pela bunda para subir em seu colo, sorrio.

— Como eu já havia dito, você tem algum problema em me manter no chão. — Ele sorri malicioso.

— É que você fica melhor em cima de mim, baby. — Esse lado safado não achava que ele tinha, e eu me sinto uma pervertida por estar adorando.

Sim, temos muito o que conversar, mas como ele disse, nesse momento queremos só nos tocar e sentir cada parte dos nossos corpos.

Claus caminha comigo em seu colo, beijando meus lábios avidamente com paixão e intensidade, suas mãos apertam minhas nádegas com força, mordo seu lábio e ele geme com esse ato. Sinto a maciez do colchão em minhas costas e, com cuidado, o rei me deita sobre sua cama para acabar com os beijos. Suas

mãos ávidas e grandes passeiam por meu corpo, apalpando cada parte dele, sua boca desce com os beijos e novamente ele toca meu pescoço com seus lábios. Devagar, ele desabotoa os botões do meu uniforme, e logo meus seios dentro do sutiã de renda vermelho saltam para fora, o olhar que ele lança parece ser de admiração.

— Eu já disse e repito, esses seios são maravilhosos — murmura, ele beija o vale entre eles e, me deixando ainda mais ansiosa, abaixa as alças do sutiã deixando meus seios expostos, posso vê-lo salivar ao me olhar.

Me sinto tão... Mulher!

Olhando para meus olhos, Claus passa a sua língua no bico do seio esquerdo, meu corpo treme com o choque e ele sorri com a minha reação. Gemo alto quando ele abocanha o mamilo e suga com vontade, enquanto brinca com os dedos no outro.

— Eles estão tão durinhos, ansiosos por minha atenção — murmura, agora indo ao seio direito sugá-lo e brincar com o outro, que está ainda mais sensível.

— Claus... — gemo. Sem dizer nada, ainda com a boca em meu seio, ele desce com sua mão por meu corpo, toca a minha coxa e a arranha, subindo com a mão até o meio das minhas pernas. Ao sentir sua mão entrar em contato com a minha calcinha de renda vermelha, já molhada, sinto o seu sorriso em meu seio.

— Tão molhada... Tão minha. — Seus dedos brincam com a minha boceta por cima do tecido da calcinha.

Se assim eu já estou tendo aquela sensação de quase atingir o êxtase, imagine quando ele colocar seu pau dentro de mim.

Sem dizer nada, ele desce com sua boca por meu corpo, beijando cada centímetro, Claus me ajuda a me livrar do restante do uniforme dele e levanto um pouco o quadril para auxiliá-lo. Quando estou devidamente exposta, minhas cicatrizes vão da minha barriga às costas.

— Você é linda, cada parte sua, nunca se esqueça disso. — Não digo nada, eu fiquei sem reação com essas palavras.

Claus abaixa a minha calcinha e coloca seu rosto no meio das minhas pernas, um rubor surge em minha bochechas, nunca estive tão exposta.

— Agora relaxe e sinta a minha boca saborear cada parte da sua boceta. — Arfo quando sinto sua língua entrar em contato com meu clitóris, olho para

baixo e o safado está olhando para mim enquanto faz isso, os movimentos dele são circulares, mas logo muda para um subir e descer, desde a minha entrada até meu clitóris. Não consigo segurar e começo a gritar, finco minhas unhas nos lençóis que, com certeza, rasgaram, mas estou pouco me fodendo para isso. Esse homem não é comum, a boca, a língua dele não são comuns.

Puta que pariu, que boca!

Minhas pernas estão tremendo, gemo, grito pelo seu nome sem me importar se alguém está ouvindo. Tudo que quero é que ele não pare, eu estou tão perto, parece que estou indo ao céu.

— Claus... Eu vou...

— Goze, libere seu néctar para mim. — Sinto uma pressão, todos os músculos da minha vagina se contraírem, e sinto claramente meu orgasmo sendo sugado pela boca do rei; minha respiração está ofegante, parece que corri uma maratona.

Sem dizer uma palavra, Claus passa a sua língua em seus lábios, olha em meus olhos e se afasta, me sento na cama, curiosa com o que ele vai fazer. O rei fica em pé, nos pés da cama e, olhando fixamente em meus olhos, começa a retirar sua roupa, enquanto observo cada movimento com atenção.

Primeiro ele desabotoa a camisa, engulo em seco quando vejo seus músculos grandes e rígidos bem na minha frente, minha mão coça para tocá-los. Claus deixa a camisa cair no chão e eu fixo o olhar quando ele começa a tirar o cinto, meus olhos estão atentos a cada movimento que suas mãos fazem e mesmo não vendo, sei que ele também faz cada movimento sem deixar que seu olhar castanho-claro desvie de mim.

Me falta ar quando ele abaixa sua calça junto com a cueca boxer azul-escura; é impossível não me surpreender com o tamanho dessa coisa, e parece estar bem duro, posso ver as veias.

Isso vai caber? É normal um ser humano ter um pau tão grande e grosso? Como ele faz para manter tudo isso tão duro?

— Fica calma, baby, não vou te machucar. — Porra, a voz dele parece que engrossou mais.

— Eu... Eu não estou nervosa. — Ele sorri mostrando suas covinhas.

— Não é o que suas mãos dizem. — Olho para as minhas mãos e fico

surpresa ao perceber que estou apertando com força o travesseiro.

— Não percebi que estava fazendo isso — confesso colocando o travesseiro na cama.

— Eu disse que iria te amar, e cada parte do seu belo corpo. — Como um predador perigoso ele se aproxima, engulo em seco sentindo o calor aumentar a cada centímetro a menos que ficamos.

— Claus, você sabe que eu ainda sou... — Ele passa seu polegar em meus lábios, solta uma respiração forte e me ajuda a me deitar na cama.

— Eu sei, e quero que me responda de forma muito sincera. Você confia em mim? — Engulo em seco.

— Sim, Sua Majestade, confio em você. — Parece que isso foi o fogo aceso no pavio. Ele coloca seus lábios nos meus e ao mesmo tempo se ajeita entre as minhas pernas, juntando nossas pélvis, sinto sua virilha roçar na minha, seu pau roçar perto da minha entrada.

— Eu amo você, Charlotte. — Meu coração parece que vai sair pela boca.

Esse homem gostoso me ama!

— Eu também amo você, Claus. — Como um gatilho apertado, o rei começa a penetração com lentidão e calma, ele apoia seus cotovelos na cama, colocando seu peso neles, uma de seus mãos acaricia meu rosto e sua boca beija e mordisca meu pescoço.

Porra, isso dói, como ele é grande!

Enfio meu rosto em seu pescoço e pressiono minhas mãos em suas costas.

— Tente relaxar, não se contraia. — Balanço a cabeça, concordando.

Aos poucos seu pau entra em mim, abrindo passagem, e logo a dor se mistura ao prazer; minha boceta fica ainda mais molhada, Claus geme mais alto a cada centímetro que seu membro entra.

— Tão... Apertada, porra, que delícia! — urra feito uma fera.

Quando finalmente seu pau está dentro, devagar ele se move, com movimentos curtos de vai e vem; gemo alto, fecho meus olhos e comprimo meus lábios tentando abafar os sons que reverberam da minha garganta, mas é impossível, ainda mais quando ele aumenta o ritmo de forma gradual, sem exageros.

— Isso é bom — murmuro entre gemidos.

— Você ainda não viu nada. — E com essas palavras, ele aumenta a intensidade dos movimentos, indo mais fundo, mais pesado e mais forte.

Nossos gritos e gemidos são as únicas coisas que se ouvem na quarto.

— Porra! Que delícia de boceta, viciante, assim como o gosto! — ruge alto e em bom tom.

— Continue, Sua Majestade — gemo e ele sorri, sem parar com os movimentos.

— Caralho, como é excitante te ouvir me chamar assim estando com meu pau dentro de você.

— Eu sou sua, toda sua, então me mostre do que o rei é capaz. — Sem dizer uma palavra, Claus inverte as posições, me colocando de quatro; puxa meu cabelo para trás e mete de uma vez só, grito com o ato inesperado.

— Essa visão é dos deuses, que bunda! — Desfere um tapa em minha nádega, me surpreendendo; gemo por ele, o chamando de Sua Majestade, parece que isso o deixa com mais tesão ainda.

Nunca pensei que estaria transando, ainda mais com o rei da Dinamarca, porra! Isso só pode ser digno de um clichê bem erótico e quente.

Se isso for um sonho, por favor, não me acorde.

Observo Claus colocar a sua cueca, passamos a manhã toda aqui; infelizmente ele tem que ir por causa de uma coletiva de imprensa que foi marcada para hoje à tarde.

— Eu não sei se vou conseguir sair desse quarto — murmuro.

— Por que diz isso? — Me encara com curiosidade.

— Você fez uma cena bem interessante para sua família e os funcionários, eu fico imaginando os comentários maldosos que vão aparecer. — Ele se aproxima de mim e beija castamente a minha testa.

— Eu estou disposto a passar por cima do que for para ficar ao seu lado. — Sorrio diante de sua declaração.

— O que vai dizer na coletiva de imprensa? — questiono ao me levantar e

começar a me vestir também.

— A verdade, que o meu funcionário foi um babaca com você e eu estava protegendo a pessoa que eu amo. — O olho surpresa.

— O quê?

— Acho que esconder o que temos agora é irrelevante.

— Sim, mas e a minha família? Vão ficar expostos, não quero envolver eles nisso. — Claus pega a sua calça e enquanto veste, diz.

— Podemos trazê-los para cá. Eu sei que você vai vir com a história de incomodar e tudo mais, só que deve concordar comigo que aqui é o mais seguro para eles. — Odeio estar errada.

— Sim, devo concordar, mas...

— Vou pedir ao Niels e a guarda real para ir buscá-los, com certeza sua mãe deve estar sabendo por alto sobre isso. — Balanço a cabeça concordando.
— Ótimo, ligue depois para ela e a deixe avisada para arrumar suas coisas, ao menos o básico para vir para cá até sabermos o que vamos fazer.

Chego na cozinha e fico toda vermelha ao ver alguns funcionários aqui, todos me olham e começam a cochichar.

— Vamos parar com os falatórios? Bando de invejosos — diz Angel me defendendo, o que realmente ajudou.

— Obrigada.

— Sabe que isso é só o começo, não é? — murmura Hela.

— Sim, eu sei.

— Que cena quente foi aquela... O rei te levando nos braços, devem ter transado feito loucos. — Virgínia dá uma cotovelada na Madson.

— Não seja inconveniente — diz Angel.

— Claus é impulsivo demais — murmuro.

— Agora você e ele estão de bem, não é? Finalmente vou poder te chamar de Sua Majestade? — Arregalo meus olhos.

— Em primeiro lugar, ainda não definimos nada, não conversamos; o que

fizemos lá foi tudo, menos conversar. — Madson dá pulinhos de alegria, Angel revira os olhos e se afasta, fico ruborizada. — Segundo, vocês são minhas amigas, Angel é meu amigo e jamais aceitaria que me chamassem assim.

— Liguem a TV, a coletiva do rei começou — murmura algum funcionário, na mesma hora a televisão acoplada na parede é ligada e a imagem de Claus aparece na tela.

Até assim esse homem causa arrepios em meu corpo.

“— Quero agradecer a presença de vocês aqui hoje. Me senti no dever de dar algumas explicações a meus súditos sobre o ocorrido ontem à noite. — Pessoas começam a falar ao mesmo tempo, Claus olha para a multidão e aponta para alguém, todos se calam e a pessoa pergunta.

— Sua Majestade tem alguma ligação com a moça que protegeu? — Já começaram as perguntas.

— Vamos por partes. A moça em questão saiu na sua noite de folga do Palácio com outras funcionárias e funcionários; infelizmente, o homem que fazia parte da minha guarda real a encontrou na pista de dança e tentou agarrá-la à força; antes que eu pudesse impedir ele a agrediu e não pude aceitar uma cena daquelas. — Ouço as pessoas dizerem que ele agiu como um herói. — Eu fui até a boate para conversar justamente com essa moça. Conheci Charlotte em um evento no meu Palácio, ela estava triste e abalada por ter sido demitida do bufê que estava servindo ao evento; Charlotte tinha diversos problemas, um deles é o irmão de quinze anos, que por culpa de um motorista irresponsável, ficou paraplégico. — Todos ali parecem indignados. — Me senti no dever de ajudá-la, então ofereci um emprego no Palácio. — Ele parece rir de algo que lembrou. — Eu inventei um cargo somente para ajudá-la, inventei uma ala na minha ONG para ajudar o seu irmão que, quanto mais o tempo passava, mais difícil seria ele voltar a andar. — Novamente uma chuvas de perguntas começa, Claus aponta para outra pessoa e novamente todos se calam.

— Poderia dizer seus motivos para tal ato?

— Eu me identifiquei com ela. Charlotte perdeu o pai ainda quando era nova, e antes disso teve uma experiência horrível com um ex-namorado. Ela teve que engolir as lágrimas e a dor para assumir o pilar que seu pai tinha na família dela, foi a mesma coisa que ocorreu comigo. Perdi primeiro minha mãe, que como sabem, sofria represálias por ter vindo de uma classe diferente; meu pai se

afundou na depressão, desenvolveu um câncer e veio a falecer, eu tive que engolir tudo, o choro, a dor, para assumir o legado dele e fazer meu melhor ao povo da Dinamarca, não podia deixá-los desamparados. — O vejo soltar uma respiração pesada. — Como sabem, parei no hospital alguns dias atrás; o motivo é que eu tenho depressão e o que me levou ao hospital foi uma tentativa de suicídio, que foi impedida por Charlotte. — Todos ficam abismados por essa revelação, e eu sei que, lá no fundo, falar sobre isso deve estar sendo difícil para Claus.

— Meu Deus! Coitadinho do rei. — Alguns funcionários começam a falar e olhar para mim.

Ignoro eles e volto a atenção para a tela da TV.

— Me sinto sozinho em meu Palácio, perdi as razões da minha vida, meus pais eram tudo para mim. Cheguei a questionar a Deus porque ele não me levou junto a eles. — Meu coração se aperta ao vê-lo secar as lágrimas. — Charlotte ficou do meu lado em todos os momentos, me vê como uma pessoa comum, enxerga em mim coisas que ninguém nunca viu, ela é única. Com todas as dificuldades da sua vida, sua deficiência, a perda do pai, o irmão de cama e o dinheiro escasso, ela nunca deixou de sorrir e ver o lado bom de tudo. — Meus olhos estão marejados.

— Que deficiência ela tem, Sua Majestade? — O mesmo jornalista pergunta.

— Ela nasceu com um problema no pé que a impede de andar sem mancar. É algo que os médicos a desencorajaram de fazer uma cirurgia, visto que só poderia piorar seu problema; então ela escolheu conviver com isso e viver um dia de cada vez. Acho que essas foram algumas das coisas que me fizeram me apaixonar por ela. — O choque é total, todos o encaram com os olhos arregalados e, aqui na cozinha, os olhos de todos estão na minha direção, o que me surpreende é que alguns estão com lágrimas nos olhos. — Meu pai sempre me ensinou a ser o melhor com as mulheres, tratá-las como uma joia. Chegou um tempo em que eu achava que nunca me apaixonaria, aí ela apareceu de forma inesperada; às vezes sinto que Charlotte pode ter sido enviada por meus pais, eu não sou merecedor de tamanha beleza em pessoa. — Meu coração parece que vai sair pela boca, meu rosto deve estar todo molhado devido a quantidade de lágrimas; sinto a mão de Hela tocar meu ombro e assim como eu, ela está chorando. — Eu amo cada detalhe nela, cada coisa e por isso estou aqui, para o mundo saber que eu amo Charlotte Becker e quero tê-la ao meu lado até quando

Deus permitir. — Claus busca uma das câmeras e pede para focarem nele, ele olha firme e diz.

— Charlotte Becker, você quer se casar comigo?



CAPÍTULO 13

CHARLOTTE BECKER

Olho em choque para a TV, sentindo um misto de emoções sem precedentes. Pisco meus olhos várias vezes, tentando assimilar a última frase de Claus. Olho em volta e a atenção de todos ali está em mim, meu rosto começa a ruborizar e chego a abrir e fechar a boca sem saber o que dizer.

— Charlotte... O... Meu Deus, essa foi a declaração e pedido de casamento mais lindo que já vi na minha vida! — exclama Virgínia.

— Lotte, você está bem? — pergunta dona Loretta. Engulo em seco antes de abrir a boca pra falar.

— Estou... Eu... Eu... Eu só estou sem saber como agir, quer dizer, eu não sabia que... Ele não me falou nada... Claus... Ele... — Porra, não consigo nem formar uma frase direito.

— Acho que ele acabou se empolgando — murmura Madson me olhando.
— Lotte, acho que você vai ter que responder isso a ele; a entrevista acabou, o rei já deve estar te procurando. — Arregalo meus olhos.

— Meu Deus! O que eu faço? — Angel ri do meu desespero.

— O rei faz uma declaração e tanto e você não sabe o que fazer? Mulher, vai atrás dele e agarra logo! — Exclama uma outra funcionária, fazendo todos rirem.

Ameaço sair da cozinha, mas paro ao receber uma ligação, o número é desconhecido e acho estranho, nunca recebi ligações assim, então resolvo atender.

— Alô.

— Sentiu minha falta? — Arregalo meus olhos.

Essa voz...

— Henry! — Hela, Angel, Madson e Virgínia me olham surpresos.

— Bom saber que se lembra de mim, acabei de ver a entrevista do rei e fico me perguntando... Como uma manca igual a você conseguiu isso?

— Você deveria estar preso. — Ouço sua gargalhada.

— Saí por bom comportamento. Sabe, por sua culpa eu perdi tudo, minha família não quer saber de mim, perdi meus amigos, meu emprego, tudo! — Posso sentir a raiva em seu tom de voz.

— Minha culpa? Você tentou abusar de mim, me agrediu até me deixar inconsciente e depois fugiu da polícia, como isso é culpa minha? — grito sentindo meus olhos marejarem.

Meus olhos se encontram com o de Claus, que entrou com o maior sorriso no rosto na cozinha, mas toda a alegria que ele parecia sentir sumiu quando viu meu rosto.

— Se tivesse agido como uma namorada, nada disso teria acontecido, maldito o dia em que me envolvi com você, maldita manca! — Ele grita com ódio. — EU VOU TIRAR TUDO QUE VOCÊ TEM, DO MESMO JEITO QUE FEZ COMIGO. NÃO TENHO MAIS NADA A PERDER, SE EU FOR PARA O INFERNO VOU TE LEVAR COMIGO, SUA VAGABUNDA!

— Não me ligue nunca mais, seu verme sujo! Me deixa em paz! — grito entre as lágrimas, Claus se aproxima e tira o celular da mão.

— Alô? Quem é você? Saiba que, seja lá quem for, eu vou te caçar até embaixo das pedras! — ameaça Claus, mas parece que Henry desligou. Ele pega meu celular e põe no bolso.

— Minha mãe, meu irmão, eu preciso ir até em casa... Preciso tirar eles de lá. O Henry... Ele vai fazer alguma coisa com eles. — Claus me segura, me impedindo de andar. — Me solta!

— Ei, Charlotte, olha para mim, esse homem não vai fazer mal, nem a você e nem a sua família. — Ignoro suas palavras e tento sair novamente, mas ele me impede.

— Você não entende, você não ouviu o que ele falou, como falou... Ele vai se vingar de mim! — grito desesperada.

— Lotte, o rei tem razão, precisa se acalmar — murmura Angel, preocupado.

— EU PRECISO IR PARA CASA, EU NÃO POSSO PERDER ELES! — começo a me debater nos braços de Claus.

— Sua Majestade, acho melhor dar algo para ela se acalmar — diz Loretta.

— Preparem alguma coisa, rápido! — Hela dá a ordem em alto e bom som, as cozinheiras se apressam.

— Caralho! Deixa de ser teimosa uma vez na vida e confia em mim, porra! Eu já mandei o Niels ir junto com a guarda real buscar sua mãe e seu irmão antes da entrevista começar, eles já devem estar a caminho do Palácio.

— Claus, ouvimos os gritos do corredor, o que está acontecendo? — exclama o Duque ao entrar na cozinha, junto com sua mãe.

— Angel, explique para eles, eu vou levar a Charlotte para o quarto, ela precisar se acalmar e descansar. — Claus começa a me puxar junto com ele; quando percebe que não vou tão fácil assim, faz o que parece fazer com vontade, me joga nos ombros novamente.

— Claus, por que faz essas coisas? — exclamo alto.

— Se você se acalmar, eu te coloco no chão — murmura caminhando comigo para o hall.

— Eu não vou me acalmar até ter minha mãe e meu irmãoãos e salvos!

— Filha? — Claus havia acabado de chegar no hall, vimos minha mãe junto com Armin, na cadeira de rodas empurrada por Niels.

O rei me coloca no chão, na mesma hora vou até eles, os abraço e verifico se estão bem fisicamente.

— O que está acontecendo aqui? — questiona meu irmão.

— Acho bom irmos ao meu escritório, lá podemos conversar melhor. Niels, pode chamar minha tia e meu primo e pedir para irem ao escritório me encontrar? — Niels dá só um aceno com a cabeça e sai em direção à cozinha.

— Vamos, pois a conversa vai ser longa.

Abaixo a cabeça, sentindo um pouco de culpa por não ter dito nada para a minha mãe; o olhar que ela me lança é de tristeza.

— Charlotte, por que fez isso? Por que escondeu algo tão grande de nós? — Ela estava com lágrimas nos olhos, foi difícil para ela se acalmar depois que mostrei as marcas no meu corpo a ela. Passei anos escondendo tudo isso.

— Henry já havia sido preso, não tinha porque preocupar vocês, então só

contei as coisas horríveis que ele me disse e escondi sobre as outras coisas. — Eu estava encostada na mesa do escritório, Claus mantinha seu braço em minha cintura com possessividade.

— Eu já pedi para a polícia investigar isso, caçá-lo antes que tente algo, só temos que manter a segurança redobrada — murmura o Duque.

— Menina, hoje era para ser um dia tão feliz para vocês dois — diz a Duquesa, o que me faz lembrar do pedido de Claus.

— Eu vi a entrevista, fiquei tão emocionada ao ouvir suas palavras, Sua Majestade — comenta minha mãe.

— Maninha, então quer dizer que vai de plebeia a rainha? Isso é digno de conto de fadas — fala meu irmão, tirando um pouco do clima ruim que se instalou.

— Charlotte, sobre o Henry você pode ficar tranquila, duvido que ele consiga se aproximar com a guarda sendo redobrada para todos. E como o Axel disse, a polícia já está atrás dele; não temos provas suficientes para prendê-lo, já que ele só ameaçou, mas com a polícia tendo ele em custódia, já é um alívio. — Balanço a cabeça, concordando.

— Eu quero me desculpar pelo meu surto de uma hora atrás; eu fiquei desesperada, com medo dele fazer algo a minha mãe e meu irmão, não me perdoaria se isso acontecesse — digo olhando para eles e depois deito a minha cabeça no peito de Claus.

— Eu entendo você, só quer proteger quem ama, e eu também. — Abro o sorriso mais bobo do mundo e ele também.

— Vocês dois formam um casal lindo, mas devem se preparar para os ataques da realeza — avisa o Duque.

— Acho que depois das palavras de Claus, eles terão tanto apoio da população que a realeza terá que se calar e engolir tudo — diz a Duquesa sorrindo.

— Bom, a Charlotte aceitou o pedido? — pergunta meu irmão, com seus olhos azuis brilhando.

— Ainda não, estou aguardando — Claus responde, olhando para mim, ergo uma sobrancelha e brinco.

— Pedidos de casamento geralmente vem acompanhados de anéis de

noivado, Sua Majestade; fora que antes do casamento vem o namoro. — Ele abre o mais lindo dos sorrisos.

— Achei que um pedido na frente de câmeras que transmitiriam para o mundo todo fosse o suficiente, Senhorita Becker.

— Sim, eu seria uma idiota se não aceitasse.

— E então?

— Claro que aceito me casar, Sua Majestade.

— Ai meu Deus! Você vai ser rainha! — exclama Madson.

Estávamos no meu quarto, quer dizer, antigo quarto. Claus pediu para que colocasse minhas coisas no quarto dele e eu disse que ainda precisava processar tudo isso, mas que amanhã arrumaria tudo com a ajuda das meninas. Pedi para elas não tocarem no assunto de mais cedo, quero distrair a mente.

— Eu ainda estou descrente disso — confesso.

— Também, *né*, você chegou aqui empenhada a trabalhar e acabou conquistando o coração do rei. Vocês dois são lindos juntos — murmura Hela.

— Concordo, mas você tem que se preparar para as outras pessoas, a realeza; sei que foi lindo tudo que Claus disse, mas aposto que isso vai dar pano para manga — comenta Virgínia.

— Tinham arrumado uma noiva para ele, uma princesa. — Elas me olham chocadas.

— Eu tinha esquecido desse detalhe; geralmente fazem casamentos arranjados quando o rei até uma certa idade não se compromete com ninguém, mas ele fez isso em rede internacional, não acho que vai dar problema.

Espero que não.

CLAUS ASGER

Solto uma respiração pesada, reprimindo a vontade de mandar todos para a puta que pariu, mas não posso. Assim como eu, eles são líderes das Monarquias da União Europeia. Assim que fiz o pedido a Charlotte em rede internacional, convocaram uma videoconferência de urgência, em especial o rei da Espanha, pois estava previsto que eu me casasse com sua filha.

— Claus, o que fez hoje à tarde foi uma afronta à realeza, nos acusou na frente de todos de coisa horríveis. — Solto uma gargalhada alta diante da acusação do rei da Bélgica.

— Não seja hipócrita, todos sabem que casamentos entre pessoas de nível inferiores, na realeza, são proibidos — acuso.

— Ela não tem nenhum título, como o povo vai respeitar uma moça assim? Ainda mais defeituosa. — Com raiva da fala do rei da Suécia, dou um murro na mesa, o que faz eles se assustarem.

— Não se esqueçam que estão falando da futura rainha da Dinamarca, exijo respeito!

— Claus, eu sei que sempre foi um homem reservado, achávamos que nunca se casaria, por isso eu, juntamente com o rei da Espanha, estávamos dispostos a te casar com a filha dele. Estávamos com viagem marcada para te encontrar e apresentá-la — murmura a rainha de Luxemburgo.

— Uma viagem a meu país sem me avisarem? Aposto que essa pobre moça nem quer isso, está sendo forçada. Casamentos assim tendem ao fracasso.

— Minha filha sabe das responsabilidades de uma futura rainha, ela estava disposta a unir nossas nações — diz o rei da Espanha.

— A Dinamarca nunca esteve melhor, nunca precisou da união de famílias de reis e rainhas. É o país mais próspero na atualidade; sem minha presença na União, vocês ficam como formigas desnorteadas por terem sua casa destruída.

— Está nos ameaçando? — questiona o rei do Países Baixos.

— Só estou avisando que, se continuarem com pensamentos retrógrados, eu não vou me importar nem um pouco em sair da União. Ficar em um lugar onde não respeitam a futura rainha, minha noiva, não é o lugar que eu deveria ficar. Sei que meu pai não saiu porque minha mãe insistiu muito, mas eu não me importo nada em tirar vocês da minha vida — digo friamente.

— Esse casamento vai ser igual o de seus pais, nunca vai ser aprovado — afirma o rei da Espanha e abro um sorriso cínico.

— Então terão que engolir e serem os melhores quando nos encontrarem nas festas da realeza. — Antes que eles digam mais alguma coisa, desligo a videoconferência.

Nem que eu precise renunciar a meu título, nunca vou deixar que a

machuquem. A defenderei com a minha vida, ou eu não me chamo Claus Asger Ragnhild Bennedsen de Greisen III, o Rei da Dinamarca.



CAPÍTULO 14

CHARLOTTE BECKER

Sinto a boca ávida de Claus sugar cada parte da minha boceta, me contorço em sua cama, gemendo e gritando por seu nome; ele enfia sua língua gostosa dentro dela, com vontade, e sinto meu orgasmo se aproximar devastadoramente. Claus se levanta do meio das minhas pernas e, antes que eu possa questionar, ele encaixa minhas pernas em sua cintura e me encosta na parede com rapidez, de uma vez só ele mete e a sensação é viciante.

— Puta que pariu! Que boceta é essa? Quanto mais eu como, mais vontade eu tenho de me enterrar todo dentro de você! — vocifera alto e sem parar com as investidas.

— Porra, Claus... — gemo.

— O que você quer, Charlotte?

— Mais forte, me fode! — É tudo que consigo gritar, e como se ainda fosse possível, ele aumenta o ritmo e a força das investidas.

Esse homem está me levando à loucura.

A noite passada já havíamos transado feito feras no cio e, agora pela manhã, ele me acordou chupando a minha boceta, porra! Acordar assim é tão gostoso.

— Sinta, se vicie, esse aqui será seu para sempre, se delicie — geme as palavras sem parar com as investidas.

— Majestade, eu...

— Ah, você me deixa louco quando me chama assim quando estamos transando. — Ele beija meus lábios sem parar com os movimentos. — Goze, meu amor, goze para seu rei. — É impossível segurar qualquer orgasmo com essas palavras ditas assim; quando me libero, Claus faz o mesmo.

Encosto minha cabeça em seu ombro, ele envolve seu braço em minha cintura e juntos vamos ao banheiro.

— Sabe que precisamos descer, hoje é a cirurgia do meu irmão. — Claus me coloca sentada em cima da pia de mármore branco e caminha até a banheira

para ligá-la.

— Ainda temos tempo, quero cuidar de você — começo a rir.

— Depois de me comer loucamente? — Ele cai na gargalhada.

— Sim, precisa estar com fôlego para depois. — O rei entra no meio das minhas pernas e me puxa para um beijo.

— Sua Majestade é exigente, espero suprir seus desejos, meu senhor — brinco.

— Você não faz ideia, é mais do que mereço, bela dama. — Ruborizo diante de seu elogio.

— Eu estou ansiosa para a cirurgia do meu irmão, pelo que o médico disse, ela pode demorar horas — comento.

— É algo delicado, vão mexer com partes onde não pode haver erros, os profissionais que vão fazer a cirurgia dele são os melhores, foram selecionados a dedo. — Sua fala me faz lembrar de algo.

— Eu sei que isso é meio irrelevante agora, mas por que inventou esse projeto social? Por que inventou esse cargo?

— Eu queria te ajudar, só não sabia como. A senhorita é teimosa e orgulhosa demais. — Ele caminha até a banheira, ainda nu, para ver se ela já está boa para entrar.

— Cresci em um mundo onde nada é de graça, que sempre faziam coisas para você em troca de favores — murmuro.

— Isso não vai mais acontecer; agora que será minha esposa, tudo isso será seu. — Engulo em seco.

— Ainda é difícil acreditar que vou morar aqui, que serei a rainha de um país como a Dinamarca. — Ele estende a mão para mim e, com sua ajuda, desço da pia.

— Sei que é intimidador, mas saiba que seu rei sempre estará ao seu lado, para tudo. — Beijo seus lábios.

Era para eu estar muito feliz, mas desde ontem tenho sentido uma sensação ruim, um aperto fora do comum no peito. Espero que seja coisa boba.

Ao descermos para o hall, fomos de mãos dadas em direção à mesa do café da manhã, lá estavam minha mãe e meu irmão nos esperando; ontem, infelizmente, o Duque e a Duquesa tiveram que voltar para casa para resolver algumas coisas.

— Lotte, olha o tamanho dessa mesa, essa comida aqui dá para alimentar um batalhão — diz meu irmão surpreso.

— Sim, eu digo isso ao Claus, mas ele afirma que os funcionários tem costume de grandes banquetes — murmuro ao me sentar. O rei olha toda aquela comida, parece avaliar algo e, sem dizer nada, se vira indo em direção à cozinha, demora alguns minutos e quando volta...

— Acho que nada mais justo do que os convidar a se sentarem conosco. — Fico surpresa pela atitude de Claus.

— Sua Majestade, isso é uma honra — diz Loretta.

— Sua Majestade, não sei se vou me sentir à vontade — murmura Niels. Ele é branco, olhos pretos, cabelo já grisalho, mas tem um ótimo porte físico para a idade, fora que é bem alto.

— Eu faço questão e também insisto para que todas as refeições sejam assim. Você são importantes para a minha noiva, também são para mim. — Ele puxa sua cadeira no centro para se sentar e pega na minha mão.

— Madson, estamos sentando na mesa com o rei. — Escuto Virgínia sussurrar, e a alegria de ambas me contagia.

— Hoje é a cirurgia do seu irmão, não é? — pergunta Angel.

— Finalmente vou sair dessa cadeira, quero voltar à escola, me formar e arrumar uma namorada. — Vejo minha mãe quase se engasgar com a comida.

— Armin! — O repreende, ele ri com a reação de nossa mãe.

— O menino ao menos disse namorada, é comum na idade dele, não é? — indaga Hela.

— Se é ou não, ele tem que focar na sua recuperação e depois somente nos estudos; para ser juiz é bem difícil. — Claus olha surpreso para meu irmão.

— Juiz? Nossa, isso é fantástico, conheço faculdades ótimas, tanto aqui no país quanto fora que são incríveis para a construção no meio jurídico. — Os olhos do meu irmão brilham.

— Verdade? Meu sonho é estudar em Princeton.

— Uau, nessa faculdade só gente extremamente inteligente entra — comenta Angel.

— Mas eu vou, darei tudo de mim para que isso aconteça. — Meu irmão sempre foi muito inteligente, entrou em uma turma já avançada na escola devido sua capacidade de aprender rápido todas as coisas, com três anos ele já sabia identificar cores, números e falar algumas palavras em outros idiomas.

Se meu pai estivesse aqui, estaria babando em cima do filho.

Saio dos meus devaneios quando escuto uma notificação de mensagem no meu celular, leio a mensagem e tento fingir que o que li não me atingiu.

— Tudo bem, querida? — questiona Claus.

— Está sim, é só a minha antiga chefe, disse que tinha documentos da minha demissão que ficaram faltando, mas já está sendo resolvido.

— Qualquer coisa, posso pedir a um advogado para ver.

— Não será necessário, já está sendo resolvido; obrigada, amor. — Volto a comer e fingir que essa mensagem não me atingiu, que ela nem sequer existiu, mas é difícil.

“Olá, manquinha. Saiba que não esqueci de você. Nem que eu morra, mas vou fazer você sofrer, se arrepender de ter fodido a minha vida, vadia!”

DOIS MESES DEPOIS

Olho o teste de farmácia e eu empalideço na mesma hora, Angel me olha preocupado.

— Está tudo bem?

— Eu estou grávida. — Ele arregala os olhos.

— O casamento está marcado para daqui a três meses, e eu não sei como Claus vai reagir. — Ando de um lado para o outro, pedi a Angel que fosse à farmácia para mim, mas não dissesse nada a ninguém. Não falei com as meninas porque elas iam ficar eufóricas demais e Claus ia começar a desconfiar; Angel, por ser mais reservado, fica mais fácil de esconder, ao menos por agora.

— Lotte, por que ainda acha que Sua Majestade não aceitaria? Ele ama você, saber que vai ser pai será ótimo para ele.

— Você acha?

— Claro, deveria contar o quanto antes. Talvez possam adiar o casamento até o nascimento. — Me jogo sentada na cama do meu antigo quarto, resolvi fazer tudo aqui porque o Claus poderia chegar de repente em nosso quarto e descobrir. — E como está a Madson e você? Soube que finalmente tiveram um encontro. — O sorriso bobo dele o entrega.

— Acho que aos poucos estou conquistando ela, antes dela ir para o seu quarto, nos beijamos e nunca pensei que conseguiria; Madson estava tão cega pelo Stan que parecia algo impossível.

— O importante é que agora vocês estão se entendendo. — Pego o teste de farmácia e enfio no bolso. — Angel, não conte nada disso para ninguém, é um segredo nosso e somente eu tenho que dizer isso a meu noivo.

— Tudo bem, só não enrole muito; fale logo e deixe o restante acontecer. — Balanço a cabeça, concordando. — Bom, preciso ir ajudar a minha mãe com as compras, depois me conta como foi tudo. — Ele se levanta e sai do quarto, eu fico ali, imaginando mil e uma reações que Claus poderia ter ao receber essa notícia.

Me assusto com o toque do meu celular, quando vejo que se trata de um número desconhecido, meu corpo gela.

Só pode ser ele, faz dois meses que ninguém soube de mais nada, ele não mandou mais mensagem alguma depois daquele dia.

— O que quer?

— Nossa, agora que ficará rica vai tratar os amigos assim? — ironiza.

— Henry, eu já pedi, me esqueça, por favor.

— Eu quero que você saia do Palácio, invente algo, vá até sua antiga casa, vou estar te esperando lá. — Arregalo meu olhos.

— Como você...

— É melhor fazer o que mandei, senão mando atropelar seu irmão novamente. — Entro em choque com essa revelação.

— O quê? — Sinto as lágrimas brotarem em meu rosto.

— O único dinheiro que eu tinha, o único que me restava, paguei alguém para dar um susto em seu irmão. O cara viu a oportunidade perfeita e o

atropelou, o carro tinha uma placa clonada, os vidros escuros e já era noite, foi tudo planejado. — Uma raiva grande me atinge.

— Seu filho da puta! Se encostar no meu irmão de novo, eu mato você. — Ele ri.

— Olha, ela está mostrando as garrinhas... Se quer mesmo salvar seu irmão, se quer mesmo que a cirurgia dele não tenha sido em vão, vai até a sua casa o mais rápido possível. E é melhor não avisar ninguém, eu vou saber.

— Como soube da cirurgia do meu irmão?

— Acho que você esqueceu que sempre fui bom em *hackear*, o sistema daquele hospital de luxo é uma droga, qualquer um conseguiria invadir. — Infeliz.

— Eu odeio você.

— O sentimento é recíproco. — Então desliga.

Infeliz, maldito, nojento, eu o odeio com todo o meu ser!



CAPÍTULO 15

CLAUS ASGER

Olho com a atenção a documentação para a expansão da ONG para outros países, sei que meus advogados e outras pessoas poderiam cuidar disso, mas essa ONG é um xodó para mim, foi onde meus pais se conheceram. Tudo que tem a ver com ela me interessa inspecionar pessoalmente.

— Animado com o casamento? — questiona Axel, estávamos em Augustenborg, aqui será um dos locais que receberá a ONG Ragnhild.

— Charlotte e as amigas dela estão trabalhando para que seja o melhor, minha tia vive lá e cheia de segredos com a dona Alma.

— Isso é bom, a mãe de Charlotte parece ser uma mulher ótima, é bom minha mãe ter amizades com gente que não seja só nesse meio louco. — Ele solta uma respiração pesada. — Parece que agora querem arrumar esposa para mim. — Olho surpreso para ele.

— Axel, não precisa se casar com ninguém. — Diferente de mim, meu primo sempre foi mulherengo, mas, acima de tudo, sempre priorizou as decisões da realeza; esses foram os ideias que seu pai deixou, algo antiquado.

— O casamento da minha mãe e do meu pai foi arranjado e ambos acabaram se apaixonando, por que eu não posso tentar? — Olho descrente para ele.

— Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Deixar que escolham sua esposa, como se fossem mercadorias... — Nunca gostei disso, a maioria dessas mulheres nem querem isso, porém são forçadas por suas famílias.

— Sinceramente, eu não ligo, nunca tive a sorte de encontrar alguém que me fizesse ficar com ela mais de uma vez.

— Você não dá oportunidade alguma para elas se aproximarem sem ser para sexo, como quer achar alguém assim? — Ele ri melancólico.

— Estava pensando em passar uma temporada no Brasil, tenho algumas coisas para resolver lá e, como a minha agenda está livre, quero aproveitar meus últimos meses de solteiro. Vou depois do seu casamento.

— Primo, vai mesmo aceitar essa loucura?

— Contos de fadas não existem, não vou me apaixonar por uma mulher que parece que caiu do céu. Ao menos espero que minha futura esposa seja bonita e submissa. — Balanço a cabeça sem acreditar em suas palavras.

— Grave essas palavras, você vai achar uma mulher que resista a seus encantos e faça você comer na mão dela. E o dia que isso acontecer, meu amigo, você pode se considerar fodido e gado. — Ele ri.

— O inferno vai congelar no dia que isso acontecer.

ALGUMAS HORAS DEPOIS

Puxo a minha gravata ainda dentro do carro, já estava na propriedade do Palácio e estava ansioso para chegar e ver Charlotte. Parece loucura, mas antes sempre procurava algo para ficar longe de casa e agora fico ansioso para voltar; acho que é porque tem alguém me esperando, a mulher da minha vida.

Saio do carro e, ao entrar, vou direto para o quarto, ao chegar lá não tem nenhum sinal de Charlotte. Olho todas as salas da ala real, mas ela não está aqui, desço as escadas e encontro Alma.

— Alma, viu a Charlotte?

— Ela disse que iria encontrar com você. — Ela me olha sem entender nada. — Saiu há umas três horas.

Pego meu celular e disco o número dela, mas cai na caixa postal.

— Estranho, ela não me disse nada que iria me encontrar, tínhamos combinado de sair para jantar hoje à noite — murmuro pensativo.

— Bom, às vezes ela pode ter ido comprar algo para vestir, para sair com você e te fazer uma surpresa e não quis dizer a ninguém.

— Sim, pode ser, como está o Armin?

— As sessões de fisioterapia tem avançado com rapidez, ele já consegue mexer os dedos dos pés e a sensibilidade na perna aumenta gradualmente, o médico disse que mais seis meses e ele já vai conseguir caminhar. — A animação dela me contagia.

— Isso é maravilhoso, ele é um garoto esforçado demais, vai longe.

— Alma, aí está você, cadê a Charlotte? Eu, Madson, Hela, Loretta e Virgínia estamos esperando ela há meia hora para a degustação dos doces e bolos para o casamento. — Olho confuso para a minha tia e para Madson, que está

com ela.

— Isso está começando a ficar estranho. Madson, chame o Niels e os motoristas do Palácio — murmuro, na mesma hora ela sai em disparada à procura deles.

— Aconteceu algo? — questiona minha tia.

— Charlotte está com o celular desligado, falou para a mãe que me encontraria, mas não combinamos nada disso; ela marcou a degustação dos bolos para hoje e não está aqui. Charlotte é pontual demais, fora que mentirosa também não é sua característica — digo.

— Acha que minha filha estava escondendo algo?

— É isso que quero descobrir. — Niels entra, seguido por cinco dos motoristas do Palácio. — Algum de vocês sabe da minha noiva?

— Ela me pediu para levá-la até o centro da cidade, disse que quando quisesse voltar me ligaria... — O motorista parece pensar. — Fiquei surpreso quando vi o Stan junto com ela, Sua Majestade o contratou de novo? — Arregalo meus olhos.

— O quê? Esse homem era para estar na cadeia! — exclama Niels.

— Por que ele estava com a minha noiva? — Minha voz ficou alterada, um medo muito grande começa a me tomar.

— Vo... Sua Majestade, a própria senhorita Becker disse que ele havia voltado a ser da guarda e que seria da dela, eu não tive porque questionar, só fiz o que pedi, deixei-a no centro junto com o Stan.

— Não pode culpá-lo, querido, ele confiou na palavra de Charlotte — avisa minha tia e ela tem razão.

— Por que ele estava aqui? Por que Charlotte saiu com ele? — Me questiono.

Começo a andar de um lado para o outro sem saber o que fazer ou pensar, tudo isso está estranho demais e eu não estou gostando disso.

Me assusto com o toque do meu celular, na tela está o nome dela e um alívio enorme me atinge.

— Amor, onde você está? Estávamos preocupados.

— Que lindo, Sua Majestade. — Uma tensão enorme surge em meu corpo quando percebo que a voz é de um homem.

— Quem é você? O que está fazendo com o celular da minha noiva? — Todos no hall me olham, apreensivos.

— A segurança do seu Palácio é frágil demais, Stan teve facilidade de entrar aí e levá-la. — Meu corpo gela, uma sensação ruim começa a me consumir.

— O que fez com ela? Cadê a Charlotte? — Ele ri.

— Ela ainda está inteira, por enquanto, mas se fizer o que eu mandar, pode tê-la sã e salva.

— Eu sou o rei da Dinamarca, sabe que posso acabar com a sua vida? — ameaço.

— Eu sei quem é, mas sei que gosta dessa manquinha o suficiente para não envolver a polícia nem nada. A única coisa que eu quero é que providencie um jato particular para longe do país, com dez milhões dentro dele, e terá ela de volta.

— Como vou saber que está mesmo com ela? — Escuto uma voz feminina no fundo e logo meu coração se aperta quando a ouço.

— Claus... — Ela parece assustada.

— Meu amor, eu vou te tirar daí...

— Não faça o que eles estão pedindo, eles vão... — Escuto sons de tapas e os gritos de Charlotte começam a ressoar no celular, entro em desespero.

— FILHO DA PUTA! SE ELA ESTIVER COM ALGUM ARRANHÃO, ARRANCO SUA CABEÇA! — grito.

— É bom se apressar, posso mudar de ideia e mandar uma bala na cabeça dela e depois na minha. Como já disse, não tenho mais o que perder. — E a ligação cai.

— O que aconteceu? Claus, cadê a minha filha? — Não consigo segurar as minhas lágrimas e dona Alma parece entender. — Ele a levou, não foi? O Henry está com a minha filha, não é? — Meu silêncio diz tudo. Ela cai em prantos e Madson e minha tia tentam ampará-la.

— Sua Majestade, vou acionar todas as autoridades do país, vamos achá-la

e puni-lo — diz Niels.

— Não! Se envolver a polícia ele pode saber, Stan está junto com ele, e sabemos que o Stan era nosso contato na polícia. Mande rastrear a ligação e chame homens da sua confiança; só são eles dois, acredito que seus amigos dão conta disso, Niels. — Sem dizer nada, ele se afasta já com o telefone no ouvido.

— Que amigos são esses? — pergunta minha tia.

— Niels é um ex-militar com muitos contatos que ainda estão na ativa, em especial militares estrategistas. Se colocarmos a polícia no meio, a mídia vai saber e isso vai virar um show de sensacionalismo, fora que o Stan pode saber antes e isso seria arriscar a vida dela. Niels vai convocar somente os necessários e vamos tirar a Charlotte de lá, nem que para isso eu tenha que meter uma bala na cabeça daquele cara.

— Sua Majestade, isso pode ser perigoso — murmura Madson.

— Não tive aulas de tiro à toa, sempre fui o melhor, em especial em tiros a longa distância. — Caminho para meu escritório; chegando lá, tiro um quadro da parede, revelando o cofre.

— Claus, eu não vou deixar que cometa uma loucura — diz minha tia preocupada.

Digito a senha, abro o cofre e logo embaixo vejo a caixa que era do meu pai; dentro dela estão as duas pistolas Glock, ou G17, uso especial para militares.

— Eu vou cuidar disso e vou trazê-la de volta.

— Não! Claus, coloca essas armas no lugar. — Ela tenta pegar, mas eu a impeço.

— Se ela morrer, vai ser com essas armas que vou atirar na minha cabeça. — Ela arregala os olhos. — Porque, sem Charlotte, não vou querer mais ficar nesse mundo. — Coloco os coldres e as armas neles.

— Sua Majestade, já está tudo pronto. A localização vem da casa da família Becker. — Niels já estava com a sua arma e estende o colete para mim.

— Niels! Vai deixá-lo ir? — questiona minha tia.

— Ele é o rei, Sua Alteza, não posso contrariá-lo. Mas garanto que darei a minha vida se for preciso para que ele e Charlotte voltem bem.

Eu vou te salvar meu amor, nem que eu dê cada gota do meu sangue.



CAPÍTULO 16

CHARLOTTE BECKER

Sinto algo escorrer da minha testa, deve ser do soco que levei; não sei como não desmaiei. Quando estava próxima à ala dos motoristas, Stan apareceu, fiquei surpresa ao descobrir que ele e Henry estavam junto nessa; para não levantar suspeitas, falei para o motorista que Stan tinha sido efetivado e que era da minha guarda pessoal, o motorista acreditou e nos deixou no centro, lá já havia um carro nos esperando, era o Henry.

— Por que está com ele, Stan? Henry é um criminoso. — Ele ri e aponta a arma para mim.

— Adivinha, vadia. Por sua culpa eu tenho ficha na polícia; a declaração na frente de todo mundo me rendeu muita coisa, não consigo mais emprego e tive que gastar até o último centavo para não ir preso. Minha irmã, meu cunhado, meu pai, todos me viraram as costas! — grita.

— Você tentou me agarrar à força e ainda me bateu! Acha que eu estou errada? — Recebo um tapa estalado no rosto; assim que caio, recebo chutes nas costas, no rosto, e antes que ele acerte minha barriga, eu a protejo com os braços.

Meu bebê!

— Parece que você tem o dom de foder a vida das pessoas, mas agora é a sua vez de pagar. Depois que esse rei de merda fizer o que mandamos, eu vou meter uma bala na sua cabeça e espero que queime no inferno, manca!

— Já faz meia hora que ligamos para esse idiota, acha que ele seria burro de envolver a polícia nisso? — questiona Henry ao entrar no antigo quarto dos meus pais. A casa está vazia, arrombaram a porta.

— Conheço o Claus, aquele merdinha está com o psicológico ferrado; parece que colocou as esperanças dele nessa moça, duvido que vai arriscar a vida dela.

— Não sei não.

— Relaxa, não é porque ele é rei que vai arrumar dez milhões de uma hora para outra. Qualquer coisa, se percebermos alguma movimentação em volta da casa, matamos ela. — A naturalidade com que eles falam o que vão fazer comigo

é doentia.

— Vai lá você vigiar, eu fico aqui. — Stan balança a cabeça e sai do quarto.

— Me deixa ir, por favor. — Meu corpo dói, minha visão está turva.

— Eu esperei tanto por esse momento, eu deveria terminar o que comecei naquela noite. — Ele se aproxima, tento levantar do chão, mas estou tão fraca que mal consigo levantar o braço.

— Por favor, eu te imploro, me mata, mas não faz isso, por favor. — Ele ri.

— Relaxa, do jeito que está, nem vai sentir. — Sujo, porco imundo!

Henry rasga a minha blusa, deixando meu sutiã exposto, tento chutá-lo, mas ele segura a minha perna e arrasta meu corpo para mais perto dele, ele entra entre minhas pernas e segura meus braços.

Deus, por favor, me deixa morrer antes que isso aconteça!

— Henry... Não. — Ele leva seus lábios até perto do meu ouvido e diz:

— Eu vou fazer você sofrer! Vou te comer com tanta violência que não vai aguentar de dor, vai sangrar, vai gritar e morrer. — Começo a chorar, sentindo medo, repulsa, vontade de morrer.

Antes que seus lábios encostem nos meus, alguns disparos são ouvidos e vejo sangue sair da boca de Henry.

— Tirem esse lixo de cima dela. — Claus dá as ordens, logo alguns homens vestidos de preto retiram o corpo já sem vida de cima de mim.

— Ei, amor. Eu estou aqui, vim te salvar. — Ele se abaixa e me pega nos braços, tento sorrir, mas a dor é insuportável.

— O Stan...

— Ele foi baleado, mas ainda está vivo, já o prenderam. Eu vou te levar para o hospital. — Vejo as lágrimas escorrerem de seus olhos.

— Me perdoe. — Ele engole em seco.

— Pelo quê?

— Talvez eu não consiga cumprir a minha promessa. — Meus sentidos estão sumindo, já não consigo falar, ouço de longe os gritos de desespero do Claus, meu corpo sendo balançado, e logo em seguida apago de vez.

CLAUS ASGER

Olho para o teste de gravidez que foi encontrado no bolso da calça de Charlotte, tentando de alguma forma pensar só coisas boas, mas é difícil. Se demorássemos mais um pouco... Aquele filho da puta. Faz três horas que os médicos estão com ela. O alvoroço foi enorme, a mídia logo ficou sabendo e abarrotou a entrada do hospital, minha tia e meu primo estão lá tentando acalmar a enxurrada de repórteres. Alma, Madson, Hela, Virgínia, Niels e Angel estão aqui, Loretta ficou em casa para ficar com o Armin; ele queria vir, mas para o seu bem achamos melhor esperar saber como está a saúde dela antes de trazê-lo, ele não ia aguentar ver a irmã naquele estado.

— Sua Majestade. — Sem olhar para Angel, digo:

— Às vezes questiono Deus por tudo isso. Ele deixaria uma pessoa tão boa ser tão machucada assim, ainda mais com um filho no ventre?

— Deus não permite nada, o ser humano que é sujo e cruel, infelizmente; não culpe Deus por isso, devemos pedir a ele que ajude Charlotte a sair dessa. — Sem conseguir segurar, começo a chorar. Sinto os braços de Angel me rodearem. — Charlotte me contou sobre o bebê antes de todo mundo, ela disse que as meninas iriam fazer alarde e não queria que Sua Majestade descobrisse por agora. — Ainda em lágrimas, olho para ele e pergunto.

— Por que não me disse nada? Quando estavam todos reunidos antes de irmos salvá-la?

— Se eu dissesse o senhor iria se desesperar e, pelo que sei, missões assim requerem sangue-frio e calma. Isso poderia comprometer todo o processo e não só por a vida dela e a do bebê em risco, mas a de Sua Majestade e dos outros envolvidos também. — Por mais que não queira admitir, ele tem razão.

— Você tem o jeito do seu pai, Niels deve ter orgulho do filho dele. — Vejo Angel olhar rapidamente para o pai.

— No início foi difícil para ele ter me preparado por anos para ser um militar de elite e assumir o lugar dele como chefe da guarda real, e, no final, eu virar para ele e dizer que queria outra coisa. Hoje em dia meu pai se orgulha do homem que sou, mesmo não sendo um exemplo nato de demonstração de afeto. — Solto uma risada fraca com sua fala. — Eu e minha irmã estamos planejando abrir nosso negócio, nossa própria floricultura. — Olho surpreso para ele.

— Isso é ótimo, vocês dois amam isso.

— Sim, durante anos juntamos dinheiro, pesquisamos os melhores lugares para montar uma e estamos prestes a fechar a compra de uma loja bem no centro da cidade; nossos pais não sabem, queremos dizer a eles no dia da inauguração.

— Loretta e Niels vão ficar orgulhosos.

— Sua Majestade. — Levanto da cadeira na mesma hora quando o médico entra na ala reservada, logo atrás vem minha tia e meu primo.

— Como está a minha noiva? — O rosto dele, o olhar dele... Por que os médicos têm que fazer uma cara de enterro quando vão dar notícias de algo?

— A senhorita Becker teve que levar alguns pontos pelo corpo, está com diversos hematomas, uma das costelas foi quebrada e tem um leve inchaço na cabeça devido a pancadas que supostamente levou na região. — Alma segura o choro. — O caso dela é estável, mas não é dos melhores, ainda mais porque ela está grávida e o bebê corre risco de não aguentar, ainda mais porque houve o descolamento de parte da placenta. — Pela cara que meu primo fez, isso não é bom.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

— A paciente terá que ser monitorada o tempo inteiro; conseguimos impedir que toda a placenta se descolasse, mas ainda há o sério risco do bebê não aguentar, e temo, que futuramente, a paciente não poderá mais ter filhos, mesmo se esse bebê se salvar. — Engulo em seco, sentindo um gosto amargo na boca, solto uma respiração pesada.

— Quais as chances do bebê se salvar? — questiona Alma.

— Muito poucas, a recuperação da mãe é crucial para que o bebê sobreviva. Neste momento a paciente se encontra desacordada, com o leve inchaço na cabeça, achamos melhor induzi-la ao coma para monitorar e controlar da melhor forma possível. A senhorita Becker não tem previsão de alta, pois não sabemos ao certo como a paciente vai reagir às medicações tanto para o inchaço quanto para manter o bebê vivo. E o fato de estar muito no início da gestação piora ainda mais, podem ocorrer sangramentos na gravidez que podem levar à hemorragia e até mesmo à morte.

— Podemos ir vê-la? — pergunto angustiado.

— Acho melhor não. Sua Majestade parece abalado demais, não sei se seria algo bom ver sua noiva como está, em um quarto de UTI. — Sinto meus olhos marejarem, meu peito se apertar.

— Eu preciso ficar com ela, estar do lado dela quando acordar. — Sem conseguir me segurar começo a chorar, minha tia vem até mim e me abraça.

— Meu filho, vai para casa, toma um banho, tira esse sangue da sua roupa. Eu vou ficar aqui com a Alma e quando você voltar, vai poder ficar.

— Eu vou cuidar dela, Claus — diz dona Alma com lágrimas nos olhos.

— Não vou demorar muito, volto o mais rápido possível, por favor, não saiam de perto dela.

Ela vai sair dessa e nosso filho também.

CINCO DIAS DEPOIS

Passo minha mão pelo rosto de Charlotte, que está exatamente do mesmo jeito desde que entrei nesse quarto pela primeira vez. Sua pele está pálida, machucados espalhados pelo rosto, a cabeça ainda enfaixada, em baixo da roupa do hospital uma faixa enorme cobrindo toda a sua barriga devido à costela quebrada, no nariz os respiradores e outros aparelhos que estão ligados a seu corpo.

Eu estava com uma roupa especial, touca, luvas, máscara e um roupão, tudo azul, o médico disse que para visitar pacientes na UTI é importante que usemos esse tipo de roupa para evitar qualquer infecção. Os médicos a tiraram do coma há dois dias, quando viram que o inchaço na cabeça já não existia, e estranharam ela ainda não ter aberto os olhos.

— Sabe, a monarquia da União Europeia foi até o Palácio ontem, disseram que foram para prestar solidariedade e mandei todos se foderem. No fundo sei que estavam desejando que você morresse, para assim evitar que eu me casasse com uma plebeia. Também sei que o fato de o sangue da minha mãe correr em minhas veias faz com que fiquem ainda mais irados por, ao invés de arrumar alguém com sangue azul, eu me casar e ter um filho com alguém do mesmo mundo da minha mãe. — Solto uma risada fraca. — Charlotte, por você e por nosso filho eu seria capaz de renunciar a qualquer coisa. Vocês dois agora são o centro do meu mundo, sinto que tenho pelo que lutar, pelo que viver. — Meus olhos marejam. — Meu amor, eu preciso tanto que você acorde, que abra os olhos e me dê aquele sorriso que tanto gosto, que faz meu dia ser o melhor de todos. Nosso filho depende disso também, então eu te imploro, abra os olhos, minha vida. — Seco as minhas lágrimas quando ouço batidas na porta, peço que entrem e logo vejo Armin e Alma, ambos vestidos como eu.

— Alguma melhora? — pergunta Armin olhando para a irmã.

— Charlotte não se mexeu, os médicos disseram que já era para ela ter acordado — murmuro, sentindo as mãos de dona Alma em meu braço.

— Charlotte sempre foi forte, mesmo tendo uma aparência frágil, mas o que fizeram com ela foi demais; minha menina ainda está fraca, mas tenho fé que ela vai abrir os olhos assim que puder. — Solto uma respiração pesada.

— Minha mãe tem razão, Lotte é a melhor irmã que alguém poderia ter. Ela foi a única que conseguiu segurar tudo, mesmo depois da morte do papai. — Ele seca suas lágrimas. — Minha irmãzinha e meu sobrinho vão sair dessa.

— Sua tia disse que amanhã é a audiência do Stan, estão convencidos que ele pegará prisão perpétua e, se Henry estivesse vivo, seria pena de morte — murmura Alma.

— Axel e Niels estão cuidando disso; Niels e os homens que foram ao resgate dela são testemunhas da forma em que ela estava quando chegamos, fora que os melhores advogados do país estão cuidando para que ele nunca mais saia da cadeia, nem mesmo por bom comportamento. — Fecho as mãos em punhos. — Eu não vou à audiência, pois não conseguiria me conter e iria querer arrancar a cabeça dele com as minhas mãos.

— Você não seria o único — murmura Armin com olhos em sua irmã.

— Armin... — Uma voz baixa é ouvida no quarto, ao olharmos para a cama lá estava ela, com seus olhos azuis cristalinos nos encarando.

— Filha, meu Deus! — Dona Alma vai até a filha.

— Água... — murmura.

— Eu vou buscar e chamar os médicos. — Alma sai em disparada para fora do quarto.

— Maninha, eu fico tão feliz de você ter acordado. — Os olhos de Charlotte vão de mim para o irmão.

— Meu bebê...

— Ele está bem, meu amor, ainda mais agora que você acordou. — Pego em sua mão e não consigo conter as lágrimas.

— Aqui a água. — Alma aparece com um copo com água e canudo para facilitar, ajudo Charlotte a levantar um pouco a cabeça e sua mãe te dá a água,

que ela bebe com vontade. — Os médicos já estão vindo, provavelmente vão pedir para sairmos para examiná-la. — Balanço a cabeça, concordando.

— Claus, eu estou há quanto tempo aqui? — Sua fala ainda sai baixa, mas parece que ela consegue falar com facilidade, depois de ficar cinco dias desacordada.

— Cinco dias, os médicos tiveram que te induzir ao coma porque tinha um inchaço pequeno na cabeça; quando ele sumiu, te tiraram. Estávamos preocupados por que você ainda não demonstrava nenhuma reação. — Tento explicar da forma mais resumida.

— Com licença, que bom que acordou, senhorita Becker — murmura o médico ao entrar no quarto, junto com duas enfermeiras e outro médico.

— Precisamos que os familiares dela saiam para fazermos todos os exames, não vai demorar muito. — Antes de sair, abaixo a máscara até a altura do queixo e beijo a testa dela.

— Eu tive medo de te perder — confesso. Charlotte leva sua mão até meu rosto e seca as minhas lágrimas, isso me faz lembrar de quando eu estava na posição dela e tive que enxugar as suas lágrimas.

— Já disse, ficarei ao seu lado até você permitir. — Sorrio em meio às lágrimas.

— Então será para sempre.



CAPÍTULO 17

CHARLOTTE BECKER

DOIS MESES DEPOIS

Folheio os vestidos de noiva no catálogo; na verdade, estava olhando os vestidos de algumas moças da realeza, dizem que casamentos reais tendem a ser televisionados para o mundo todo e Claus faz questão que o mundo saiba e veja nossa união. Ele disse que não há motivos para nos casarmos às escondidas, como seus pais. No fundo sei que ele faz isso, desafiar a monarquia a reagir de alguma forma em público, porque temos o apoio da população, mas eles não são burros; óbvio que na frente de todos vão demonstrar que aprovam tudo.

Faz um mês que voltei do hospital. Fiquei com um medo terrível quando o médico explicou como estava a situação do meu bebê, mas fizeram todos os tratamentos adequados para que não houvessem mais descolamentos; também informou que o bebê pode acabar nascendo antes do tempo e que devemos estar preparados. Outra coisa que ele disse foi que a probabilidade de não ter mais filhos é enorme e, mesmo não admitindo, no fundo me senti mal por isso; sempre quis ser mãe, amo crianças e, por culpa de monstros, não posso ter mais.

O médico também pediu esforços mínimos nas duas primeiras semanas em casa; nem preciso dizer que Claus não me deixava fazer nada, por várias vezes tive que brigar por ele querer somente me carregar no colo, apesar que adoro ficar naqueles braços maravilhosos sentindo a delícia do seu peitoral, mas também gosto de fazer minhas coisas, é um tédio não ter o que fazer. Sou acostumada a trabalhar, a cozinhar, limpar, fazer tudo e agora parece que, para todos, se eu lavar um copo é surpreendente, já que sou a noiva do rei.

O casamento vai acontecer depois do nascimento do bebê; sinceramente

queria que fosse quando ele estivesse com um ano, não quero ir para a lua de mel e deixar meu filho tão novo; eu sei que vão cuidar muito bem dele, mas já imagino o ciúme que vou ter, acho que serei uma mãe bobona.

Outra novidade, meu irmão já consegue ficar de pé. Na última sessão de fisioterapia chorei horrores junto com a minha mãe ao vê-lo em pé, nem Claus conseguiu segurar as lágrimas. Pelo que disseram, meu irmão é bem esforçado e, talvez com mais três meses, não precisará da cadeira de rodas; vai ter auxílio de muletas e, com mais três meses, vai poder andar sem elas.

Também outra novidade é que estou usando a bota ortopédica que Claus havia mandado fazer para mim. Quando a vi me senti tão amada! Ele se atentou a todos os detalhes. A bota é preta, com uma aparência única, e combina perfeitamente com outros sapatos da mesma cor, ela coube perfeitamente no meu pé e nunca na minha vida achei que uma bota fosse ficar tão bonita em mim.

— Como vai a grávida mais linda do mundo? — indaga Hela entrando no quarto, seguida por Madson e Virgínia.

— Entediada, Claus colocou todos para me monitorarem vinte e quatro horas e quando está perto nem andar me deixa. — Elas riem.

— Está reclamando dele ser um noivo cuidadoso? — questiona Virgínia.

— Estou reclamando do excesso, não vou quebrar a qualquer momento.

— Acho normal a atitude dele, Claus agora tem uma família, amigos, acho que o medo de perder tudo de novo é grande, então tende a exagerar. — Isso é verdade.

— Sim, tem razão, Hela.

— Viemos aqui perguntar sobre o que fará para o aniversário de Sua Majestade amanhã. — Arregalo meus olhos.

— Aniversário? Eu não sabia disso, ninguém me disse nada, nem mesmo Claus.

— Depois da morte do pai ele parou de comemorar, se trancava no quarto e evitava ver as pessoas, mas acho que esse ano pode ser diferente — murmura Madson.

— Bom, então vamos pôr a mão na massa, amanhã ele vai passar o dia em uma reunião com governadores de alguns estados da Dinamarca, pode ser uma festa surpresa, com certeza ele deve chegar à noite. O Duque vai estar com ele,

posso pedir para enrolar, se for preciso — comento.

— Isso é ótimo, mas precisamos comprar as coisas da festa, e o rei é desconfiado de tudo, vai ser difícil esconder. — Abro um sorriso malicioso.

— Tenho meus métodos.

— Olha, está andando muito com a Madson, imagino seus “métodos” — murmura Virgínia e a Madson mostra o dedo do meio para ela.

— Eu quero fazer uma outra surpresa para ele, depois da festa de aniversário, e quero a ajuda de vocês nisso também. Claus, nesses últimos dois dias quase não parou em casa e anda cansado, quero ajudar ele a... Relaxar.

— Massagens eróticas ajudam bastante — diz Hela.

— Boquete bem feito também — completa Madson.

— A primeira coisa a se fazer é comprar uma lingerie que o deixe maluco e outra coisa que acho bom é mudar um pouco o visual, sei lá, fazer o cabelo, cortar ou pintar, e também uma maquiagem maravilhosa — diz Virgínia.

— Então é isso, vocês vão me ajudar e também comunicar aos funcionários do Palácio, mas sem dar muito na cara.

— Que a missão “Majestade não descobrir a surpresa e estragar tudo” comece — fala Hela com ironia, fazendo todas rirem.

Como eu amo essas meninas.

A sala de visitas estava toda enfeitada, todos os funcionários estão arrumados e esperando o rei; alguns optaram por só o felicitar e voltar a seus afazeres, outros que seria melhor só continuar com seus trabalhos, mas muitos estão aqui, nunca vi uma sala tão cheia de gente feliz e alegre.

— Pessoal, Sua Majestade chegou, apaguem as luzes — gritou Hela.

Ficamos todos em silêncio, aguardando Claus chegar com Niels e seu primo. Estávamos ansiosos para ver a reação dele; pelo que soube, a última vez que Claus teve uma festa de aniversário foi no ano em que seu pai morreu. Confesso que no início fiquei receosa de fazer algo assim e ele não gostar, mas temos que lhe mostrar que vamos estar sempre aqui e que agora o Palácio será um lugar cheio de alegria e pessoas maravilhosas.

Quando Claus aparece na entrada da sala de visitas as luzes são acesas, uma faixa enorme escrito “Feliz Aniversário, Claus” com diversos balões coloridos espalhados pela sala.

Posso ver a surpresa em seu rosto, logo seus olhos se encontram com os meus e o mais belo dos sorrisos no meio daquela barba rala e com covinhas surge, fazendo sumir qualquer insegurança sobre ele talvez não gostar da surpresa. As pessoas se aproximam e começam as felicitações, faço um sinal para Angel ir buscar o bolo que Loretta preparou. Passo a mão pelo meu vestido, que vai até um pouco acima dos meus joelhos, ele tem um pequeno decote V nas costas e botões que vão desde o colo até a barra. É vermelho e entrou como uma luva em meu corpo, quando vi na loja me encantei; meu cabelo está ondulado e um pouco menor, minha maquiagem está mais forte e destaca ainda mais meus olhos azuis.

Ah Claus, você não sabe o que te aguarda.

— Parabéns pra você... — Assim que vejo Angel entrar com o bolo, começo a cantar e andar para perto dele, faço sinal para ele olhar para trás e ver o bolo; quando volta a olhar para mim, estende a mão e de bom grado eu a pego.

Quando terminamos de cantar, ele apaga as velinhas. Todos começam a bater palmas, pedindo por discurso.

— Olha, nem sei por onde começar. Faz muito tempo que não tenho uma festa de aniversário. Em primeiro lugar, quero agradecer pela presença de todos, fico muito feliz por ter cada um de vocês aqui. — Ele se afasta um pouco para me olhar. — Aposto que a mente chefe é você. — Todos riem. — Obrigado por fazer todos os dias da minha vida os melhores, acho que nunca vou conseguir expressar o tamanho do meu amor por você, então vou demonstrar. — Olho confusa para ele, entretanto, levo as mãos à boca quando ele puxa uma caixa de veludo vermelho e, ao abrir, um lindo solitário, prateado, com uma pedra azul ornamentada com pequenos diamantes.

— Claus... — Não consigo dizer nada. Meu coração parece que vai sair pela boca quando ele se ajoelha.

— Não tinha te dado o anel porque estava procurando um perfeito, que combinasse com você. Quando vi essa pedra, lembrei logo dos seus belos olhos; a simplicidade dele destaca a beleza dessa pedra, assim como você. Hoje eu e Axel fomos para uma cidade distante, onde tinha esse anel.

— Então não tinha reunião? — Olho para Axel, que sorri. — Você ia me

fazer uma surpresa?

— Sim, iria te dar em um jantar amanhã, mas acho que agora, nesse momento, com todos aqui, é melhor ainda. — Faço o possível para não derramar as lágrimas. — A propósito, você está linda. — Ele tira o anel da caixa, a guarda no bolso e, com o anel em mãos, pergunta: — Charlotte Becker, aceita ser a minha rainha?

CLAUS ASGER

Começo a me despedir das pessoas, quase todas já haviam ido embora, ficando apenas as amigas de Charlotte, Angel, Loretta, Niels, Alma, Armin, minha tia e Axel. Charlotte disse que tinha que fazer uma coisa no quarto, mas já faz uns vinte minutos que não vejo sinal dela, será que aconteceu algo?

— Tudo bem, Claus? — questiona Armin.

— Sim, só preocupado com sua irmã; ela disse que precisava fazer algo no quarto, mas já faz vinte minutos e nenhum sinal dela. — Olho confuso para o rosto franzido de Armin. — Que foi? Por que está me olhando assim?

— Para um homem igual a você, para algumas coisas é bem tapado. — Me surpreendo com o comentário dele, e Alma lhe dá um tapa na cabeça. — Ai! Por que fez isso?

— O que o Armin quer dizer, Sua Majestade, é que Charlotte tem uma surpresa lá em cima para o senhor — explica Madson, lançando um olhar estranho para Hela e Virgínia.

— Uma surpresa? Mas ela não...

— É uma surpresa, é claro que ela não ia falar. Por que acha que minha irmã estava tão arrumada assim? — Novamente ele recebe um tapa, mas dessa vez de Loretta. — Ai! Estou começando a achar que estão fazendo isso porque gostam. — Todos riem de sua fala.

— Bom, sendo assim, boa noite pessoal. Muito obrigado pela festa de aniversário maravilhosa. — Aceno para todos e me viro para subir as escadas.

Ao chegar na ala real, fico surpreso por haver pétalas de rosas vermelhas espalhadas, caminho até a porta do quarto e, ao abrir, tenho que segurar meu queixo para não cair. Engulo em seco e não consigo desviar os olhos da bela imagem bem na minha frente.

— Olá baby, por que demorou tanto? — O quarto está coberto de pétalas,

com velas iluminando todo o ambiente, em uma cadeira bem em frente à cama estava Charlotte sentada, com uma lingerie preta, espartilho e, pelo que vi, meia calça também, que vai até acima das suas coxas. Seu cabelo está solto e um batom vermelho destaca ainda mais seus lábios.

— Se eu soubesse que tinha essa surpresa para mim aqui, teria abandonado todo mundo lá em baixo — murmuro sem desviar os olhos.

Ela se levanta da cadeira e, agora já em pé, a visão fica ainda mais excitante, meu pau parece que vai explodir dentro das minhas calças.

— Sua Majestade... Parece tão tenso. — Antes que ela diga mais alguma coisa, a puxo pela cintura, colando seu corpo ao meu, e ela ri. — Hoje será do meu jeito, senão, o que o seu amigo tanto quer, não vai ter — murmura passando a mão em meu pau por cima do tecido da calça.

— Porra... Assim fica difícil segurar, amor. — Ela se afasta um pouco e pega em minha mão, como uma abelha em busca de seu mel, deixo minha rainha me guiar. Charlotte faz um sinal para que eu sente na cadeira e, sem questioná-la, eu faço, mas antes que eu sente, ela pega em meu braço.

— Tire a roupa primeiro, Sua Majestade. — Sem dizer nada, faço o que ela manda, entretanto, sem tirar meus olhos dela. — Sente-se, porque agora, Sua Majestade irá se deliciar com uma boca em seu cetro. — Me sento na cadeira e quando ela se ajoelha entre minhas pernas, percebo o que fará.

— Charlotte... — Ela coloca a mão em meu pau, olha em meus olhos e abre um belo sorriso.

— Fique calmo, Sua Majestade, te chuparei até sentir seu leite em minha boca. — Puta que pariu!

Primeiro, ela passa a língua na ponta, sinto meu corpo se arrepiar e, para piorar, a diaba faz tudo olhando em meus olhos. Esses olhos azuis brilhantes que ela tem, só faz tudo isso ser ainda mais delicioso. Logo depois, sinto seus lábios em volta da cabeça do meu pau, ela suga enquanto brinca com sua língua.

Como ela faz isso?

Sua boca bem molhada começa movimentos de descer e subir, ela cobre parte do meu pau com vontade, depois retira da boca e, da forma mais sexy do mundo, passa a língua bem devagar por toda a extremidade, e ele pulsa.

Essa imagem não vai sair mais da minha cabeça.

Charlotte volta a chupá-lo, mas desta vez mais rápido, ela pressiona os lábios, sem machucar, e faz movimentos de sucção enfiando até onde dá na boca e depois voltando para a cabeça. Quanto mais rápido ela vai, mais meu pau pulsa, parece que a qualquer momento eu vou explodir.

Puta que pariu! Que boquete!

— Baby... — Pego em seu cabelo e enrosco na mão. — Eu vou gozar. — Com a boca no meu pau, ela sorri e continua com o seu maravilhoso boquete.

Sinto ele pulsar, as veias se sobressaem, urro feito um leão, aperto o cabelo de Charlotte e acompanho os movimentos da cabeça dela com a minha mão. Sem conseguir me segurar mais, eu gozo, despejando tudo em sua garganta, e, sem parar, ela continua a chupar.

Meu corpo treme, estou sensível e a safada não para de chupar, ela quer tirar até a última gota. Sem me importar se ela ainda engoliu tudo, me levanto da cadeira e a pego em meus braços, a coloco virada de costas para a parede e digo.

— Empina esse rabo para o seu rei, agora! — Ela dá uma breve olhada para trás e faz o que mando, com o maior sorriso safado.

Sem nenhuma cerimônia, coloco a sua calcinha para o lado e entro de uma vez só, enrosco seu cabelo em minha mão e puxo para trás; ela espalma suas mãos na parede. A boceta dela está molhada, sedenta por atenção.

— Ah... Claus — geme alto.

— Isso, grita, geme, agora é a minha vez de te fazer ir ao limite, de tanto prazer! — digo alto, ela empina ainda mais sua bunda e eu meto mais forte e rápido.

Nunca achei que eu fosse ficar tão viciado em uma mulher; que ela fosse me levar ao limite ainda maior, que ela tivesse uma carinha de inocente, mas com um corpo e tesão espetaculares!

— Hoje vou te comer em todas as posições possíveis e, em breve, eu quero comer esse rabinho. — Viro ela de frente e a levanto pela bunda, inverte a posição, ficando encostado na parede para poder apalpar mais essa bunda gostosa. Meto meu pau novamente, ela arfa alto, seus olhos reviram e sinto suas unhas nas minhas costas.

— Esse breve... Vai ser hoje. — Quase perco o ritmo das investidas ao

ouvir isso.

— Charlotte.

— Me coma de todas as formas possíveis. — Paro os movimentos quando ela se aproxima do meu ouvido e sussurra. — Hoje meu corpo é todo seu, para fazer o que quiser, mas só peço uma coisa.

— O quê? — questiono, ainda surpreso com esse lado dela.

— Me faça gozar tanto, a ponto de não lembrar meu nome, Sua Majestade.
— Mordo meus lábios imaginando tudo isso.

— Seu pedido é uma ordem, minha rainha. — Me viro para ir até a cama e a deito; sem dar tempo para ela pensar, volto a meter, pego suas mãos e prendo no topo da sua cabeça com uma das minhas mãos.

Como eu amo essa mulher!



EPÍLOGO

CHARLOTTE BECKER

UM ANO E MEIO DEPOIS

Demorou, mas hoje estou aqui, dentro de um carro, acompanhada pela minha mãe, com uma enxurrada de pessoas lá fora ansiosas para me ver sair do carro e caminhar até o altar da Catedral de Copenhagen. Quando o carro para, engulo em seco sentindo um nervosismo enorme me tomar.

— Querida, tudo bem? — questiona minha mãe. Ela está linda, seu vestido é verde-escuro e longo, está com um colar de pérolas dado por Claus, brincos também de pérolas, uma maquiagem que destaca seu olhos, os cabelos presos em um coque alto e bem feito e um chapéu da mesma cor.

— Todo mundo da cidade está aqui. — Olho em volta. — Acho que pode ter gente vinda de toda parte do país. — Ela sorri.

— É um casamento real, o mundo inteiro está acompanhando. — Minha mãe pega na minha mão. — Parece que só agora a ficha caiu. — Balanço a cabeça concordando.

— Será que vou ser uma boa rainha?

— Sendo quem você é, garanto que vão amá-la, meu amor. — Antes de sairmos do carro, ela beija brevemente a minha testa.

O motorista abre a porta do carro e uma enxurrada de flashes é direcionada a mim, câmeras na minha direção e pessoas gritando, eufóricas. Vejo meu irmão se aproximar, caminhando com a sua bengala com o mais belo dos sorrisos no rosto, seu cabelo preto penteado para trás e usando um uniforme parecido com o que Claus deve estar vestido.

— Seu noivo vai fazer um buraco no chão, e a propósito, você está linda, irmã. — Antes de entregar meu outro braço para meu irmão, viro para todos e dou um aceno com sorrisos, tento segurar as lágrimas ao ver cartazes com mensagens lindas.

Caminhamos lado a lado até dentro da igreja, os dois vão me acompanhar até o altar. No início, essa decisão deu o que falar para a monarquia europeia,

mas Claus disse que o casamento era nosso e o que nos fizesse felizes seria feito.

Quebrando todos os protocolos reais, meu vestido não é todo fechado como as antigas noivas vestiam, ele é tomara que caia, sem mangas longas, que aperta bem meu corpo, com detalhes em renda e pérolas, saia rodada, com uma cauda enorme, um véu rendado que cobre meu rosto, uma tiara de prata ornamentada de diamantes, que foi usada por gerações em seus casamentos; meu cabelo está solto e ondulado, minha maquiagem é simples. No pé foi outro detalhe que acharam um absurdo eu não usar saltos e sim minha bota ortopédica, mas, para a minha surpresa, Claus mandou fazer um par de botas parecidas na cor branca, para combinar o máximo possível com o vestido, mas como ele é enorme, não dará para ver. A bota que fica no meu pé com a deficiência é especial para que eu ande e fique em pé sem problema algum. Fiquei tão emocionada com essa atenção do meu noivo...

Ao entrarmos na catedral todos já estavam de pé, sons de violinos ecoam por toda parte; um caminho de pétalas de rosas brancas cobre até o altar, meu olhos logo se encontram com a beleza dos olhos castanho-claros.

Como esse homem é gostoso, espero ter o prazer de tirar essa farda na noite de núpcias. Coro com o meu pensamento pervertido.

Claus está vestindo o uniforme militar da cor preta com detalhes vermelho-escuro. Deixando o uniforme ainda mais bonito está o brasão do país e diversas medalhas, uma coroa na cabeça de marfim, ouro e pedras preciosas, na cintura está a espada real, usada por todos os reis em qualquer evento de gala. Do lado dele está Axel, vestido exatamente como ele, mas sem a espada, e Hela. Os dois são nossos padrinhos de casamento, e, para ficar justo, Claus ficou com a escolha do padrinho e eu da madrinha. Olho para a Ellinor, que segura nosso menino em seus braços; ele é idêntico ao pai, exceto pelos olhos, que são iguais aos meus. Nosso menino, nosso Karl Asger IV.

O sorriso dele vai de orelha a orelha quando chego ao altar, meu irmão e minha mãe se despedem de mim e me entregam a Claus, que pega em minha mão e me leva até onde o Arcebispo está.

— Está maravilhosa — sussurra para somente eu ouvir.

— Você também está. — Tenho que me segurar para não o beijar ainda.

— Antes de começarmos, quero ressaltar que é com muita emoção que estou aqui, celebrando essa bela união, onde se vê o amor puro, a confiança e o mais importante, a bela família que virá dessa união linda. — Uma salva de

palmas é ouvida depois da fala dele. — Vamos à cerimônia.

A atenção de todos está sobre mim. Logo após o casamento, viemos ao palácio de Christiansborg para a minha coroação; Claus está sentado em um trono, feito todo de ouro e estofado de vermelho-escuro, e eu estava em pé, tentando não surtar com tudo isso.

— É com prazer que hoje estou corando a rainha da Dinamarca. — O Arcebispo faz sinal e Axel entra, segurando uma coroa sobre uma almofada azul-escura. Fico impressionada com o tamanho dela. Toda de ouro, marfim e com pedras de esmeralda e diamantes; do lado dele, Ellinor segura o cetro e uma esfera de marfim e ouro. — Com esse óleo, eu te unjo para que tenha sabedoria. — Abaixo a minha cabeça sentindo algo molhá-la. — Com esse cetro, terá a responsabilidade em mãos. — Ellinor me entrega e logo estendo a outra mão. — Com essa esfera, terá a devoção do nosso país. — Axel se aproxima com a coroa, o Arcebispo a pega com as duas mãos e novamente abaixo a cabeça; quando a coroa é posta em minha cabeça, sinto como se algo pesasse em cima de mim.

— E com essa coroa, te nomeio Charlotte Becker Ragnhild Bennedsen de Greisen, rainha da Dinamarca.

TRÊS DIAS DEPOIS

Respiro o ar puro das Maldivas. Nunca na minha vida poderia imaginar que estaria nesse lugar paradisíaco, ainda mais na companhia do meu marido, o rei Claus Asger, da Dinamarca.

— Mais suco, Sua Majestade? — pergunta um dos funcionários do hotel.

Estava sentada em uma espreguiçadeira, apreciando esse belo sol; o tempo todo aparece alguém querendo uma foto ou ficam de longe, olhando surpresos por verem a realeza europeia curtindo em uma praia.

— Não, obrigada. — Ele dá um breve aceno com a cabeça e se retira.

Por muito tempo tive vergonha do meu corpo, das estrias, de ter partes maiores do que o padrão, mas depois que conheci Claus, esse homem mudou a minha vida; passei a me amar mais, gostar de cada detalhe em mim. Posso dizer que hoje eu sou uma nova Charlotte; não porque agora tenho um dos títulos mais importantes do mundo, mas porque eu renasci das cinzas de uma mulher magoada, triste e com traumas causados por um monstro, e agora sou as chamadas

de uma mulher limpa de qualquer dor ou tristeza, que passou por cima dos seus traumas e vergonhas e se entregou ao amor. Agora tenho o que sempre sonhei, uma família grande, feliz e que, acima de tudo, ama uns aos outros com vontade.

— O que minha bela rainha está pensando tanto? — Saio dos meus devaneios com a voz de Claus, abaixo os óculos de sol para olhar essa beldade de sunga de praia branca, todo molhado da água do mar.

— No quanto você fica gostoso todo molhado. — Ele puxa a outra espreguiçadeira para mais perto e se senta, pega uma toalha e começa a se secar. Estávamos na área comum, a nossa volta estavam pessoas da guarda real à paisana para não chamarem a atenção, havia bastante gente a nossa volta e muitas delas não deixavam de nos olhar.

— Sua Majestade, que pensamento mais pecaminoso. — Rio de suas palavras.

— Fazer o que, não é mesmo? Sua Majestade chegou e me perverteu com a sua foda inesquecível. — Ele ri. — Mudando de assunto, como está nosso menino?

— Amor, estamos longe de casa há pouco tempo, não tem porque se preocupar. Temos até o fim do mês para curtir isso tudo, depois estava pensando em irmos ao Brasil; Axel viajou depois do nosso casamento para lá, vai ficar uma temporada, mas acho que ele fez isso para se preparar para seu casamento. Sinto que ele ficar lá sozinho não vai lhe fazer bem.

— Ele não precisa se casar com quem não ama e muito menos conhece.

— Eu disse isso a ele, mas infelizmente, Axel é um Duque que segue à risca alguns protocolos da monarquia. Vamos levar nosso filho junto e usar ele para convencê-lo. — Caio na gargalhada.

Quando Karl nasceu, Axel se tornou um tio extremamente babão, até ficou mais tempo do que devia no Palácio e todo final de semana voltava para ficar com ele.

— Usar um bebê para algo assim é sujo, Sua Majestade.

— Não sabe como eu queria te sujar com outra coisa, Sua Majestade, mas antes, quero fazer algo. — Olho confusa para ele.

— O quê? — Me assusto quando, sem se importar com as pessoas que estavam olhando, Claus me ergue em seus braços e corre comigo em direção ao

mar.

— CLAUS! — grito, o safado cai na gargalhada.

— Eu amo seus gritos, Sua Majestade. — Junto comigo, ele mergulha.

— Você não existe — murmuro, já mais calma depois de entrar nessa água extremamente gelada.

— E eu amo você.

Olho a alegria no rosto dele e recordo-me do dia em que eu o encontrei caído no chão, quase sem vida. Imagino como seria a minha vida se ele tivesse conseguido se matar. Como sou grata a Deus por ter me colocado na vida dele, por tê-lo salvado a tempo e por ter dado a ele aquilo que um dia perdeu: uma família.

— Eu também te amo, meu rei.



NOTA DA AUTORA

Depressão é uma das doenças que mais mata jovens no mundo. Aos que pensam que isso é frescura, passem a prestar mais atenção naquele amigo que sempre está cabisbaixo, no amigo que não sente vontade de fazer nada, no amigo com autoestima baixa, ou no amigo que se isola. A depressão é frescura até que alguém que você ama morre.

Eu sei o que é isso, e se hoje estou aqui, viva, agradeço por Deus ter colocado em minha vida alguém que me fez ver que a vida é muito mais; que é possível superar a depressão e que é possível colocar seu amor próprio acima de tudo e que é possível se erguer das cinzas e renascer como uma nova pessoa.

**DEPRESSÃO NÃO É FRESCURA, O QUE É FRESCURA É SUA
FALTA DE EMPATIA, CUZÃO!**

Gabriela Lins



AVISO

TEREMOS UMA SPIN OFF DE AXEL?

CLARO QUE SIM! QUEM NÃO AMA O CLICHÊ DE UM HOMEM
CAFAJESTE QUE COME NA MÃO DA MOCINHA? EM BREVE, NA
AMAZON.

PRÓXIMO LIVRO SPIN OFF DA TRILOGIA AMORES PROIBIDOS:

A Redenção do
Duque Cafajeste

